



# BOLETIM INFORMATIVO

PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO

Ano LVIII | Nº 2 | maio a agosto 2023



# Boletim Informativo das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo

PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO

Maio a agosto **2023**

**PALAVRA DA VISITADORA** ..... 05

**PALAVRA DO PADRE DIRETOR** ..... 08

## **FORMAÇÃO PERMANENTE**

- Homilia na Missa de Abertura ..... 11

- De olhos abertos para uma Mística Vicentina ..... 14

- A Internacionalidade da Companhia ..... 19

- A abertura à Internacionalidade conforme o Documento  
Interassembleias ..... 27

- Reconfiguração: caminho já percorrido pelas Províncias do Brasil... 33

- Em direção a uma Cultura do Encontro ..... 40

- A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja ..... 50

- Com a Igreja, em caminho sinodal: interpelações para a vida  
religiosa consagrada e o carisma vicentino ..... 57

## **A IGREJA**

- A JMJ em que um jovem deu catequese aos bispos e explicou que  
não há cristãos sem conversão ecológica..... 67

## **NOTÍCIAS**

- SAVV na Romaria Nacional da SSVV ..... 70

- Visita fraterna de Ir. Françoise Petit e Ir. Ana Amélia Guedes ..... 71

- Encontro Interprovincial dos Conselhos do Brasil ..... 78

- Dia da Visitadora ..... 84

- Encontro de Irmãs Serventes ..... 86

- 60 Anos de Tapetes Ornamentais: Corpus Christi em Castelo - ES .... 89

- Corpus Christi no Santuário da Medalha Milagrosa ..... 91

- Corpus Christi no Chapadão do Sul ..... 93

- Pastoral e Voluntariado Vicentino .....	94
- Encontro Nacional de Assessores da Juventude Mariana Vicentina .....	97
- Colégio São José: campeão na Jornada Brasileira de Foguetes .....	99
- Jornada Mariana Vicentina em Taubaté .....	100
- V Encontro das Afiadas .....	101
- HSVP - Inauguração da Unidade Internação Santa Luísa de Marillac, nova Unidade de Apoio para o cuidado de Nossas Irmãs Doentes .....	103
<b>NOSSAS IRMÃS NA CASA DO PAI .....</b>	<b>107</b>
<b>SOLIDARIZANDO-NOS COM AS NOSSAS IRMÃS NA DOR .....</b>	<b>111</b>



**ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA  
SÃO VICENTE DE PAULO**

**PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO**

## PALAVRA DA IRMÃ VISITADORA

*Irmã Selma Aparecida dos Santos, fc*

### “VOCAÇÃO: GRAÇA E MISSÃO” É O TEMA DO ANO VOCACIONAL EM 2023

O 3º Ano Vocacional do Brasil está celebrando 40 anos do primeiro Ano Vocacional que aconteceu em 1983 cujo lema foi “Vem e segue-me”; o segundo Ano aconteceu em 2003 cujo tema foi “Batismo, fonte de todas as vocações” e o lema “Avancem para águas mais profundas”.

Nesse ano de 2023, o Ano Vocacional traz como tema “Vocação: graça e missão” e o lema “Corações ardentes, pés a caminho”, inspirado no encontro de Lucas com os discípulos de Emaús.

Iluminadas por esta proposta do Ano Vocacional, somos convidadas a contemplar a vocação, como um dom e iniciativa de Deus, a partir da experiência de encontro com o Ressuscitado, na participação da vida comunitária e em perspectiva missionária.



#### VOCAÇÃO: UM DOM E INICIATIVA DE DEUS

A vocação é sempre um dom precioso da bondade do Senhor, uma graça imensa a qual nunca agradeceremos bastante a Deus. Trata-se de um apelo pessoal e gratuito do Senhor: *“Não fostes vós que me escolhestes; mas fui Eu quem vos escolhi”* (Jo 15,16). São Vicente lembrava às Filhas da Caridade que a vocação era uma graça inestimável de Deus, que era necessário vivê-la com grande alegria e agradecer a Deus incansavelmente. *“Desde toda a eternidade vos tinha escolhido e predestinado para isso... Ó que felicidade, minhas filhas, e como a consideração desta disposição eterna de Deus sobre vós, vos deve obrigar a serdes, reconhecidas pela escolha que se dignou fazer de vós!”* (Conf. 13.02.1646, pg.163).

Recordemos com alegria todas as graças que o Senhor nos concedeu ao longo da nossa caminhada vocacional. Reconheçamos, com o nosso coração

agradecido, tudo o que o Senhor realiza em nossa vida e, através de nós, pelos pobres e por tantas pessoas que encontramos em nosso caminho.

## **VIVER A VOCAÇÃO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE ENCONTRO COM O RESSUSCITADO**

Diante de tantos desafios que encontramos ao longo da nossa missão, ficamos sem direção, pois são muitos os caminhos que nos distraem e afetam o nosso comprometimento com o anúncio do Reino proposto por Jesus. O centro e a meta de toda a vocação e missão é a pessoa de Jesus Cristo. Ele é o Mestre que nos direciona e nos provoca ao preenchimento do vazio e da busca constante que paira no coração daqueles e daquelas que estão a caminho.

Somos convidadas a fazer a mesma experiência dos discípulos de Emaús: colocarmo-nos a caminho, deixando arder nosso coração pelo Senhor, para termos ânimo e coragem diante dos desafios da nossa missão.

## **VIVER A VOCAÇÃO NA PARTICIPAÇÃO DA VIDA COMUNITÁRIA**

É na relação que emergem nossas riquezas e nossas pobreza humanas. Todas temos limites, bloqueios que fragilizam os laços comunitários. Quando aceitamos que existem tais limites, aprendemos a reconhecê-los, ajudando-nos mutuamente a superar estes limites e acolher aquilo que nos convida a ser mais criativas e corajosas.

A vida comunitária deve ser um espaço para fortalecer a nossa vocação, nossa intimidade com o Senhor, impulsionar nosso espírito missionário e nosso sentido de pertença à Companhia. Aprendemos de nossos Fundadores que a *Vida fraterna é um dos sustentáculos essenciais da vocação das Filhas da Caridade (C.9)*.

## **VIVER A VOCAÇÃO EM PERSPECTIVA MISSIONÁRIA**

Vocação, graça e missão, corações ardentes, pés a caminho. Que nossos **corações** se tornem disponíveis à escuta de Deus, dos pobres e das Irmãs..., nossos **olhos** abertos para reconhecer as maravilhas que o Senhor realiza em nós e através de nós..., nossos **pés** prontos para ir ao encontro daquelas que o Senhor nos confiou em nossa missão... e nossas **mãos** estendidas para aprender a repartir o pão da vida e da Palavra.

Que este Ano Vocacional seja para nós uma ocasião especial para rezar, louvar e agradecer a Deus pelo chamado que Ele nos fez e nos faz a cada dia.

Deixemos novamente nosso coração arder, reavivando em nós pela fé a chama do primeiro amor.

Neste Ano Jubilar da Luz de Pentecostes, caminhemos em sintonia com a Igreja do Brasil vivendo nossa vocação como graça e missão; nas idas e vindas do serviço de Cristo nos Pobres. Peçamos a proteção especial de Maria, “Mãe, Mestre e Discípula Missionária, aquela que nos ensina a ouvir o Evangelho da Vocação e a responder com alegria” (Cf. Oração do 3º Ano Vocacional do Brasil), para que seja nossa companheira de caminhada e nos ensine a viver na radicalidade o nosso seguimento a Jesus.

### **ORAÇÃO DO ANO VOCACIONAL**

*Senhor Jesus, enviado do Pai e Ungido do Espírito Santo,  
que fazeis os corações arderem e os pés se colocarem a caminho,  
ajudai-nos a discernir a graça do vosso chamado e a urgência da missão.  
Continuai a encantar famílias, crianças, adolescentes, jovens e adultos,  
para que sejam capazes de sonhar e se entregar,  
com generosidade e vigor, a serviço do Reino,  
em vossa Igreja e no mundo.*

*Despertai as novas gerações para a vocação aos Ministérios Leigos,  
ao Matrimônio, à Vida Consagrada e aos Ministérios Ordenados.*

*Maria, Mãe, Mestre e Discípula Missionária,  
ensinai-nos a ouvir o Evangelho da Vocação  
e a responder com alegria.*

*Amém!*

## PALAVRA DO PADRE DIRETOR

Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, cm

### SÃO VICENTE DE PAULO, HOMEM DE ESPERANÇA

“O futuro da humanidade está nas mãos daqueles que souberem oferecer às gerações vindouras razões para viver e para esperar”. (cf. GS, 31)

Prezados leitores e leitoras, toda pessoa humana, chamada por Deus e inspirada pelo carisma vicentino, mostra, por meio de suas atitudes e presença, seus gestos e palavras, a maneira de ser, de agir e viver de Jesus Cristo, adorador de Deus Pai e servidor da humanidade, servidor e amigo dos mais necessitados, e pode tornar-se, a exemplo de São Vicente de Paulo, uma pessoa plenamente humana: acolhedora da Palavra de Deus que perdoa e liberta, generosa, pessoa eucarística, misericordiosa diante do clamor dos que sofrem, tornar-se pessoa que busca conhecer e agir nas raízes geradoras da miséria que diminui e mata o ser humano e destrói também, aos poucos, a criação feita por Deus.

São Vicente de Paulo descobriu, na escuta da Palavra de Deus e no contato com as pessoas, em particular nos encontros com as pessoas mais pobres e sofredoras, e no discernimento dos acontecimentos da história, que sua Missão era dar continuidade à Missão de Jesus Cristo enviado pelo Pai na força do Espírito para anunciar o Evangelho aos pobres: “O Espírito do Senhor me ungiu e me enviou para anunciar a Boa Notícia aos pobres” (cf. Lc 4, 18). Totalmente doado a essa Missão, São Vicente vai orientar toda a sua vida, todo o seu ser para essa Missão que lhe confiara Deus.

A fim de realizá-la bem, segundo a vontade de Deus, São Vicente mobilizará e contará sempre com a força dos cristãos leigos e leigas de todas as condições e classes sociais, envolvendo a todos(as) numa grande rede de caridade para que o Evangelho da Vida pudesse chegar aos mais necessitados corporal e espiritualmente e sanar os sofrimentos da humanidade, renovando em todo homem e mulher a imagem de Deus.

A fim de realizá-la bem, segundo a graça do Espírito, São Vicente funda a Congregação da Missão, enviando os padres e irmãos a novas missões no meio dos mais necessitados. A fim de dar prosseguimento à missão do Senhor Jesus, São Vicente se consagrará ao mesmo tempo à formação do

clero – para que o Povo tenha missionários santos e disponíveis para a missão -, se dedicará à formação dos cristãos leigos e leigas para que possam anunciar com zelo, alegria e misericórdia o Evangelho a todos os abandonados.

A fim de realizar bem a missão à qual Deus o enviou, São Vicente, *juntamente* com Santa Luísa de Marillac, ambos, fundam na Igreja, por obra do Espírito Santo, a Companhia das Filhas da Caridade, um novo modelo de Vida Consagrada feminina, sem clausura, com estruturas leves viabilizando a mobilidade no mundo com suas periferias existenciais, a saída das Irmãs em direção ao outro para irem aonde os pobres e doentes estiverem para socorrê-los corporal e espiritualmente, em nome de Cristo.

Para realizá-la bem, Vicente de Paulo dedica-se à reforma da Igreja contribuindo na formação continuada do clero – através de retiros, conferências semanais, missões, etc., - e do episcopado, sobretudo através da participação no “Conselho de Consciência” (uma espécie de Conselho para Assuntos Religiosos/ Eclesiásticos na França do século XVII); e também convocando e formando os cristãos leigos e leigas segundo a consciência de que o batismo os faz missionários(as) para socorrer os mais pobres e necessitados, primordialmente.

São Vicente acolheu profundamente como sua a Missão do próprio Cristo, Filho de Deus, enviado na força do Espírito Santo, alegrando-se por ser chamado e enviado a dar continuidade a essa tão sublime missão, portadora de imensa esperança: “... fazer que os pobres conheçam a Deus, anunciar-lhes Jesus Cristo, dizer-lhes que o Reino de Deus está próximo e que é para os pobres. Que coisa tão grande é essa. (...) É tão sublime pregar o Evangelho aos pobres que este foi, por excelência, o ofício do Filho de Deus”<sup>1</sup>.

Para realizá-la bem à semelhança de Jesus, São Vicente, contemplando o Cristo Adorador do Pai e Servidor da humanidade sofredora, descobriu nesse Cristo virtudes que constituem o estilo de vida, o modo de ser e de agir dos(as) missionários(as) vicentinos(as): *a simplicidade, a humildade, a mansidão, a mortificação, o zelo apostólico e a caridade, coroa de todas as virtudes*. São virtudes que São Vicente adquiriu a partir do encontro pessoal com Cristo e com as pessoas que marcaram sua vida, e que o santo nos propõe para melhor realizar a missão de cada dia onde estamos hoje. São virtudes que modelam o rosto vicentino de todo o Movimento da Família Vicentina, segundo o rosto de Jesus misericordioso, missionário do Pai, enviado, na força do Espírito, aos membros mais sofredores da humanidade para trazer-lhes alívio e esperança, e também deles receber seus dons e riquezas num espírito de amizade e fraternidade.

<sup>1</sup> São Vicente de Paulo, Conf. nº 95, de 6/12/1658, *Sobre o fim da Congregação da Missão*. A tradução é nossa.

Do agir, da oração e da presença de São Vicente nascia Esperança para os outros e para si mesmo, mas Esperança, sobretudo para os mais sofredores, abandonados, pobres; do seu agir e presença nascia esperança para a Igreja, para a humanidade, para as Comunidades por ele fundadas ou por ele acompanhadas. Dele podemos aprender que a Esperança nos orienta no nosso agir, no nosso ser presença e também no nosso sofrer e nos aponta sempre, como uma luz-dom-portátil em nós, o caminho da construção da humanidade autêntica ancorada no Deus da Esperança que não nos decepciona (cf. Rm 5, 3-5).

São Vicente de Paulo fez sua passagem definitiva para o seio da Trindade Eterna no dia 27 de setembro de 1660, aos 79 anos de idade. Foi beatificado no dia 13 de agosto de 1720 e proclamado santo no dia 16 de julho de 1737. O Papa Leão XIII declarou o santo “místico da caridade”, *Patrono Universal de todas as obras de Caridade*. Hoje, sua família vicentina, estamos presentes em praticamente todos os países do mundo, sendo abraçados com o fogo do carisma na adoração do Pai e no serviço aos membros mais sofredores da humanidade, a exemplo do Cristo Jesus, nossa Esperança.

Por isso, como vicentinos e vicentinas, podemos fazer nossa essa profunda mensagem do Concílio Vaticano II: “o futuro da humanidade está nas mãos daqueles que souberem oferecer às gerações vindouras razões para viver e para esperar”. São Vicente de Paulo, presença plena de esperança, ajuda-nos a ser cristãos leigos(as), consagrados(as), padres, pessoas humanas cheias de esperança, antecipadoras, no agora do tempo presente com suas obscuridades, do ainda não da plenitude da Esperança divina vindoura. Senhor, tu nos chamaste a esta sublime vocação, tu nos inspiraste a acolher o carisma vicentino, envia-nos à tua missão de te servir no próximo necessitado e com a tua graça seremos perseverantes na alegria do Evangelho.

São Vicente de Paulo, ensina-nos a ser pessoas de esperança, portadoras de sementes de esperança, faze de nossas Comunidades lugares de Esperança, e roga por nós junto ao Cristo, nossa Esperança. Feliz celebração de São Vicente de Paulo a todos e todas.

## FORMAÇÃO PERMANENTE

Nesta seção compartilhamos alguns conteúdos apresentados no *XXII INTERPROVINCIAL DOS CONSELHOS DO BRASIL*, ocorrido de 19 a 24 de maio de 2023 na Casa Provincial de Curitiba/PR.

### ◆ HOMILIA NA MISSA DE ABERTURA ◆

*D. José Carlos Chacorowski, cm  
Bispo da Diocese de Caraguatatuba/SP*

*“Vós chorareis e vos lamentareis, mas o mundo se alegrará; vós ficareis tristes, mas a vossa tristeza se transformará **em alegria**”.*  
(Jo 16,20)



No discurso de início de seu pontificado, ano de 1978, na Praça de São Pedro, em Roma, o Santo Padre João Paulo II, exortou-nos, veementemente, a abrir, ou melhor escancarar as portas a Cristo:

*“Irmãos e irmãs: Não tenhais medo de acolher Cristo e de aceitar o Seu poder! E ajudai o Papa e todos aqueles que querem servir a Cristo e, com o poder de Cristo, servir o homem e a humanidade inteira! Não, não tenhais medo! Antes, procurai abrir, ou melhor, escancarar as portas a Cristo! Ao Seu poder salvador, abri os confins dos Estados, os sistemas econômicos assim como os políticos, os vastos campos de cultura, de civilização e de progresso! Não tenhais medo! Cristo sabe bem ‘o que está dentro do homem’. Somente Ele o sabe! Hoje em dia muito frequentemente o homem não sabe o que traz no interior de si mesmo, no mais profundo de seu ânimo e do seu coração muito frequentemente se encontra incerto acerca do sentido da sua vida sobre a terra. Deixa-se invadir pela dúvida que se transforma em desespero. Permitti, pois — peço-vos e vo-lo imploro com humildade e com confiança — permitti a Cristo falar ao homem. Somente Ele tem palavras de vida; sim, de vida eterna.”*

Em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (n.7), o Papa Francisco repete as palavras de Bento XVI que nos levam ao centro do Evangelho: “Ao início do

*ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”.*

No Evangelho de João 10,9, falando do Bom Pastor, Nosso Senhor diz: “Eu sou a porta: quem entra por mim se salvará; poderá entrar e sair, e encontrará pastagens”.

O tema deste encontro, *Províncias do Brasil atravessando portas em direção à Sinodalidade, Reconfiguração e Cultura do Encontro, parece-me em conformidade com os ensinamentos de Jesus o Bom Pastor que se apresenta como a porta que se abre à nova realidade do Reino. Também pode ser uma imagem perfeita para entendermos a experiência espiritual do Padre Vicente.* Após várias situações difíceis, como o cativo, a calúnia de roubo, a perda da herança, o pouco tempo de pároco em Clichy e o convívio com a vida rica da família de Gondi podem ter gerado uma situação de conforto e segurança. Porém a Divina Providência apresentará algumas portas diante do espírito irrequieto do Padre Vicente. Qual delas ele deverá abrir e passar? A primeira delas aparece em janeiro de 1617 na cidade de Folleville, quando o Pe. Vicente se depara com a pobreza material e espiritual do povo. Ao atender aquele ancião em confissão, tido como homem de bem, mas atormentado por pecados que não ousava confessar, Vicente compartilha sua impressão com a Senhora de Gondi: “Quantas almas se perdem! Como remediar isso?” Através da Senhora de Gondi, Deus vai apresentar uma porta ao Pe. Vicente. “Faça uma exortação a este povo para que busque a reconciliação sacramental!” Na missa da festa da conversão de São Paulo, a 25 de janeiro de 1617, o conhecido “Sermão da Missão”, não teria sido a passagem por uma das mais importantes portas da vida do Pe. Vicente? Deixa o conforto e a segurança no interior da casa dos Gondi e, quase fugido, atravessa a porta para um novo tempo, certamente indefinido e incerto. Estaria já convencido da nova missão?

Sete meses depois, encontramos o Pe. Vicente como Pároco em Chatillônles-Dombes. É o dia 20 de agosto de 1617. Já pronto para celebrar a missa e provavelmente revendo o esquema de sua homilia, será interpelado pela situação crítica na qual se encontrava toda uma família pobre acometida por grave doença. Seria necessário abandonar o primeiro esquema da homilia por outra reflexão. Teria que fechar uma porta e ousar abrir outra.

Todos conhecemos essa história e tudo o que aconteceu a partir daí. Pe. Vicente aceitou atravessar algumas portas que certamente inspiravam algum medo e preocupação. Ousou acreditar na Divina Providência. O resultado desta ousadia, depois de 406 anos, nós conhecemos porque é exatamente o que

estamos vivendo em nossas atividades missionárias.

Quantas portas tiveram de ser atravessadas nesses quatro séculos? Quais seriam as portas que hoje se apresentam diante de nossos projetos? Decidir abrir tal porta nos custaria o preço de não abrir tantas outras, ou mesmo de fechar algumas? Algumas portas podem se abrir para o autorrefencialismo e a manutenção do comodismo. O Papa Francisco não nos anima a seguir por elas, porque não se abrirão para a sinodalidade, e nem para as maravilhosas surpresas que uma cultura do encontro nos reserva.

Na primeira leitura que ouvimos dos Atos dos Apóstolos (18,9-18), Lucas nos apresenta o missionário Paulo talvez em sua segunda viagem missionária, chegando a Corinto. Cidade de duas culturas, grega e romana, rica, pela sua localização atraía muito comércio com seus dois portos marítimos. Havia migrantes de toda parte. Grande número de escravos. Era próspera e a classe alta levava vida devassa e libertina. Era a cidade do prazer. O principal templo de Corinto era dedicado à deusa Afrodite. Muitos judeus já viviam aí. O missionário Paulo chega nesse contexto após uma missão fracassada em Atenas. Está preocupado e angustiado. Por qual das portas que se apresentam entrará? Numa noite de sono difícil, o Senhor lhe disse em visão: “Não tenhas medo; continua a falar e não te cales, porque eu estou contigo. Ninguém te porá a mão para fazer mal. Nesta cidade há um povo numeroso que me pertence.” Paulo atravessou a porta acreditando na promessa do Senhor. E foi em frente, evangelizou a cidade de Corinto.

E que pensar das palavras de Jesus neste evangelho? (Jo 16,20-23): “Vós chorareis e vos lamentareis, mas o mundo se alegrará; vós ficareis tristes, mas a vossa tristeza se transformará em alegria”. Nunca é fácil e confortável quando temos de refletir sobre nossos projetos e sobre um novo rumo para nossas atividades. Choro e lamentações são portas que se apresentam nos desafiando a continuar com a aparente situação de conforto e segurança atual.

São Paulo, São Vicente e Santa Luísa passaram por estas experiências espinhosas, ousaram atravessar portas que, em cada momento, se apresentaram necessárias. Não encontramos a palavra *sinodalidade* em seus escritos, mas a realidade sinodal sim. Caminharam juntos. Uniram esforços e esperanças. Choraram juntos. Sonharam juntos. Venceram juntos. Seguindo a promessa de Nosso Senhor, seus corações se alegraram e ninguém conseguiu roubar-lhes a alegria.

Que a plêiade de santos mártires e bem-aventurados da Família Vicentina sejam sempre luz e motivação para as Províncias do Brasil, atravessando portas em direção à Sinodalidade, Reconfiguração e Cultura do Encontro.

## DE OLHOS ABERTOS PARA UMA MÍSTICA VICENTINA



Pe. Tomaz Mavrič, cm  
Superior Geral

Queridas Irmãs, prezados Padres, é um prazer revê-los hoje neste *Encontro dos Conselhos Provinciais das Filhas da Caridade do Brasil*, que começou ontem e continuará até 24 de maio. Recebi o comunicado de que o tema deste encontro seria: *Províncias do Brasil, atravessando portas em direção à Sinodalidade, Reconfiguração e Cultura do Encontro*. A mim foi pedido para falar sobre o seguinte assunto: *De os olhos abertos para uma mística vicentina*. É com prazer que o faço.

Como já sabem, graças à minha primeira carta circular após a minha eleição como Superior Geral em 2016, vejo São Vicente como um místico da Caridade. Karl Rahner, teólogo jesuíta alemão do século XX, disse estas palavras proféticas: *“Os cristãos do futuro serão místicos ou não serão cristãos”*. Ele expressou esta ideia de várias maneiras: *“No mundo pós-cristão, todos os cristãos serão místicos”*, ou ainda, *“No futuro, sereis um místico (uma pessoa que fez uma verdadeira experiência de Deus), ou então não sereis nada”*. Parece-me que esta última expressão define bem São Vicente. Ele fez uma verdadeira experiência de Deus. No entanto, por que eu disse que ele era um *místico da Caridade*?

A primeira pessoa a utilizar essa expressão é o meu confrade italiano, Giuseppe Toscani, que reconheceu que Vicente unia misticismo e ação. A sua ação, bem o sabemos, exprimia a caridade para com todos aqueles que sofriam com as misérias de seu tempo. Se sua caridade é facilmente notada, devemos mergulhar em sua espiritualidade para descobrir seu misticismo. Eis o que tentei fazer em algumas das minhas cartas do Advento e da Quaresma, entre o Advento de 2016 e o Advento de 2019. Nestas cartas refleti sobre os cinco pilares sobre os quais São Vicente construiu a sua espiritualidade: a Encarnação, a Trindade, a Eucaristia, a Virgem Maria e a Providência. Cada um deles devia encarnar-se na sua vida quotidiana, tal como deve encarnar na nossa, se queremos viver segundo a herança que ele nos deixou, no mundo e junto das pessoas a quem servimos. Devemos continuar a construir pontes entre a celebração dos

mistérios, o cotidiano e o mundo. Ou seja, devemos ser *“contemplativos na ação e apóstolos na oração”*.

Numa dessas cartas, a do Advento de 2018, aprofundi a fonte em que Vicente se baseou para alcançar um misticismo tão elevado e obter a força necessária para realizar tantas obras de caridade: a oração diária.

Uma das frases mais citadas de São Vicente, tirada de uma conferência dada aos membros da Congregação da Missão, expressa com eloquência a atitude de Vicente:

*“Dai-me um homem de oração e ele será apto para tudo. Poderá dizer com o Santo Apóstolo: ‘Tudo posso naquele que me sustenta e me conforta’ (Fl 4,13). A Congregação da Missão subsistirá enquanto o exercício da oração nela for fielmente praticado, porque a oração é como uma fortaleza inexpugnável que protegerá os missionários contra toda a sorte de ataques”<sup>1</sup>.*

Vicente falava da oração quotidiana. Ele afirmou aos seus seguidores:

*“Ora, avante, demo-nos todos à prática da oração, pois por meio dela nos vêm todos os bens. Se perseveramos na nossa vocação, será graças à oração. Se tivermos bom êxito em nossos encargos, será graças à oração. Se não cairmos no pecado, será graças à oração. Se permanecermos na caridade, se nos salvarmos, tudo isso será graças a Deus e à oração. Assim como Deus nada recusa à oração, quase nada concede sem a oração”<sup>2</sup>.*

Para encorajar seus filhos e filhas a fazer a oração, ele utilizou muitas metáforas comumente empregadas por autores espirituais de sua época, dizia-lhes que a oração é para a alma o que o alimento é para o corpo<sup>3</sup>. Ela é uma *“fonte de juventude”* onde somos revigorados<sup>4</sup>. É um espelho no qual vemos todas as nossas imperfeições e nos ajustamos para nos tornarmos mais agradáveis a Deus<sup>5</sup>. É um refrigerio em meio à nossa difícil luta cotidiana no serviço dos pobres<sup>6</sup>. Ela é uma pregação que fazemos a nós mesmos<sup>7</sup>, disse Vicente aos missionários. É um livro de recursos para o pregador, no qual

<sup>1</sup> Obras completas- São Vicente de Paulo, Tomo XI, Colóquios, doc. 67, pág. 85 – “Sobre a oração”.

<sup>2</sup> Obras completas- São Vicente de Paulo, Tomo XI, Colóquios, Conf. 168, pág. 417 – Partilha de Oração de 10 de agosto de 1657.

<sup>3</sup> SV, Conf. 37, pág. 273, de 31 de maio de 1648, “Sobre a oração”.

<sup>4</sup> Ibid. pág. 274.

<sup>5</sup> Ibid, pág. 273.

<sup>6</sup> SV, Conf. 36, pág. 264, de 1 de maio de 1648, “Sobre o bom uso das instruções”.

<sup>7</sup> Obras completas- São Vicente de Paulo, Tomo XI, Colóquios, doc. 68, pág. 85 – “Sobre a oração”.

podem-se encontrar as verdades eternas e transmiti-las ao povo de Deus<sup>8</sup>. Ela é um doce orvalho, que refresca a alma a cada manhã, disse Vicente às Filhas da Caridade<sup>9</sup>.

Vicente aconselhava Santa Luísa de Marillac a formar bem as Irmãs jovens para a oração<sup>10</sup>. Ele deu muitas conferências práticas sobre esse assunto. Assegurava às Irmãs que, de fato, a oração é muito fácil, é como se conversássemos com Deus durante meia hora. Ele dizia que se alguns são felizes pelo fato de falar com o rei, deveríamos nos alegrar em poder falar com Deus, de coração para coração, todos os dias<sup>11</sup>.

Para Vicente, a oração é uma conversa com Deus, com Jesus, na qual expressamos nossos sentimentos mais profundos (ele chamou esta oração de “afetiva”) onde buscamos saber o que Deus nos pede a cada dia, particularmente, para nosso serviço aos pobres. Ela se caracteriza por uma profunda gratidão a Jesus pelas inúmeras dádivas recebidas, especialmente, pela nossa vocação de servir os pobres. Da oração brotam resoluções sobre a maneira como poderíamos melhor servi-los no futuro.

Depois de nos dirigirmos ao Senhor na oração, estamos preparados para continuar o nosso serviço e tomar decisões para o bem dos pobres. Porque, *“a caridade não pode permanecer ociosa; ela aplica-nos à salvação e à consolação dos outros”*<sup>12</sup>.

Agora, permita-me oferecer-lhes algumas propostas para sua consideração a fim de avançar em seu serviço aos pobres no Brasil e além.

Em primeiro lugar, convido-lhes a considerar a reconfiguração como um meio formidável de trabalhar juntos e de liberar algumas Irmãs que servem atualmente nas funções de administração, também como um sinal dos tempos para um futuro promissor. O processo de reconfiguração das Províncias começou há cerca de 20 anos, por instigação dos Visitadores da França, que se encontravam incapazes de oferecer Diretores Provinciais às Províncias das Filhas da Caridade lá e em outros lugares. Desde então, muitas Províncias, tanto na Companhia como na Congregação, se reconfiguraram, algumas mais de uma vez. Essas reconfigurações ocorreram na América, Ásia e Europa. Quando bem preparadas, elas podem ser fonte de revitalização para as Províncias envolvidas.

<sup>8</sup> cf. Obras completas- São Vicente de Paulo, Tomo XII, Colóquios, Conf. 181, pág. 15- Partilha de Oração 1658, sobre a Obra dos Ordinandos.

<sup>9</sup> SV, Conf. 36, pág. 264, de 1 de maio de 1648, “Sobre o bom uso das instruções”.

<sup>10</sup> Obras completas- São Vicente de Paulo, Tomo IV, Correspondência, Carta 1240, pág. 67- À Luísa de Marillac (entre 1647 e 1651).

<sup>11</sup> SV, Conf. 15, pág. 75, de 14 de junho de 1643, “Sobre a explicação do regulamento”.

<sup>12</sup> Coste XII, 264-265; conferência 207, «Da caridade» (Regras comuns, Capítulo II, Artigo 12) de 30 de maio de 1659.

Estou ciente de que o seu país é enorme, mas o mesmo acontece com os Estados Unidos, para não mencionar a extensão do território da Província de St. Louise de Marillac-Ásia. Aqui, não se teria nenhuma das dificuldades que esta última deve enfrentar, com nove países, sem dúvida tantas línguas e governos que foram ou são inimigos uns dos outros.

À medida que começam a considerar a reconfiguração, exorto-vos a prestar a devida atenção à prioridade dos serviços. Não hesitem em deixar aqueles que alcançaram o seu objetivo. Continuem alguns serviços, pois eles respondem sempre às necessidades dos pobres. Em seguida, com as Irmãs disponibilizadas graças à reconfiguração, busquem iniciar novos serviços que levem em conta as necessidades dos pobres aumentando sempre mais.

Em segundo lugar, quero encorajá-las a estar abertas à possibilidade de convidar Irmãs de outras Províncias a juntarem-se à sua, no apostolado. Isso irá ajudá-las a responder a outra sugestão que lhes faço, a de abrir novas missões *ad gentes*. Nossos coirmãos servem em Tefé, aqui no seu país, e estou certo de que eles ficariam contentes em ter algumas Irmãs para colaborar com eles. No entanto, poderiam pensar igualmente em ir para outro país ou região onde as Filhas da Caridade ainda não estão presentes.

Em terceiro lugar, a nível de Família Vicentina, peço-lhes que convidem tantos ramos da Família Vicentina quanto possível a colaborar na realização de novos projetos 13 Casas nas regiões ou cidades do Brasil onde ainda não existem. Talvez se lembrem que, pouco depois da minha eleição como Superior Geral, fiz um estudo para definir um projeto comum que poderia envolver todos os ramos da nossa Família em todo o mundo. Por toda a parte, a necessidade urgente de habitação para os pobres tornou-se evidente. Assim, no *Simpósio da Família Vicentina em 2017*, lançamos a *Aliança Famvin com os sem-teto* e o projeto *13 Casas*. Esse projeto permitiu proporcionar habitações temporárias ou permanentes a muitos dos nossos irmãos e irmãs pobres (sobretudo na sequência de catástrofes naturais), contribuindo assim para os tirar da pobreza. Se ainda não estão comprometidos com este projeto, exorto que se unam a outros ramos da Família Vicentina para oferecer essa ajuda tão necessária às pessoas que vivem nas ruas, refugiados, pessoas deslocadas e moradores de favelas em alojamentos insalubres.

Em quarto lugar, quero encorajá-las a ajudar na organização dos *Centros Vicentinos de Formação e Espiritualidade* nas várias regiões do Brasil. Dado o tamanho do seu país, seria bom ter mais de um ou dois centros desse tipo

para torná-los acessíveis ao maior número possível de membros da Família. Estes centros são muito importantes para a promoção do conhecimento da espiritualidade e do carisma vicentino de todos os membros da Família Vicentina. Além disso, eles podem interessar a outros que se sentem atraídos pela maneira como Vicente respondeu ao chamado de Deus.

Por fim, gostaria de insistir para que favoreçam a criação dos Conselhos Regionais da Família Vicentina nas regiões do vosso país onde ainda não existem. O Conselho Nacional da Família Vicentina deve coordená-los. Deste modo, haverá uma sincronização a nível nacional dos diferentes projetos comuns, especialmente o projeto *13 Casas*, para o maior bem de todos aqueles que procuram servir.

Por tudo o que acabo de evocar, é preciso que percorram o caminho da sinodalidade mediante uma partilha sincera recíproca de seus sonhos e o desenvolvimento de uma cultura do encontro. Não deixem de olhar para o futuro de maneira positiva, certos de que podem contar com a força da sua fé, da sua esperança e da sua caridade.

Encontram-se diante de uma tarefa importante, mas não desanimem. Recordem-se das palavras de São Vicente a um coirmão:

*“Deus oculta aos seus servidores os frutos de seus trabalhos, por razões muito justas, mas ele nunca deixa de fazê-los frutificar. Um agricultor levará muito tempo para ver o resultado de seus trabalhos e, algumas vezes, não vê a abundante colheita que sua semente produziu. Isto aconteceu com São Francisco Xavier que não viu, durante sua vida, os frutos admiráveis que seus santos trabalhos produziram depois de sua morte, nem o progresso maravilhoso que obtiveram as missões que começara. Esta consideração deve manter o vosso coração bem aberto e elevado para Deus, com a confiança de que tudo correrá bem, apesar de vos parecer o contrário.”<sup>13</sup>*

Vicente transmitiu igualmente esta mensagem importantíssima a seus confrades: “Mas como é que Deus nos escolheu para uma coisa de tanta importância? É porque, de ordinário, ele se utiliza das matérias mais simples para as operações extraordinárias de sua graça, como nos sacramentos, nos quais se serve da água e das palavras para conferir suas maiores graças”<sup>14</sup>.

<sup>13</sup> Obras completas- São Vicente de Paulo, Tomo V, pág.504; carta 1951 a um Padre da Missão.

<sup>14</sup> Obras completas- São Vicente de Paulo, Tomo XI, Colóquios, doc. 7, pág 11-12 – «Sobre a obra dos ordinandos».

## ◆ A INTERNACIONALIDADE DA COMPANHIA ◆

*Pe. Bernard Schoepfer, cm  
Diretor Geral*

### INTRODUÇÃO

#### C. 1

a) As Filhas da Caridade formam uma Companhia reconhecida pela Igreja sob o nome de **Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, Servas dos Pobres**. A Companhia participa da missão universal de salvação da Igreja, conforme o carisma dos Fundadores, São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac.



b) A Companhia das Filhas da Caridade é uma **Sociedade de Vida Apostólica** em comunidade, que assume os conselhos evangélicos mediante um vínculo definido pelas Constituições. É de direito pontifício e isenta.

c) Em virtude de sua isenção, a Companhia goza de autonomia interna, que lhe permite organizar a vida das suas comunidades em unidade de espírito e na disponibilidade aos apelos da Igreja universal.

#### C. 6

**A Companhia é internacional.** O carisma é encarnado e tornado visível nas diversas culturas e nos diferentes países do mundo:

- pela sua vida,
- pelos seus membros,
- pela sua organização e representação,
- pela comunhão, colaboração e partilha entre as Províncias.

*Segundo Ir. Julma Neo, Conselheira Geral  
Discurso proferido na Província de Albany, julho de 2005  
Ecos Setembro-Outubro 2005*

## I. REFLEXÕES SOBRE A INTERNACIONALIDADE DA COMPANHIA

1. A internacionalidade combina duas palavras: “inter” e “nações”. Na compreensão da internacionalidade no passado, a ênfase estava mais nas “nações” do que na “inter”. Ser uma Congregação internacional significava que a Congregação estava estabelecida em várias nações; que seus membros eram de diferentes nacionalidades.

2. Historicamente, a internacionalização de uma Congregação começa quando ela se espalha para fora do país onde foi fundada e começa a aceitar membros de nacionalidades diferentes da do fundador ou do grupo fundador. Neste momento, torna-se sinônimo de expansão geográfica.

3. No passado, para manter a unidade entre estas fundações, que muitas vezes se encontravam a grande distância da Casa Mãe, dava-se muita importância à uniformidade. A teologia predominante na Igreja e na vida religiosa da época reforçava ainda mais essa uniformidade. Nas novas fundações, as Irmãs viviam o carisma de acordo com a interpretação, as expressões e as práticas correntes na Casa Mãe. Isso era considerado fazendo parte da fidelidade ao carisma.

4. Assim, no passado, a internacionalidade era entendida num sentido material ou quantitativo. Era a consequência do zelo missionário dos fundadores que se sentiam chamados a partilhar, para além das fronteiras dos seus países, o dom do carisma que tinham recebido.

5. Na compreensão atual da internacionalidade, a ênfase é colocada no “inter” (entre as nações), no que pode acontecer quando uma Congregação se move para além das fronteiras nacionais do seu fundador ou fundadora. Isto implica que o movimento “para além” das fronteiras nacionais tem consequências importantes para a Congregação. Nem mesmo os próprios fundadores previram tais consequências.

6. A internacionalidade é hoje vista como um processo de passagem do fato de “ser” internacional ao “tornar-se” internacional. “Ser” internacional é um aspecto adquirido que deriva de um fato geográfico. “Tornar-se” internacional é escolher a internacionalidade e aceitar as suas consequências. Isto afeta toda a vida dos membros, ou seja, a sua espiritualidade, estilo de vida, missão, estruturas e formação. Significa também adotar as atitudes e os valores necessários para vivê-la.

7. Assim, hoje, a internacionalidade é entendida num sentido mais dinâmico e qualitativo. Não é algo que acontece “acidentalmente”, deve ser escolhida.

8. As Sociedades de Vida Apostólica não são internacionais no sentido em que o são a Coca-Cola ou outras multinacionais. As Províncias não são simples filiais dependentes de uma sede. As Províncias têm a sua própria riqueza para trazer à comunidade internacional, uma riqueza nascida da encarnação do carisma nas suas respectivas culturas. Isto pressupõe, no entanto, que as Irmãs apreciem as culturas - as suas e as dos outros. Tal apreço não poderá acontecer enquanto entendermos as culturas num sentido restrito, limitando-as a uma cultura “elitista” ou identificando-as com o desenvolvimento material ou tecnológico.

9. A antropologia atual apresenta-nos uma compreensão da cultura muito diferente e mais rica do que a que tínhamos no passado. A cultura é um meio de se tornar humano. Toda a cultura é fundamentalmente boa, mas é também tingida de imperfeições, uma vez que é uma construção humana.

10. A teologia atual fala das “sementes do Verbo” e dos “traços do Espírito” em todas as culturas. A internacionalidade pressupõe esta nova compreensão teológica das culturas.

11. A inculturação reconhece esta realidade: que todas as culturas têm dons que podem enriquecer o carisma e, ao mesmo tempo, que os carismas são capazes de enriquecer e aperfeiçoar as culturas. Os carismas podem fazer isso porque, em última análise, todo o carisma está enraizado no Evangelho. Mas para que o carisma possa fazer isso, deve ser vivido pelos seus membros.

12. Esta ligação estreita entre inculturação e internacionalidade necessita de uma tensão dinâmica entre global e local, entre unidade e pluralismo. Uma ênfase excessiva em um deles em detrimento do outro suprime a tensão, mas distorce a verdadeira internacionalidade. Trata-se de uma tensão inevitável e necessária. Em vez de trabalharmos para eliminar esta tensão, devemos procurar formas de torná-la criativa e produtiva.

13. As Constituições de 2004 ligam explicitamente a inculturação do carisma (“O carisma é encarnado e tornado visível nas diversas culturas e nos diferentes países através do mundo”) à internacionalidade e alargam os elementos que a compõem para incluir a pertença, a comunhão, a colaboração e a partilha entre as Províncias.

14. A redação do ponto C.6 (“O carisma é encarnado e tornado visível nas diversas culturas e nos diferentes países através do mundo”) torna claro que a noção da internacionalidade nas Constituições de 2004 ultrapassa a ideia de uma internacionalidade quantitativa.

15. A internacionalidade, para nós, já não é simplesmente uma questão de estar “em muitos países do mundo”. Antes, pressupõe que as Irmãs vivam o carisma nos seus próprios contextos culturais/Províncias (“o carisma é encarnado”) e que encontrem formas de exprimi-lo (“é tornado visível nas diferentes culturas”) em harmonia com as suas culturas.

16. Internacionalidade e pertença. Isto pode ser entendido de duas maneiras. Em primeiro lugar, o fato de os membros da Companhia terem nacionalidades e culturas diferentes. Isto implica ter um sentido de pertença a uma comunidade mais alargada que se estende muito para além da própria Província ou país.

17. Em segundo lugar, que a inculturação não se realiza através de documentos, decretos de assembleias, resoluções de Encontros ou qualquer outra fonte externa como, por exemplo, o Sínodo dos Bispos ou outras reuniões do gênero.

18. Além disso, responder ao desafio da inculturação do carisma não é tarefa apenas dos responsáveis da comunidade, dos formadores ou dos peritos. Cada membro da comunidade deve encarnar o carisma na sua vida. A inculturação é um esforço pessoal e comunitário.

19. Para ser verdadeiramente internacional, o carisma deve ser inculturado em todos os domínios da vida das Irmãs e da Companhia: missão, vida comunitária, espiritualidade, estilo de vida, formação, governo, organização. A inculturação dos carismas tem a ver com a integração da vida e do carisma a um nível profundo. Deve ser muito mais profunda do que uma simples adaptação, que muitas vezes é identificada com modificações externas ou ajustamentos no estilo de vida e nas estruturas. A inculturação transforma as culturas e cria uma “nova alternativa cultural”.

20. Por vezes, quando se fala de inculturação, pensa-se em celebrações eucarísticas que utilizam cânticos, gestos, trajes e danças da cultura local. Trata-se de uma adaptação e não de uma inculturação. Pode ser um começo, mas está longe de ser suficiente. A inculturação do carisma na vida quotidiana deve preceder a inculturação na liturgia. Caso contrário, as celebrações litúrgicas serão muito mais espetáculos coloridos, destinados a serem vistos, em vez de celebrações inculturadas que brotam naturalmente da vida.

21. A internacionalidade e a organização. As estruturas da Companhia precisam ser ajustadas para corresponder à realidade de uma nova compreensão da internacionalidade. Sem isso, a internacionalidade continua a ser um ideal

que não dará frutos. Muitas vezes, este ajustamento é difícil, sobretudo para as Congregações grandes e com uma longa história, como a nossa. Apesar destas dificuldades, a Companhia deu grandes passos nesta direção depois do Vaticano II.

22. A ênfase na subsidiariedade e observâncias para permitir o seu funcionamento (Estatutos 61 e 62) são outro exemplo do ajustamento estrutural para responder às exigências da internacionalidade. Por isso, a ênfase na subsidiariedade nas nossas Constituições revistas é oportuna. Os vários projetos a nível provincial e local (o Projeto Provincial, as Normas Provinciais, o Plano de Formação, o Projeto Comunitário e os vários Diretórios e Guias, por exemplo, para as Assembleias, para os Diretores Provinciais, para as Irmãs Serventes) são concebidos como instrumentos para assegurar a inculturação e a descentralização. O mesmo se pode dizer da organização de comissões, conselhos e encontros nos quais participam sempre mais Irmãs de diferentes países.

23. Por fim, a internacionalidade, a comunhão, a partilha e a colaboração. A internacionalidade pressupõe um profundo sentido de comunhão que nasce da partilha do carisma. Este sentido de comunhão implica fazer nossas as esperanças, os sonhos, as dores e as alegrias das nossas Irmãs, onde quer que elas estejam. A comunhão dá um sentido mais profundo à partilha e à colaboração. Ela permite que as Províncias mais jovens aprendam da sabedoria das Províncias mais antigas e que estas últimas sejam rejuvenescidas pela vitalidade das primeiras.

24. Através da partilha e da colaboração, as Províncias colocam à disposição da Comunidade internacional as riquezas do carisma tal como se encarnam nas suas culturas. Ao mesmo tempo, recebem das outras Províncias os frutos dos seus próprios esforços para inculturar o carisma onde quer que se encontrem. Este grande “intercâmbio de dons” enriquece a Comunidade internacional. Esta partilha e colaboração devem ser caracterizadas pela reciprocidade, se quiser contribuir para uma verdadeira internacionalidade.

## **II. ABRIR-SE MAIS À INTERNACIONALIDADE**

As boas intenções não são suficientes para nos tornarmos verdadeiramente internacionais ou multiculturais. É preciso, antes de tudo, tomar consciência das atitudes e dos valores que nos ajudam a viver a internacionalidade e a multiculturalidade.

1. A igualdade: nasce de uma firme convicção sobre a dignidade de cada Irmã dentro da Comunidade e da igualdade fundamental de todas, baseada na partilha da mesma humanidade, da mesma fé e do mesmo carisma. A igualdade fundamental das culturas, reivindicada por João XXIII, deve tornar-se uma realidade também para nós. Esta convicção de igualdade é necessária se quisermos ultrapassar as divisões, muitas vezes subtis, criadas pela coexistência, frequentemente reconhecida, de culturas dominantes e dominadas.

2. Reconhecimento do pluralismo cultural: pressupõe o respeito pelas culturas e a valorização da sua riqueza, o que vai muito para além da mera tolerância. O pluralismo cultural na sociedade, na Igreja e nas comunidades já existe. Resta-nos aceitá-lo. Não é ignorando-o que resolveremos as dificuldades decorrentes do pluralismo cultural.

3. Empatia: A capacidade de sair de si próprio e *“calçar os sapatos do outro e andar pelo mesmo caminho que ele percorreu”*. Compreender as pessoas de outras culturas não é apenas uma questão de compreensão teórica ou intelectual, é também uma questão de ver com o coração. *“Só se vê bem com o coração”*.

4. Mutualidade ou reciprocidade: A vontade não só de partilhar, mas também de receber a riqueza de outras pessoas e de outras culturas. As pessoas e os grupos que se consideram ricos acharão a internacionalidade uma perda de tempo.

5. Caridade: Um amor pelas pessoas que nasce da convicção de que Deus as ama incondicionalmente e que cada uma, seja qual for a sua cultura, é minha Irmã. Uma *“caridade sem fronteiras”* alargará os nossos corações e sustentará a nossa paciência quando a internacionalidade e a multiculturalidade começarem a custar-nos.

6. O perdão: A vida internacional e multicultural comporta lutas e conflitos. O perdão, que nasce da caridade e da humildade, é indispensável.

É necessário identificar os obstáculos à internacionalidade e à multiculturalidade para podermos enfrentá-los. Alguns desses obstáculos não são apenas pessoais, mas são partilhados pelos nossos grupos (famílias, comunidades, grupos nacionais) e podem ser o resultado da história ou de experiências pessoais ou de grupo. Estes obstáculos estão muitas vezes presentes em nós sem que tenhamos consciência deles. Podem até serem pontos cegos para nós. Nesses casos, partimos do princípio de que são *“normais”* ou *“naturais”* até que alguém coloque em causa esse pressuposto. Esses obstáculos são, por

vezes, como o ar que respiramos ou a água para um peixe. O desafio para nós é tomar consciência da sua existência para podermos ultrapassá-los.

1. Preconceito. Os preconceitos negativos impedem toda possibilidade de interação frutuosa com outras culturas. Após um longo período de confronto com uma cidade altamente multicultural como Paris, cheguei à conclusão de que os preconceitos são uma invenção dos adultos. Não existem nas crianças, desde que estas não sejam confrontadas com adultos com os seus preconceitos.

2. Estereótipos. Tal como os preconceitos, mascaram a verdade do outro e, assim, é impossível um diálogo e uma troca mais profundos. Com os estereótipos, não vemos a Irmã como um indivíduo, mas apenas o grupo cultural ao qual ela pertence.

3. O complexo de superioridade e inferioridade cultural. Este é característico tanto das culturas dominantes como das minoritárias e está frequentemente ligado à história da colonização. Um mal-entendido da cultura no passado, que identificou a cultura com certos modos de vida e de atuação como “desenvolvidos”, reforçou este complexo.

4. O espírito tapado/fechado. Uma estreiteza de visão e mesmo um espírito mesquinho que nos impede de ver, e menos ainda de aceitar outros pontos de vista.

5. Etnocentrismo/racismo. Acreditar que o seu próprio grupo étnico ou racial é superior aos outros e, com ele, o direito induzido de dominar os outros. Quer tornar as outras culturas semelhantes à sua e fazer da sua cultura o único padrão para julgar os outros. Enquanto uma cultura se considerar o centro do universo, a paz mundial não será possível.

## **PARA CONCLUIR**

A internacionalidade não acontece por acaso. O fato de entrarmos em uma comunidade internacional não significa que sejamos verdadeiramente internacionais no sentido que descrevemos.

A passagem “de ser internacional a tornar-se internacional” é possível através de uma conversão: intelectual, moral e espiritual. Afinal, tornar a internacionalidade uma realidade para nós na comunidade é um empreendimento de fé e uma expressão de nossa fidelidade dinâmica ao espírito de nossos fundadores. São Vicente quis que a Companhia fosse internacional desde muito cedo, embora não tenha vivido para ver o dia em que suas Filhas cruzariam os mares para a África, Ásia, Américas e Oceania.

Se não construirmos a internacionalidade com a fé como nosso alicerce, estaremos “construindo sobre a areia”. A necessidade de conversão pessoal e comunitária é o caminho.

**C. 6. Foi Deus, dizia São Vicente, “que desejou esta Companhia de jovens de diferentes países e que fossem todas um só coração!”**

(São Vicente, 13 de fevereiro de 1646, Amor à vocação e assistência aos pobres, IX, 247)

**“Temos duplamente a felicidade de ser filhas da Santa Igreja e, assim sendo, não haverá para nós uma nova obrigação de viver e de agir como filhas de uma tal Mãe ? Isso requer uma grande perfeição.”**

C. p.22 - 22 - (Santa Luísa, 21 de Junho de 1647, L. 179 a Monsieur Portail, E. 202.)

Para uma Igreja Sinodal escrito por membros da equipe da UISG  
(União Internacional das Superiores Gerais)

Senhor,

Como escutastes a vossa Mãe nas bodas de Caná, ensinai-nos a escutar.

Como acompanhastes a mulher Samaritana ao poço, ensinai-nos a comunhão.

Como curastes o surdo-mudo,

ensinai-nos a abrir os nossos corações e as nossas mentes.

Como salvastes a mulher adúltera, ensinai-nos a justiça de Deus.

Como falastes às multidões, ensinai-nos a audácia do Espírito Santo.

Como conversastes com Nicodemos, ensinai-nos o diálogo.

Como compareceste perante o Sinédrio, ensinai-nos a humildade.

Como morrestes por nós na Cruz, ensinai-nos a misericórdia.

Como caminhastes com os discípulos de Emaús, ensinai-nos a caminhar juntos.

Senhor, enviai-nos o vosso Espírito,  
para que nos ensine a ver, julgar e atuar  
à luz do Evangelho.

Conduzi-nos no caminho sinodal para o vosso Pai.

Transforma a tua Igreja, para que ela reflita cada vez mais o teu amor infinito

por todos e cada um de nós. Amém.

## ● A ABERTURA À INTERNACIONALIDADE CONFORME ● O DOCUMENTO INTERASSEMBLEIAS

Pe. Bernard Schoepfer, cm  
Diretor Geral

*“Queridas Irmãs,...*

*Agora chegou o tempo de recolher os frutos da Assembleia geral, tempo da sua apropriação e concretização em cada uma das Províncias, de acordo com o seu contexto. Algumas orientações, talvez não lhes afetem diretamente devido às questões de serviço, de idade ou de saúde. No entanto, todas nós estamos envolvidas, porque somos membros de um mesmo corpo. Num espírito de comunhão com toda a Companhia, dediquem tempo para reagir em Comunidade, para partilhar espontaneamente e rezar para que toda a Companhia avance nos caminhos do serviço, da oração e do “viver juntas”! Estejamos convictas de que se trata de uma obra comum a serviço dos nossos irmãos e irmãs.*

*São Vicente dizia às Irmãs enviadas em missão a Narbonne e a Cahors, em setembro de 1659: “Que maravilha! Deus escolhe e reúne jovens de várias partes para as unir e ligar com o mesmo laço de sua caridade, manifestando assim aos homens, o amor e o cuidado que a sua Providência tem para os socorrer nas suas necessidades”.*

Irmã Françoise Petit

### I. PORTAS PARA ATRAVESSAR:

#### **1. Em direção a uma mística de olhos abertos**

Redescobrir a nossa humanidade comum, fundamento da fraternidade e apelo para cuidar, sem exclusão.

#### **2. Em direção a uma renovação do coração e do espírito**

Passar de uma vida em comum a uma vida em comunhão, sinal profético de unidade na diversidade, que se expressa por relações mais autênticas, mais humanas e humanizantes com todas sem distinção.

#### **3. Em direção a uma maneira de viver: “ser fermento no nosso mundo”**

Fortalecer a convicção de que mesmo as pequenas ações em favor do respeito da dignidade da pessoa e dos direitos humanos têm um verdadeiro impacto e já são uma denúncia profética.

#### **4. Em direção a um compromisso de caminhar juntas**

Progredir no conhecimento das diferentes gerações e das diferentes culturas

(linguagem, modos de pensar...) para viver o respeito mútuo, a verdade, a escuta e o diálogo, onde quer que estejamos.

### **5. Em direção a uma ação compartilhada e profética**

Intensificar o intercâmbio das Irmãs entre as Províncias a fim de responder às necessidades urgentes ou de projetos a longo prazo.

### **6. Em direção a uma cultura do encontro**

Iniciar ou dinamizar a colaboração em redes em âmbitos interprovincial, continental e geral para favorecer a comunicação das experiências, das informações e apoiar a defesa dos direitos humanos.

## **II. VIVER MELHOR A INTERNACIONALIDADE, A UNIVERSALIDADE, A CATOLICIDADE E A COMUNHÃO ATRAVÉS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL:**

Extratos das mensagens do Papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais:

### **2023 - Falar com o coração no processo sinodal**

Como já tive oportunidade de salientar, «também na Igreja há grande necessidade de escutar e de nos escutarmos. É o dom mais precioso e profícuo que podemos oferecer uns aos outros». Duma escuta sem preconceitos, atenta e disponível, nasce um falar segundo o estilo de Deus, que se sustenta de proximidade, compaixão e ternura. Na Igreja, temos urgente necessidade duma comunicação que inflame os corações, seja bálsamo nas feridas e ilumine o caminho dos irmãos e irmãs. Sonho uma comunicação eclesial que saiba deixar-se guiar pelo Espírito Santo, gentil e ao mesmo tempo profética, capaz de encontrar novas formas e modalidades para o anúncio maravilhoso que é chamada a proclamar no terceiro milênio. Uma comunicação que coloque no centro a relação com Deus e com o próximo, especialmente o mais necessitado, e esteja mais preocupada em acender o fogo da fé do que em preservar as cinzas duma identidade autorreferencial. Uma comunicação, cujas bases sejam a humildade no escutar e o desassombro (*falar claramente, falar de maneira simples, falar corajosamente, falar irrestritamente, falar com uma certa audácia*) no falar e que nunca separe a verdade do amor.

### **2022 - A escuta como condição para uma boa comunicação**

Esta falta de escuta, que tantas vezes experimentamos na vida quotidiana, é real também, infelizmente, na vida pública, onde com frequência, em vez de escutar, «se fala pelos cotovelos». Isto é sintoma de que se procura mais o

consenso do que a verdade e o bem; presta-se mais atenção à audiência do que à escuta. Ao invés, a boa comunicação não procura prender a atenção do público com a piada foleira (*piada de mau gosto*) visando ridicularizar o interlocutor, mas presta atenção às razões do outro e procura fazer compreender a complexidade da realidade. É triste quando surgem, mesmo na Igreja, partidos ideológicos, desaparecendo a escuta para dar lugar a estéreis contraposições.

Na realidade, em muitos diálogos, efetivamente não comunicamos; estamos simplesmente à espera que o outro acabe de falar para impor o nosso ponto de vista. Nestas situações, como observa o filósofo Abraham Kaplan, o diálogo não passa de diálogo, ou seja, um monólogo a duas vozes. Ao contrário, na verdadeira comunicação, o eu e o tu encontram-se ambos «em saída», tendendo um para o outro.

### **2021 - Nada substitui o ver pessoalmente**

Na comunicação, nada pode jamais substituir, de todo, o ver pessoalmente. Algumas coisas só se podem aprender, experimentando-as. Na verdade, não se comunica só com as palavras, mas também com os olhos, o tom da voz, os gestos. O intenso fascínio de Jesus sobre quem O encontrava dependia da verdade da sua pregação, mas a eficácia daquilo que dizia era inseparável do seu olhar, das suas atitudes e até dos seus silêncios. Os discípulos não só ouviam as suas palavras, mas viam-No falar. Com efeito, n'Ele – Logos encarnado – a Palavra ganhou Rosto, o Deus invisível deixou-Se ver, ouvir e tocar, como escreve o próprio João (cf. 1 Jo 1, 1-3). A palavra só é eficaz, se se «vê», se nos envolve numa experiência, num diálogo. Por esta razão, o «vem e verás» era e continua a ser essencial.

### **2020 - Uma história que se renova**

A história de Cristo não é um patrimônio do passado; é a nossa história, sempre atual. Mostra-nos que Deus tomou a peito o homem, a nossa carne, a nossa história, a ponto de Se fazer homem, carne e história. E diz-nos também que não existem histórias humanas insignificantes ou pequenas. Depois que Deus Se fez história, toda a história humana é, de certo modo, história divina. Na história de cada homem, o Pai revê a história do seu Filho descido à terra. Cada história humana tem uma dignidade incancelável. Por isso, a humanidade merece narrações que estejam à sua altura, àquela altura vertiginosa e fascinante a que Jesus a elevou.

Vós «sois uma carta de Cristo – escrevia São Paulo aos Coríntios – confiada ao nosso ministério, escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne que são os vossos corações»

(2 Cor 3, 3). O Espírito Santo, o amor de Deus, escreve em nós. E, escrevendo dentro de nós, fixa em nós o bem, recorda-nos. De fato, re-lembrar significa levar ao coração, «escrever» no coração. Por obra do Espírito Santo, cada história, mesmo a mais esquecida, mesmo aquela que parece escrita em linhas mais tortas, pode tornar-se inspirada, pode renascer como obra-prima, tornando-se um apêndice de Evangelho.

### **2019 - Somos membros uns dos outros**

O panorama atual convida-nos, a todos nós, a investir nas relações, a afirmar – também na rede e através da rede – o caráter interpessoal da nossa humanidade. Por maior força de razão, nós, cristãos, somos chamados a manifestar aquela comunhão que marca a nossa identidade de crentes. De fato, a própria fé é uma relação, um encontro; e nós, sob o impulso do amor de Deus, podemos comunicar, acolher e compreender o dom do outro e corresponder-lhe.

É precisamente a comunhão à imagem da Trindade que distingue a pessoa do indivíduo. Da fé num Deus que é Trindade, segue-se que, para ser eu mesmo, preciso do outro. Só sou verdadeiramente humano, verdadeiramente pessoal, se me relacionar com os outros. Com efeito, o termo pessoa conota o ser humano como «rostro», voltado para o outro, comprometido com os outros. A nossa vida cresce em humanidade passando do caráter individual ao caráter pessoal; o caminho autêntico de humanização vai do indivíduo que sente o outro como rival para a pessoa que nele reconhece um companheiro de viagem.

### **2018 - A paz é a verdadeira notícia**

O melhor antídoto contra as falsidades não são as estratégias, mas as pessoas: pessoas que, livres da ambição, estão prontas a ouvir e, através da fadiga de um diálogo sincero, deixam emergir a verdade; pessoas que, atraídas pelo bem, se mostram responsáveis no uso da linguagem. Se a via de saída da difusão da desinformação é a responsabilidade, particularmente envolvido está quem, por profissão, é obrigado a ser responsável ao informar, ou seja, o jornalista, guardião das notícias. No mundo atual, ele não desempenha apenas uma profissão, mas uma verdadeira e própria missão. No meio do frenesi das notícias e na voragem dos *scoop (redemoinho de dosagens)*, tem o dever de lembrar que, no centro da notícia, não estão a velocidade em comunicá-la nem o impacto sobre a audiência, mas as pessoas. Informar é formar, é lidar com a vida das pessoas. Por isso, a precisão das fontes e a custódia da comunicação são verdadeiros e próprios processos de desenvolvimento do bem, que geram confiança e abrem vias de comunhão e de paz.

### **2017 - Os horizontes do Espírito**

Quem, com fé, se deixa guiar pelo Espírito Santo, torna-se capaz de discernir em cada evento o que acontece entre Deus e a humanidade, reconhecendo como Ele mesmo, no cenário dramático deste mundo, esteja compondo a trama duma história de salvação. O fio, com que se tece esta história sagrada é a esperança, e o seu tecedor só pode ser o Espírito Consolador. A esperança é a mais humilde das virtudes, porque permanece escondida nas pregas da vida, mas é semelhante ao fermento que faz levedar toda a massa. Alimentamo-la lendo sem cessar a Boa Notícia, aquele Evangelho que foi «reimpresso» em tantas edições nas vidas dos Santos, homens e mulheres que se tornaram ícones do amor de Deus. Também hoje é o Espírito que semeia em nós o desejo do Reino, através de muitos «canais» vivos, através das pessoas que se deixam conduzir pela Boa Notícia no meio do drama da história, tornando-se como que faróis na escuridão deste mundo, que iluminam a rota e abrem novas sendas de confiança e esperança.

### **2016 - Escutar significa prestar atenção**

Saber escutar é uma graça imensa, é um dom que é preciso implorar e depois exercitar-se a praticá-lo. Também e-mails, sms, redes sociais, chat podem ser formas de comunicação plenamente humanas. Não é a tecnologia que determina se a comunicação é autêntica ou não, mas o coração do homem e a sua capacidade de fazer bom uso dos meios ao seu dispor. As redes sociais são capazes de favorecer as relações e promover o bem da sociedade, mas podem também levar a uma maior polarização e divisão entre as pessoas e os grupos. O ambiente digital é uma praça, um lugar de encontro, onde é possível acariciar ou ferir, realizar uma discussão proveitosa ou um linchamento moral... A comunicação, os seus lugares e os seus instrumentos permitiram um alargamento de horizontes para muitas pessoas. Isto é um dom de Deus, e também uma grande responsabilidade.

### **2015 - A família, o primeiro lugar onde aprendemos a comunicar**

Assim o desafio que hoje se nos apresenta, *é aprender de novo a narrar*, não nos limitando a produzir e consumir informação, embora esta seja a direção para a qual nos impelem os potentes e preciosos meios da comunicação contemporânea. A informação é importante, mas não é suficiente, porque muitas vezes simplifica, contrapõe as diferenças e as visões diversas, solicitando a tomar partido por uma ou pela outra, em vez de fornecer um olhar de conjunto.

Afinal, a própria família não é um objeto acerca do qual se comunicam opiniões nem um terreno onde se combatem batalhas ideológicas, mas *um*

*ambiente onde se aprende a comunicar* na proximidade e um sujeito que comunica, uma «*comunidade comunicadora*». Uma comunidade que sabe acompanhar, festejar e frutificar. Neste sentido, é possível recuperar um olhar capaz de reconhecer que a família continua a ser um grande recurso, e não apenas um problema ou uma instituição em crise.

#### **2014 - Estar a serviço de uma autêntica cultura do encontro**

Possa servir-nos de guia o ícone do Bom Samaritano, que liga as feridas do homem espancado, deitando nelas azeite e vinho. A nossa comunicação seja azeite perfumado pela dor e vinho bom pela alegria. A nossa luminosidade não derive de truques ou efeitos especiais, mas de nos fazermos próximo, com amor, com ternura, de quem encontramos ferido pelo caminho. Não tenhais medo de vos fazerdes cidadãos do ambiente digital. É importante a atenção e a presença da Igreja no mundo da comunicação, para dialogar com o homem de hoje e levá-lo ao encontro com Cristo: uma Igreja companheira de estrada sabe pôr-se a caminho com todos. Neste contexto, a revolução nos meios de comunicação e de informação é um grande e apaixonante desafio que requer energias frescas e uma imaginação nova para transmitir aos outros a beleza de Deus.

#### **PARA CONCLUIR**

Maria, Mulher da escuta,  
abre os nossos ouvidos!  
Maria, Mulher da decisão,  
ilumina a nossa mente e o nosso coração!  
Maria, Mulher da ação,  
faz com que as nossas mãos e os nossos pés  
se movam “apressadamente” rumo aos outros!

segundo o Documento Interassembleias

## ◆ RECONFIGURAÇÃO: CAMINHO JÁ PERCORRIDO ◆ PELAS PROVÍNCIAS DO BRASIL

*Ir. Ana Amélia Guedes da Cunha, fc*

*Conselheira Geral*



Bom dia, minhas queridas Irmãs, meus Irmãos!

Quero começar dizendo-lhes que estou muito feliz em estar aqui com vocês. Sinto uma grande responsabilidade quando voltamos ao conhecido tema da Reconfiguração, que quer expressar um novo tempo, uma nova forma na caminhada das Províncias do Brasil, abrindo-se a novas perspectivas. Esse é um processo pelo qual de tempos em tempos precisamos viver para continuarmos dando respostas se quisermos ser fiéis à finalidade para a qual existimos. Sobretudo, no contexto atual, exigindo respostas urgentes aos inúmeros desafios com o intuito de que o Serviço dos Pobres aconteça e, por conseguinte, começamos a pensar em uma nova configuração das nossas Províncias do Brasil. Foi-me pedido para fazer uma memória da caminhada no processo de reconfiguração de nossas Províncias brasileiras para nos situarmos em seu desenvolvimento.

Inicialmente, é necessário destacar o dinamismo da Reconfiguração guiada pelo Espírito Santo - construído com lucidez e discernimento - e fundamentado em convicções, valores e práticas bem definidos. Visto que a saída, a solução diante das interpelações dos tempos atuais está na revitalização ou reconfiguração da Vida Consagrada, ou usando uma expressão oficial da Igreja, em uma “fidelidade criativa” (*Vita Consacrata*).

Prova disso é, no ano de 2014, o Interprovincial no Rio de Janeiro que teve como tema: “*Construir a Companhia do Futuro para revitalizar a Vida e a Missão*”. Naquela ocasião, Padre Eli Chaves proferiu uma conferência abordando a temática: “*Reconfiguração das Províncias das Filhas da Caridade do Brasil em vista de uma mudança sistêmica*”. Assim começamos a falar e pensar em uma maneira de bem servir.

Naquele momento ele nos lembrava que o nosso fim consiste em uma configuração com Cristo e seu projeto (VC, 67). Assim, infere-se que este ideal

evangélico torna-se uma realidade histórica na vida das pessoas e grupos e assume um reconhecimento, como resultado da convergência de vários fatores e sistemas tais como: históricos, doutrinários, culturais e sociais. A Vida Consagrada realiza sua identidade dentro da grandeza e dos limites de um modelo ou figura real, que está sempre se construindo a partir do contínuo confronto entre o ideal evangélico e os apelos contemporâneos. A busca por uma configuração com Cristo se encarna dentro de um modelo concreto e específico de cada grupo ou congregação, e possui em geral quatro dimensões ou sistemas que estão interligados:

**a) Dimensão teórica ou doutrinal:** conjunto de doutrinas, ideias, convicções que sustentam, dão sentido e orientam o ser e agir do grupo. Faz-se necessária uma base doutrinal significativa e atualizada para que o grupo se compreenda, se justifique e se anime em seu ser e agir.

**b) Dimensão sociológica:** o lugar e o papel que o grupo possui e desenvolve na sociedade e, em particular, na Igreja. Como corpo social, o grupo necessita sentir-se situado no tecido social e eclesial e desenvolver um papel, uma função, que o justifica e o torna agente efetivo de construção e transformação social e eclesial.

**c) Dimensão psíquico-religiosa:** o modo afetivo, emocional e vivencial de como os membros, individual e coletivamente, vivenciam sua pertença e vida no grupo. Este conjunto de sentimentos, emoções e vivências deve criar uma autoestima pessoal e coletiva realizadora, para que o grupo viva e se desenvolva com sentido e entusiasmo.

**d) Dimensão institucional:** as formas e expressões institucionais que o grupo desenvolve para viver e realizar seus objetivos. Estas devem proporcionar ao grupo uma operacionalidade eficaz na realização de suas metas e objetivos.

Na abertura às interpelações dos tempos, os consagrados entenderam que a figura histórica assumida pela Vida Consagrada esgotou-se e chegou ao ocaso<sup>15</sup>, e é preciso uma 'refundação'<sup>16</sup>.

Em espírito de fidelidade criativa, a Vida Consagrada necessita desenvolver um novo modelo histórico de configuração com Cristo, ou seja, buscar uma nova maneira de se compreender, uma nova maneira de vivenciar pessoal e

<sup>15</sup> "Parece que a figura histórica assumida pela vida religiosa esgotou-se e chegou ao ocaso... Há situações de desagregação e desorientação, de notável perda de energia carismática grupal e falta de liderança espiritual. Parece que a renovação iniciada no Concílio Vaticano II está sendo como um longo amanhecer, mas não acaba de irromper o dia. Intuem-se muitas coisas, contudo, as trevas impedem ver seus perfis..." *Carismas na Igreja e no mundo*. Congresso Internacional, 1993, Roma, Ed. Paulinas, 1994, p. 213-214.

<sup>16</sup> Cf. "Para uma fidelidade criativa. Refundar", Calamo, 1998, livro que recolhe as conferências e os depoimentos dos Superiores Gerais, no outono de 1998.

comunitariamente a consagração, uma nova maneira de estar dentro da Igreja e da sociedade e uma nova forma de se organizar e agir. A reconfiguração é a expressão concreta da fidelidade criativa. Reconfigurar é buscar uma nova interpretação, é traduzir o carisma fundante em atitudes, práticas e estruturas renovadas e adequadas à realidade atual. Não se trata simplesmente de uma ação funcionalista<sup>17</sup> de adequação das estruturas organizacionais e otimização de recursos humanos e materiais para alcançar melhores resultados.

São necessárias opções amplas e profundas que recuperem a identidade da consagração. Reconfigurar é promover as mudanças necessárias, de modo que o espírito fundacional e as estruturas de vida e ação se encontrem numa unidade fecunda, harmônica e significativa. É um amplo processo de criação e de mudanças, de construção de um novo modo de ser da Vida Consagrada e de desconstrução de formas e expressões de vida hoje ultrapassadas.

A autêntica reconfiguração tem sempre a dimensão da graça e do apelo vocacional do Espírito. É um caminho inspirado, é uma proposta em contínua execução, com várias dimensões (espiritual, cultural, econômica, pastoral) e vários níveis (pessoal, comunitário, provincial, interprovincial, congregacional). As estratégias e técnicas de reformulação institucional ajudam caso venham acompanhadas e marcadas pelas atitudes indispensáveis de espírito de fé, profetismo corajoso, leitura atenta dos sinais dos tempos, atitude orante, discernimento, diálogo com a experiência carismática dos Fundadores e uma verdadeira vivência do Evangelho.

O processo se desencadeia quando, na abertura ao Espírito, a pessoa ou o grupo se deixa questionar pela interação dinâmica entre o seu carisma e os apelos de Deus na história. Daí nasce a necessidade de ir às raízes do próprio carisma, de discernir os apelos atuais e pensar passos concretos na elaboração de novos comportamentos e estruturas de vida e ação. A verdadeira reconfiguração exige coragem para mudar em profundidade, pois processa a crise da Vida Consagrada assumindo-a como momento de purificação, de chamado à conversão, como possibilidade de revitalizar o essencial da consagração.

À luz do Espírito dinamizamos a Reconfiguração de nossas Províncias em coerência ao Evangelho, o Carisma, nossas convicções e valores bem estabelecidos. Em particular nós, Filhas da Caridade, herdamos uma espiritualidade específica, onde o itinerário vicentino tem na experiência de fé

---

<sup>17</sup> Em 2013, falando aos bispos do CELAM, no Rio, o Papa Francisco mencionava o funcionalismo como uma tentação que pode ofuscar a dinâmica do discipulado missionário. Ele dizia: *“A concepção funcionalista não tolera o mistério, busca a eficácia. Reduz a realidade da Igreja à estrutura de uma ONG. O que vale é o resultado e as estatísticas”*. Assumir a proposta da reconfiguração em sentido apenas funcionalista seria um reducionismo sociológico de nossa vocação consagrada.

de São Vicente e Santa Luísa uma referência fundamental para desenvolver o processo de reconfiguração de nossa vida e missão vicentina.

Nossos Santos Fundadores, verdadeiros contemplativos na ação, se impregnaram do amor missionário de Cristo, dentro de uma dinâmica de fé bastante realista, de profunda confiança na Divina Providência e de caridade organizada, integral, criativa e abrasadora. Eles diagnosticaram as necessidades pastorais, articularam pessoas e grupos para uma ação conjunta, comunitária e participativa. Utilizando os melhores e possíveis recursos de sua época, desenvolveram várias formas e expressões inaugurais e transformadoras do serviço missionário e caritativo. A Companhia nasceu deste espírito. Foi uma forma significativa, inovadora e ativa que deu operacionalidade à experiência de fé de São Vicente e de Santa Luísa.

A partir do testemunho de vida e de fé de São Vicente e Santa Luísa, a Companhia e as Províncias são chamadas a discernir e dar passos em sua revitalização. Esta tarefa comporta trabalhar de modo particular alguns elementos que são irrenunciáveis à Vida Consagrada Vicentina, para torná-la mais significativa no mundo de hoje. Ei-los:

- 1) Aprofundar a experiência espiritual de encontro com Cristo no Pobre;
- 2) Dar vitalidade evangélica e vicentina à vida fraterna em comunidade;
- 3) Afirmar efetivamente seu lugar social e pastoral dentro da Igreja e na sociedade;
- 4) Formar e revitalizar as pessoas para uma vida consagrada reconfigurada;
- 5) Reconfigurar autoridade, tornando-a agente de revitalização;
- 6) Discernir se o grupo necessita de um retorno criativo ao espírito funcional e dar-lhe atualidade e dinamismo operacional.

Em Belo Horizonte, no ano de 2017, os Conselhos estudaram a temática interprovincial sobre: *“Viver a ousadia do Carisma em uma Companhia em saída”*.

Voltando ao tema da reconfiguração foi visto que se trata de amplo e paciente processo de criação e de mudanças, de construção de um novo modo de ser e de desconstrução de formas e expressões de vida que hoje não respondem mais. Fomos lembradas que para continuarmos existindo precisamos continuamente nos reinventar em vista de sermos fiéis à finalidade que nos fez surgir.

Não há como negar ou fazer vistas grossas a este fato: *a VRC que conhecemos hoje concebeu para si mesma estruturas apropriadas a um corpo numeroso, socialmente separado, politicamente influente, eclesial e culturalmente*

*relevante*. Para manter este status e se reproduzir socialmente, os institutos religiosos, não sem a pressão e a ajuda do Magistério, regaram minuciosamente a vida dos membros, multiplicaram e complexificaram suas instituições. Não é por nada que muitos religiosos e religiosas experimentam hoje a *sensação de que as demandas das obras são superiores às suas forças, que eles/as mesmos/as funcionam bem, mas lhes falta um sentido para viver*. Se isso é verdade, souo a sirene que nos chama a repensar em uma renovação.

É claro que não se trata simplesmente de assumir formas organizativas e gerenciais mais amenas, flexíveis desregulamentadas, tão ao gosto da nova tecnocracia empresarial e do mercado globalizado. O que precisamos é *desmontar as estruturas jurídicas e organizacionais que, mesmo tendo sido úteis e importantes numa certa época, hoje mais escondem que anunciam o Evangelho, mais sufocam que encarnam o carisma dos institutos*, quebram as asas dos sonhadores e algemam os pés sedentos de novos caminhos. Mas esta é uma empreitada que a maioria dos institutos tem dificuldades de fazer sozinhos...

Com isso não estamos convocando a Vida Religiosa Consagrada a uma espécie de *cruzada da ingenuidade* ou a uma celebração de *louvor à inocência original*. Assim como a vivência do Evangelho não pode prescindir dos recursos e percursos de vinte séculos de história do cristianismo nas diferentes culturas, a *Vida Religiosa Consagrada não pode imaginar um renascimento que não tenha nada a ver com sua experiência multissecular e multicultural*. O desafio é *desentulhar os porões e salas da VRC daquelas estruturas e meios que, tendo sido úteis e necessários num tempo e numa etapa ou situação concreta, agora mais atrapalham que facilitam a encarnação e o testemunho do Evangelho*, mais sufocam que acalentam os sonhos e intuições originais.

É justo lembrar da personagem da Mitologia grega Hércules, pois, em virtude de sua força física realizava missões humanamente impossíveis. Portanto, é necessário destacar que a Reconfiguração de nossas Províncias não é tarefa exclusiva a algumas de nós por suas atuações veementes em suas Comunidades e no meio dos Pobres. Repensar em reconfiguração é missão de todas e demanda muito tempo. É claro, entretanto, que *não podemos esperar para começar quando todos os membros de nossas Províncias estiverem convencidos da urgência e da necessidade dessas mudanças*. É preciso, desde já e sempre, estimular os membros sonhadores e inquietos, poetas, profetas e místicos, a ousar os primeiros passos dessa luta ou desta dança.

Igualmente assumimos novas tarefas:

- 1) Continuar o processo de revisão de obras;
- 2) Revitalizar as “idas e vindas” - contato direto com os Pobres;
- 3) Organizar uma equipe de reflexão interprovincial para estudar questões diversas do processo;
- 4) Continuar investindo na formação humana, cristã e vicentina, em todas as etapas;
- 5) Estabelecer uma relação de proximidade com os diversos ramos da Família Vicentina;
- 6) Investir em projetos comuns com outras Províncias.

Em 2020 em Recife, o Interprovincial dos Conselhos do Brasil refletiu a temática: *“Ephata, Províncias do Brasil, com presença, fidelidade e testemunho.”*

Neste período a Companhia se preparava para vivenciar a sua Assembleia Geral e as Províncias do Brasil inspiradas pelo EPHATA, impelidas pelo forte convite de *“sair porta a fora, ir para encontrar”*, retomam novamente o tema da Reconfiguração, embora em um momento um pouco sombrio pelo falecimento da nossa Superiora Geral Irmã Kathleen de saudosa memória e a explosão da pandemia COVID19.

Embora com esses difíceis acontecimentos, assumiram compromissos para serem vividos nos três anos subsequentes, entre eles o de *“constituir uma Equipe Interprovincial para organizar e acompanhar o processo, em comunhão com os Conselhos”*.

A equipe foi constituída, inclusive integrei essa comissão, participei de uma reunião e sei que continuam se encontrando para encaminhar propostas, abrindo porta para escutar, discernir e interpretar as múltiplas vozes do nosso tempo, na certeza de que quem nos conduz é a Sabedoria divina.

Contudo, entender os sinais dos tempos supõe uma série de elementos e atitudes: a convicção de que o Espírito de Deus age na Companhia, mas, também ocupa o Universo e por isso devemos escutar as vozes, desejos e clamores da humanidade. Isto supõe uma atitude de abertura, diálogo e aproximação do nosso mundo e nosso tempo para saber o que Deus quer de nós e exige discernimento para iluminar esta realidade com os valores do Evangelho. Aplicando para as Províncias do Brasil que querem empreender o caminho da reconfiguração, podemos nos perguntar se não estamos diante de um momento em que o Espírito nos fecha algumas portas, porém nos abre outras. Precisamos distinguir se a atual configuração das nossas Províncias responde aos apelos de hoje...

O Espírito fecha as portas de Províncias numerosas, fortes, poderosas, autorreferenciais; mas, nos abre as portas para um outro estilo mais evangélico, mais pobre, audaciosas, em consonância com a realidade. E o nosso Documento Interassembleias nos abre para um tempo favorável mostrando-nos as portas, equipando-nos com chaves e nos enviando a ousar com as surpresas que o Senhor sempre nos reservará.

Minhas Irmãs, assim como o Espírito Santo fez nascer o Salvador de uma Virgem de Nazaré, não estamos nós sentindo igualmente que Ele gera em nós um alento de vida? (cf. Lc 1, 37). É o Espírito que desce sobre um grupo de medrosos apóstolos reunidos em Jerusalém, para transformá-los em testemunha do Ressuscitado diante de todo o mundo (cf. At 2). É o Espírito Santo que no dia 04 de junho de 1623 inspira Santa Luísa a origem e a fonte da Companhia. É igualmente o Espírito Santo que nos chama hoje a fecundar o processo de reconfiguração das Províncias do Brasil.

O olhar consciente nos permite reconhecer que a história da Companhia é habitada pelo Espírito Santo que, no claro-escuro, faz o seu caminho para revelar a essência de Deus, para contagiar e fortalecer, lançar com ousadia e encorajar a profecia de tornar-se sinais da presença de Deus como nos pede o Documento Interassembleias:

*“Prosseguir com o processo de reconfiguração das Províncias como sinal concreto do nosso desejo de caminhar como Companhia.”*

É verdade que as Províncias do Brasil estão dando passos embora lentos, mas necessários para a Reconfiguração de maneira prudente e cautelosa, porém deve ser participativa para que todas as Irmãs sintam-se dentro deste processo. Pois, é preciso respeitar os ritmos de cada pessoa e grupo e envolvê-las o máximo possível, mesmo sabendo que algumas Irmãs estarão à margem, mas não por falta de oportunidade, e sim por escolha.

Portanto, é preciso perceber que a história da Companhia se constrói na penumbra do humano, naquele confronto permanente entre fragilidade e graça. A constatação mais certa é que implementar um processo de reconfiguração implica conversão, renovação de atitudes, adequação de formas, de estruturas e estilos, por meio do Espírito Santo que fecunda, no interior das Províncias do Brasil, transformação, sonhos, desejos e uma nova conformidade ao Evangelho, a fim de, respectivamente, abrir portas e não ficarmos paralisadas pelo medo do que não conhecemos. Tudo isso contribuirá para nos lançar além, para as fronteiras onde moram os mais pobres, os mais doentes, os invisíveis, assim como era no século XVII.

## ◆ EM DIREÇÃO A UMA CULTURA DO ENCONTRO ◆

Ir. Françoise Petit, *fc*  
Superiora Geral

Pediram-me para falar-lhes sobre a cultura do encontro e em particular a nível da vida fraterna. Então, coloquei algumas ideias por escrito e espero, sobretudo, poder em seguida partilhar com todos para enriquecermo-nos mutuamente.

Por que é tão importante aprofundar sobre nossa maneira de viver juntas na perspectiva da cultura do encontro? A resposta é simples, pois nosso quotidiano consiste em “viver juntas”, o que, segundo nosso carisma, é para a missão. Por conseguinte, o desafio é maior se queremos verdadeiramente viver o porquê Deus nos chamou: *“Chamadas e reunidas por Deus, as Filhas da Caridade vivem a vida fraterna em comum em vista da missão específica do serviço”* (C. 32a).



A cultura do encontro é uma das prioridades da Igreja. O Papa Francisco desde o começo de seu pontificado volta regularmente sobre esta questão da qual a encíclica *Fratelli tutti* é, por assim dizer, o ponto alto. Cito aqui uma expressão dentre outras: *“Falar de cultura do encontro significa que nos apaixonamos, como povo, querer encontrar-nos, procurar pontos de contato, lançar pontes, projetar algo que envolva a todos. Isto tornou-se uma aspiração e um estilo de vida”* (FT 216).

Evidentemente, aqui o Papa não fala da vida em comunidade. Ele fala do povo, da vida em sociedade, da paz social... Portanto, penso que esta frase já traz algumas pistas para a nossa reflexão. Somos células da Igreja, mas também das minissociedades que, humanamente, parecem boas às pessoas de hoje que são convidadas pelo Papa a se apaixonarem pelo encontro no qual as relações interpessoais são o fator determinante.

Enquanto Filha da Caridade em comunidade, como procurar melhor se encontrar, construir pontes, focar em algo que inclua todo mundo? Como fazer para que isso não seja vivido como um dever nem mesmo como um desejo, mas como uma paixão expressa por um modo de vida concreto?

Proponho-lhes três partes. A primeira será um pouco geral, para em seguida

abordar a participação de todos nesta conversão interminável enquanto membros dos Conselhos provinciais.

- Por que a cultura do encontro diz respeito à vida em comunidade?
- Os sinais de que uma comunidade anda no caminho do encontro.
- Os desafios para passar do desejo do encontro à escolha de um modo de vida.

### **Por que a cultura do encontro diz respeito à vida em comunidade?**

A Igreja, a Companhia, a vida nos lançam a ir ao encontro. É um grande desafio para o tempo atual que sofre com a violência, a injustiça, a exclusão, o racismo... Este sentimento de urgência que sentimos hoje, devemos à nossa proximidade com o Cristo pela meditação quotidiana do Evangelho que nos ensina uma outra via: *“A Caridade de Jesus Cristo nos impele”* (2 Cor 5,14).

Ela nos impulsiona a encontrar e a amar todos aqueles e aquelas que o Senhor coloca em nosso caminho, tanto no exterior quanto no interior ou seja, nossos irmãos e irmãs os pobres, mas também nossas Irmãs em comunidade. O caminho da santidade passa por esta unidade de vida.

### **Por que a qualidade da dimensão relacional em comunidade é um eixo vital para pretender viver na verdade nossa fé e nossa vocação?**

#### **1) Para ser coerente com o apelo que recebemos**

Quando meditamos a Palavra de Deus, contemplamos o Cristo com os pobres mas também com a sua comunidade: aquela dos discípulos e das mulheres que estavam à sua volta no quotidiano.

A nossa vocação é seguir este Cristo na sua relação com o Pai e em toda a sua humanidade. Ele é o servo dos pobres com os seus discípulos. Nós somos servas com as Irmãs que nos foram dadas para a missão. Nisto, assemelhamo-nos àqueles discípulos-missionários que vivem, caminham e juntos anunciam o reino de Deus.

Jesus testemunha incessantemente a qualidade das relações que mantém com eles. Tudo parece tão simples e, no entanto, tudo é tão denso. Trata-se de convites, refeições, momentos de relaxamento, olhares, interrogações, reflexões profundas, missão... É fácil encontrar algumas passagens onde se vê os discípulos entrarem neste movimento de amizade, de partilha e de serviço, por exemplo, quando Jesus envia os doze em missão:

*“Reunindo Jesus os doze apóstolos, deu-lhes poder e autoridade sobre todos*

*os demônios, e para curar enfermidades. Enviou-os a pregar o Reino de Deus e a curar os enfermos.... Partiram, pois, e percorriam as aldeias...” (Lc 9,1-2; 9,6).*

Esta passagem é reveladora do clima de confiança que existe entre eles e que lhes permite sair sem medo para ir em direção e encontrar.

A força recebida da vida comunitária em torno de Jesus dá a eles a coragem de atravessar a porta e de ir ao encontro dos homens e das mulheres do seu tempo para lhes fazer conhecer a Boa Nova.

Para nós é a mesma coisa. Estamos reunidas em torno de Cristo, que nos convida a um tipo diferente de relações do que aquelas que talvez nos sejam espontâneas, antes mesmo de nos enviar cada dia em missão.

É um desafio quotidiano voltar continuamente à radicalidade das exigências evangélicas. No entanto, tudo se passa a este nível para entrar em um relacionamento cada vez mais profundo com Cristo e cada vez mais justo com as nossas Irmãs. É uma questão de coerência, de verdade com Deus e conosco mesmas, porque respondemos primeiro “sim” ao chamado de Deus, “sim” a viver o Evangelho fora e dentro.

## **2) Para prosseguir a obra do Espírito com Santa Luísa**

Abre-se este ano o Jubileu da Luz de Pentecostes. Retomemos o que Santa Luísa nos transmitiu:

*“E fui avisada... que tempo viria em que estaria em condições de fazer o voto de pobreza, de castidade e obediência, e que estaria em uma pequena comunidade com pessoas que fariam o mesmo. Entendi, então, que isso seria num lugar dedicado a servir ao próximo.”*

A fonte do carisma, um carisma ainda em germinação em 1623, está lá. A nossa vocação só pode ser vivida em comunidade para servir os nossos irmãos e irmãs.

É claro que a noção de comunidade evoluiu ao longo dos séculos e continuará a mudar. As modalidades não podem ser as mesmas do século XVII. Portanto, é preciso procurar o que o Espírito quis soprar a Santa Luísa, a fim de conservar o sentido verdadeiro e profundo do que significa a vida fraterna para a missão.

Santa Luísa conhecia a Escritura e tinha uma profunda devoção aos Apóstolos, nomeadamente na sua relação com o Espírito. Dizia: *“Lembrar-me-ei, com frequência, das disposições dos Santos Apóstolos para receber o Espírito Santo,*

*principalmente de sua serena tranquilidade na espera” (Santa Luísa, pelo ano de 1630, E.15 - A. 10 – pág. 798).*

Trata-se de um convite a levar em consideração o Espírito nas comunidades, o que pressupõe que seja suficiente o espaço para o ouvir, numa tranquila espera. Seja Ele quem guie o agir e o ser de cada uma pessoalmente, a fim de prosseguir a sua obra, à maneira dos nossos Fundadores.

O Espírito reúne, o Espírito envia. Mas é preciso que O tenhamos invocado para Lhe pedir luz: luz para que o viver juntas seja melhor, luz para servir melhor os nossos irmãos e irmãs.

A experiência espiritual de Santa Luísa mostra o caminho a seguir, tanto pessoalmente como comunitariamente.

### **3) Para enfrentar o desafio da fraternidade**

Os membros da Assembleia Geral se apoiaram bastante no que as Assembleias provinciais haviam expressado a respeito da vida fraterna. Daí resulta uma série de orientações, fruto desta reflexão.

Esta insistência não é um acaso, corresponde a um verdadeiro desafio universal recordado incessantemente pelo Papa Francisco: A fraternidade é a única saída para construir a paz em nós, entre nós e no mundo.

As comunidades podem ser aqueles lugares que testemunham um caminho possível. Releio aqui algumas orientações do Documento Interassembleias que agora todos já conhecem bem e que, aliás, muitas vezes retomaram nos seus projetos provinciais:

*“Passar de uma vida em comum a uma vida em comunhão, sinal profético de unidade na diversidade, que se expressa por relações mais autênticas, mais humanas e humanizantes com todas sem distinção.” (DIA 2.1)*

*“Comprometer-se a criar, nas comunidades e no serviço, um ambiente evangélico de fraternidade, de alegria, de diálogo, de benevolência, de disponibilidade, de paciência, de acolhida e de afeição.” (DIA 2.2)*

*“Dedicar tempo e encontrar meios de escutar-se mutuamente e de partilhar momentos de qualidade...” (DIA 3.3)*

*“Fortalecer as relações intergeracionais através da atenção recíproca...” (DIA 4.6)*

A Companhia mobiliza-se para que seja melhor o “viver juntas” nas comunidades, a fim de que estejam suficientemente preparadas para viver a missão por vezes difícil. A sociedade está mudando e, lendo atentamente seus Projetos Provinciais, detectei em cada um o dinamismo missionário em contextos diversos, mas caracterizados por grandes contrastes e desigualdades que se reforçaram após a crise sanitária ligada ao Covid.

Constatei também em cada um a consciência de que a missão não pode ser vivida sem uma vida fraterna equilibrada e fundada em Jesus Cristo.

Já existem coisas muito boas que se vivem nas comunidades, como podem testemunhar. Reconheçamos que há sempre algo a progredir, porque o que é importante não são as ideias, é a realidade dia após dia no concreto da vida.

### **Os sinais de que uma comunidade anda no caminho do encontro**

Como Visitadoras, Conselheiras, Diretores que visitam as Comunidades, pessoalmente, como fazem para acompanhá-las quando sabem que existem algumas dificuldades particulares a nível dos relacionamentos? É muito difícil discernir, pois muitas vezes, durante a visita, a realidade do quotidiano não aparece inteiramente!

Dizia-lhes que já se vivem muitas coisas boas nas comunidades que nos dão esperança. É preciso se alegrar e reconhecer estes aspectos como pontos de apoio, mas também tentar compreender o que constitui um obstáculo.

Portanto, vou simplesmente ressaltar **alguns pontos que caracterizam a presença da cultura do encontro numa vida fraterna**. A cada um, em seguida, de olhar “com muita atenção” e discernir o joio do trigo.

#### **1) A palavra e a escuta**

O Documento Interassembleias insiste no diálogo e na acolhida. Já li há pouco a seguinte orientação: *“Dedicar tempo para escutar-se mutuamente e partilhar momentos de qualidade”*.

Infelizmente, todos conhecem certas realidades contrárias a essa visão: o silêncio pesado, tons de voz próximos da agressividade, relacionamentos exclusivos, a falta de interesse pela vida comum e ainda outros exemplos.

Durante suas visitas, especialmente durante a refeição, tentem sentir de que maneira as Irmãs se falam e se ouvem. Uma delas monopoliza a palavra? Outra se cala e recua, mesmo fisicamente? A circulação da palavra mostra a verdade

das relações mantidas. Se parece que não há reciprocidade, é um pisca-alerta que algo está errado.

Falar e ouvir-se em momentos determinados para partilhas de fé, de vida é muito importante, mas trata-se também das partilhas espontâneas que são o sinal de uma fraternidade real no seio da comunidade, aquela que não exclui ninguém e que, pelo contrário, reconhece a outra na sua dignidade e que permite a cada uma ter o seu lugar para viver plenamente a sua vocação.

**Falar e ouvir são dois pontos principais de uma comunidade viva e desejosa de caminhar juntas para se doar com generosidade fora e dentro!**

## **2) O clima de generosidade**

O amor aos pobres é, em geral, muito forte nas Filhas da Caridade, e isso é bom! O dinamismo missionário é admirável e vejo sempre boas iniciativas, um pouco por todo o mundo, com a busca de ir cada vez mais para as periferias. É o que todas fazem nas suas Províncias. É a nossa vocação, demos graças e rezemos para que a Companhia nunca perca este impulso.

Mas essa generosidade é também evidente no seio das comunidades? Às vezes sim, às vezes não!

No entanto, um dos sinais da boa saúde de uma comunidade é este “cuidar” generosamente umas das outras, porque há também periferias nas comunidades! Uma Irmã difícil, outra que visivelmente se desinteressa completamente da vida comunitária, uma Irmã em dificuldade vocacional, as Irmãs que permanentemente estão fora, uma Irmã com outros costumes de levar seu quotidiano... Tudo isto pode incomodar e imagino que cada um conhece muito bem todas as situações individuais que prejudicam a vida fraterna. Uma vida fraterna perturbada influencia necessariamente a qualidade missionária no exterior.

A questão a ser colocada para avaliar a qualidade da vida relacional nesta ou naquela comunidade é medir o nível de investimento das Irmãs para superar esses obstáculos. Como elas falam de uma Irmã que objetivamente gera problemas? Com compaixão ou rejeição? Com desinteresse ou com interrogação?

E onde fica o clima de generosidade, o que é espontâneo, sem exclusividade, alegre?

**“A generosidade existe nas comunidades quando as relações são fortes e verdadeiras, fundadas no enraizamento de cada uma em Cristo...”**

**Falar e ouvir são dois pontos principais de uma comunidade viva e desejosa de caminhar juntas para se doar com generosidade fora e dentro!”**

É um sinal de que o encontro está no centro da comunidade. As Irmãs podem então comprometer-se plenamente na missão. Agradecemos ao Senhor!

### **3) A alegria**

*“Deus ama a quem dá com alegria”* (2 Cor 9,7). São Vicente recomendava-o às Irmãs. Por exemplo, numa conferência sobre o respeito mútuo, ele dizia o seguinte: *“Deveis procurar ter, sempre que vos encontrardes, este respeito cordial, que mostrareis pela reverência e o rosto alegre”* (Conferência de 10 de janeiro de 1644, página 103).

A alegria não é quantificável, nem é o objetivo pretendido, mas sem dúvida a ausência de alegria em uma comunidade é um sintoma inquietante com o qual devemos nos preocupar. Qual é a razão? Isto é o que deve ser compreendido, porque não é obviamente a alegria pela alegria, a exuberância descontrolada que pode esconder um mal-estar ou uma falta de verdade nas relações.

É aquela que é espontânea, reflexo de uma interioridade plena de paz nas Irmãs felizes na sua vocação, felizes na sua missão e na sua comunidade.

Durante as suas visitas, ouvir cada uma delas permitirá que saibam um pouco melhor o que é a realidade do clima comunitário no quotidiano. A falta de alegria pode ser passageira, ligada a uma dificuldade de serviço ou a uma Irmã doente que deve ser apoiada, mas se esta situação é crônica, fiquem atentos.

Isso é importante para as Irmãs, é importante para aqueles que as veem viver. A alegria simples das que estão felizes por se doar é em si mesma missão porque é testemunho da Boa Nova que faz viver.

### **Os desafios para passar do desejo do encontro à escolha de um modo de vida**

Cada Filha da Caridade, cada uma e cada um de nós, tem o desejo de viver segundo o Evangelho e de colocar o encontro, naquilo que ele tem de mais forte, no cerne das nossas comunidades. Falo do encontro pessoal com Cristo que nos leva ao encontro com os outros e com as nossas Irmãs. É o oposto da cultura de cada um por si, do fechamento e da desconfiança.

Sentimos que realmente a felicidade prometida vem de relacionamentos pacíficos, abertos e autênticos.

Quais obstáculos devem ser superados para progredir, isto é, passar do simples desejo de fazer bem à escolha clara de um modo de vida bem concreto?

Não esqueço que me dirijo a Conselhos ou Diretoras do Seminário que devem acompanhar os processos de conversão para fazer crescer a fraternidade, antes de tudo nas comunidades. Então, para cada uma das três propostas que lhes apresento, procurem ver como cada um pode ser apoio neste caminho.

O uso insistir em três passagens que podem ajudar a avançar em direção a uma renovação do coração e do espírito. Certamente há outras.

### **1) Passar de uma vida superficial à profundidade de uma vida com Cristo**

O contexto atual não incita à profundidade espiritual, aliás, nem mesmo humana. A aparência tem um grande papel, notadamente nos jovens. Dizem que a cirurgia plástica aumenta na faixa etária de 25 a 30 anos!

O compromisso com o tempo é muito relativizado. Por que se comprometer com a vida? Como isso é possível? São as interrogações das gerações de hoje. A fidelidade e a perseverança já não são projetos que atraem.

É neste clima que os jovens chegam, mas pelo qual os menos jovens também são influenciados. O que pode sustentar o nosso “sim” ao Senhor, um “sim” inicial a fazer crescer dia após dia, uma resposta ao convite: “Permaneça no meu amor” (Jo 15,9)?

A resposta é simples. Por experiência sabemos bem que nenhuma vida comunitária é viável sem estar enraizada em Cristo, isto significa:

- A oração comunitária todos os dias, de manhã e ao entardecer. É um quadro que estrutura e dá sentido aos dias.

- As partilhas de fé feitas regularmente. Elas constroem profundamente a comunidade. Os projetos comunitários incluem, a maior parte do tempo, o ritmo desses intercâmbios. É necessário que isso seja efetivo.

- Acompanhamento espiritual pessoal é também um suporte para a vida que permite progredir em seu relacionamento com o Senhor.

- O que as Irmãs leem? O que elas veem na internet? Como elas alimentam sua fé?

## **2) Passar do barulho à conversa**

Mais uma vez, partimos da realidade. Nós mergulhamos no barulho, de manhã à noite, se não tarde da noite. Qual lugar dar ao silêncio?

Não estou falando do silêncio monacal imposto em horários específicos. Não, não é nossa vida. Falo do silêncio interior que se pode adquirir pelo hábito de controlar a si mesmo, as suas zonas de calma. Trata-se de aprender a saborear o silêncio, ouvi-lo, não ter medo, saber apreciá-lo. O silêncio regenera as nossas forças e prepara-nos para o encontro pessoal com o Senhor, que nos conduz sempre para aquele encontro com as nossas Irmãs e, claro, para os nossos irmãos e irmãs pobres.

Se não tivermos cuidado, pedimos aos nossos cérebros que absorvam incessantemente uma massa infinita de informações, sempre em “modo aberto”. Que lugar livre resta para o encontro de qualidade, seja com o Senhor ou com as Irmãs da comunidade?

No entanto, o silêncio interior é o que permite a conversação naquilo que ela tem de mais rico, isto é, aquela que proporciona uma real troca de palavras, de ideias, que dá vida a nível pessoal e, portanto, a nível de toda a comunidade?

É uma forma de ser que está contra-corrente da sociedade. Talvez, podemos falar de ascese a este nível, porque não é necessariamente natural.

Passar do barulho constante para a conversa tranquila é fato que se deseja, se aprende, se reúne. É uma passagem que requer abertura, maturidade e caridade dentro da comunidade.

## **3) Passar do virtual ao real**

Tomei a liberdade de colocar este ponto para evocá-lo rapidamente, pois não sou especialista nos meios de comunicação atuais. No entanto, noto que um pouco por toda a parte somos alertadas para o perigo da superexposição ao virtual: comunicação remota, amigos virtuais, acumulação das “fakes news”... Ninguém está imune a deixar-se levar por um excesso, e mesmo uma dependência, a este tipo de meio de informação e de comunicação.

Em 20 de fevereiro passado, o Papa dirigia-se aos membros da Pontifícia Academia para a Vida. Expressava a sua reflexão sobre o impacto das novas tecnologias nas relações: *“na rede das relações, tanto subjetivas como comunitárias, a tecnologia não pode suplantiar o contato humano, o virtual não*

*pode substituir o real”.*

O virtual pode assumir progressivamente um lugar prioritário em algumas, em detrimento da sua saúde física, mental e espiritual e, por conseguinte, na sua forma de estar em relação, em particular no seio da comunidade.

Filhas da Caridade do século XXI, temos que nos adaptar continuamente ao mundo, às necessidades dos pobres, à evolução da Igreja que nos conduz por intermédio do Papa Francisco a caminhos missionários audaciosos que são apropriados ao nosso carisma.

Os meios e as novas ferramentas devem ser levados em consideração e podem ser claramente necessários em determinados serviços. Isso, à condição de se manter a necessária vigilância para guardar uma liberdade interior e um espaço disponível para o verdadeiro encontro, aquele que se vive aqui e agora na realidade bem concreta do quotidiano.

Tomemos cuidado, nas Províncias, com esta tendência ao uso excessivo e prioritário do virtual que pode fazer fugir do real naquilo que ele tem de mais belo: o encontro humano, aquele que humaniza profundamente.

## **Conclusão**

São Vicente e Santa Luísa transmitiram-nos a importância que atribuíam à qualidade da vida fraterna. Eles constantemente encorajavam as Irmãs, não hesitavam em dizer claramente os pontos de atenção necessários para crescer nos relacionamentos.

Sabiam também dar graças porque, ontem como hoje, as Irmãs são capazes de dar o melhor de si mesmas para construir a fraternidade no seio das comunidades. Da nossa parte, devemos render graças.

Obrigada.

## ● A SINODALIDADE NA VIDA E NA MISSÃO DA IGREJA ●

Pe. Agenor Brighenti

### SINODALIDADE, VATICANO II, SÍNODO DOS BISPOS E PAPA FRANCISCO

Estamos vivendo um *momento único* na Igreja: por iniciativa do Papa Francisco, com este Sínodo em curso, estamos fazendo a *passagem* do Sínodo dos Bispos a uma Igreja sinodal. Entretanto, não é algo novo: é a retomada da renovação do Vaticano II, do qual um processo de *involução eclesial* durante as três décadas que antecederam o atual pontificado, havia tomado distância. Por sua vez, a renovação do Vaticano II, também não foi algo novo: foi uma *“volta às fontes”* bíblicas e patrísticas, com o resgate de uma Igreja sinodal, que havia reinado durante o primeiro milênio.



A retomada do Vaticano II impulsionada pelo Papa Francisco, por sua vez, se remete à Conferência de Aparecida, que re-situou a Igreja no processo de recepção do Concílio na perspectiva da tradição libertadora da Igreja na América Latina. Reconhece Aparecida: “nos têm faltado coragem... a renovação do Vaticano II e para assegurar o rosto latino-americano plasmado pelas conferências anteriores”. Prova disso “é a volta de eclesiologias e espiritualidade pré-conciliares, bem como do clericalismo”.

Nas três décadas que precederam o atual pontificado, retrocedemos muito em relação à renovação do Vaticano II. A “nova primavera na Igreja”, que supostamente haviam trazido os movimentos de apostolado e espiritualidade de corte tradicionalista, na realidade significaram um “inverno eclesial” e mergulharam a Igreja em uma “noite escura”, que tem na renúncia de Bento XVI o esgotamento de um projeto de restauração da grande disciplina, nos parâmetros da neocristandade.

A involução eclesial em relação ao Concílio, que persiste apesar do novo pontificado, é preocupante. Toma-se distância da concepção da Igreja como Povo de Deus, de uma Igreja comprometida com a unidade dos cristãos e o diálogo inter-religioso. O clericalismo não cessa de crescer, particularmente entre o clero mais jovem e as associações laicais conservadoras. A postura de diálogo e serviço no mundo tem adquirido um viés apologético e de distanciamento.

## DO SÍNODO DOS BISPOS A UMA IGREJA SINODAL

Tendo presente a recepção do Vaticano II na América Latina e a larga caminhada sinodal da Igreja no continente, o Papa Francisco fez uma reforma do Sínodo dos Bispos. Em 2018, publicou a constituição *Episcopalis Communio*, na qual define que o Sínodo dos Bispos precisa estar intimamente ligado ao *sensus fidei* de todo o Povo de Deus, no seio do qual o bispo, além de mestre se torna também “discípulo, quando sabendo que o Espírito é concedido a cada batizado, se coloca à escuta da voz de Cristo, que fala através de todo o Povo de Deus” (n. 5). Daí a necessidade do Sínodo, diz o Papa, “tornar-se cada vez mais um instrumento privilegiado de *escuta do Povo de Deus*”, integrado também por “*pessoas que não detêm o múnus episcopal*” (n. 6).

O novo perfil de Sínodo foi colocado em prática no *Sínodo da Amazônia*, em 2019. Nele houve um amplo processo de escuta nas Igrejas Locais; metade dos participantes da assembleia sinodal não eram bispos e, destes, metade eram mulheres; o documento final foi votado e foi-lhe dado um caráter oficial; dentre as decisões, em lugar da criação de uma “conferência episcopal” com organismo de comunhão das Igrejas Locais na região, criou-se uma “conferência eclesial” (CEAMA), integrada por clérigos, leigos e religiosas. O novo organismo inspirou a realização na América Latina, não de uma 6ª. Conferência de Bispos, mas a *Primeira Assembleia Eclesial* da Igreja no Continente. Estes novos organismos, assim como o novo perfil do Sínodo dos Bispos, colocam a exigência de uma sinodalização dos organismos episcopais, em especial das Conferências Nacionais.

O Sínodo atual avança ainda mais em relação ao Sínodo da Amazônia: é o primeiro Sínodo a realizar-se de forma descentralizada, de baixo para cima, a partir das Igrejas Locais, passando pelos Continentes, até chegar à Assembleia Geral, para depois fazer o caminho da volta às Igrejas Locais em 2024. A Fase Diocesana e a Fase Continental não são apenas preparação para a Assembleia Geral, mas já o Sínodo em processo, acontecendo, sendo realizado.

## A SINODALIDADE COMO O MODO DE SER E DE AGIR DA IGREJA

A sinodalidade (*ekklesia*/assembleia) é o próprio nome da Igreja (João Crisóstomo). O termo, São Paulo foi buscá-lo na designação da democracia grega – *assembleia*, com a diferença de que nela não participavam as mulheres e os escravos. Já na *assembleia/eclesia* dos cristãos não há aceção de pessoas: entre judeu ou gentio, homem ou mulher, senhor ou escravo, rico ou pobre, nativo ou estrangeiro.

Infelizmente, sobretudo durante o segundo milênio, não foi este o testemunho que a Igreja deu ao mundo. Apesar da renovação do Vaticano II, a imagem corrente é ainda de uma instituição com uma hierarquia rígida e verticalizante, autoritária, sem voz e vez aos leigos e leigas, à Vida Consagrada, excludente das mulheres dos ministérios e da tomada de decisões, em resumo, uma instituição clericalista, pouco sinodal.

Felizmente, a Conferência de Aparecida e o pontificado reformador de Francisco resgataram a renovação do Concílio Vaticano II. E neste resgate está em curso a complexa e difícil tarefa de implementação de uma Igreja sinodal, que implica mudanças no ser e no modo de agir da Igreja: mudanças da consciência eclesial, nas relações de igualdade e autoridade, nas ações e nas estruturas da Igreja em todos os níveis, em especial no modo como se faz o discernimento e a tomada de decisões.

## **O DESAFIO DA SUPERAÇÃO DE UM CRISTIANISMO SACERDOTALIZADO**

No resgate da sinodalidade, que esteve tão presente na Igreja do primeiro milênio e tão ausente no segundo, um grande desafio é a superação de um cristianismo sacerdotalizado, principal fator do eclipse da sinodalidade. O Vaticano II o havia superado, mas ele voltou. O clericalismo reinante é uma de suas expressões.

A sacerdotalização do cristianismo aconteceu quando a Igreja assumiu os padrões da religião sacrificial, presente no judaísmo e nas religiões pagãs: em lugar do memorial da Páscoa de Jesus em uma Ceia, a celebração se torna sacrifício; em lugar de uma assembleia toda ela sacerdotal, o sacrifício celebrado tem o sacerdote como o único celebrante; em lugar do presbítero, se passa a ter o sacerdote do altar; em lugar de uma Igreja inserida no mundo, há uma Igreja autorreferencial, refugiada no espaço do sagrado; em lugar de uma Igreja conformada por todos os batizados - um povo todo ele profético, régio e sacerdotal (*tria munera ecclesiae*), se passa a uma Igreja conformada pelo binômio clero-leigos: o clero é o polo ativo da Igreja, fonte de toda iniciativa e poder, já os leigos são o polo passivo, vivendo no mundo profano, a quem cabe obedecer docilmente ao clero.

Para J. Costadoat, o cristianismo centrado na cruz para o perdão dos pecados e, conseqüentemente, a celebração eucarística reduzida a um sacrifício expiatório, é incompatível com a história de Jesus de Nazaré, que tem no Crucificado a expressão maior do amor a Deus sem exclusão. Para ele, trata-se de um desvio tão profundo e sério que **“a versão sacerdotal do cristianismo**

**se converteu em uma expressão patológica do mesmo”. A Igreja passa a ser os que têm um poder sagrado** – a hierarquia, o clero, sacerdotes no espaço do sagrado.

Em um cristianismo sacerdotalizado, o clericalismo não é a causa de uma Igreja autoritária e conivente com os abusos dela derivados, mas a sacerdotização do presbítero, que gera a segregação entre clero e leigos, a separação entre sagrado e profano, assim como a divinização dos ministros ordenados que os isenta de toda crítica.

## **OS DOIS PILARES ECLESIOLÓGICOS DA SINODALIDADE**

A sinodalidade da Igreja se alicerça sobre dois referenciais teológicos básicos:

### *1º) A Igreja como uma comunidade toda ela ministerial*

O Concílio Vaticano II, com o resgate da eclesiologia Povo de Deus, superou o binômio clero-leigos: uma Igreja composta por duas classes de cristãos: o clero, o polo ativo, fonte de toda iniciativa e poder, e os leigos, o polo passivo, a quem cabe obedecer docilmente ao clero e ser seu colaborador. Uma Igreja, portanto, *piramidal e clericalista*. Na eclesiologia conciliar, há um único gênero de cristãos – os batizados, em uma radical igualdade em dignidade de todos os ministérios, na corresponsabilidade de todos em tudo. Os ministros ordenados não têm o monopólio do poder na Igreja; eles são membros e servidores dos não-ordenados (Papa Francisco/“pirâmide invertida”).

### *2º) A Igreja como uma “Igreja de Igrejas” Locais*

No Vaticano II, por um lado, a Igreja Local é “porção” e não “parcela” da Igreja católica; conseqüentemente, em cada Igreja Local se faz presente a *Igreja toda*, pois todos os meios de salvação de que ela dispõe estão presente em cada Igreja Local. Mas, por outro lado, dado que nenhuma delas esgota este mistério, ainda que seja depositária da Igreja toda, ela não é toda a *Igreja*, pois a Igreja é católica na medida em que cada Igreja Local estiver em comunhão com as demais Igrejas Locais, constituindo uma “Igreja de Igrejas”. Não há uma suposta “Igreja universal”, anterior e exterior às Igrejas Locais.

Conseqüentemente, bispos são membros do Povo de Deus em suas Igrejas Locais, não acima e nem fora dele, mas a seu serviço, com seu presbitério; o Papa, como bispo de Roma, está inserido no seio do Colégio Episcopal; e a colegialidade episcopal está inserida no seio da sinodalidade eclesial.

## UMA IGREJA COMUNHÃO E A PARTICIPAÇÃO PARA A MISSÃO

Em primeiro lugar, a sinodalidade implica comunhão *ad intra* e *ad extra*.

Na esfera *ad intra*, no seio da Igreja, a comunhão não se dá em relações verticais: o leigo em comunhão com o padre, o padre com o bispo e o bispo com o papa; mas em relações *horizontais*: entre todos os batizados e, conseqüentemente, comunhão do padre com a comunidade eclesial, do bispo com a porção do Povo de Deus que ele preside e do papa com sua Igreja e o Colégio dos Bispos. Há diferentes ministérios, mas todos no seio da comunidade eclesial e a seu serviço. Quem preside não decide ou comanda, antes exerce o “ministério da coordenação” – co-ordena a todos para o serviço de todos em tudo e a todos; os que presidem harmonizam a diversidade em função da unidade da comunidade eclesial. E como a Igreja é uma Igreja de Igrejas, a sinodalidade implica a comunhão da Igreja Local com as demais Igrejas Locais em âmbito nacional, continental e universal.

Entretanto, em uma Igreja sinodal, a comunhão não se esgota na esfera intra-eclesial. Como a Igreja existe para tornar presente o Reino de Deus no mundo, a comunhão tem também uma dimensão *ad extra* - a comunhão dos cristãos com toda a humanidade (Igrejas, religiões, sociedade civil, cuidado da Casa Comum). Como diz o Vaticano II, “o Povo de Deus peregrina no seio de uma humanidade toda ela peregrinante e o destino do Povo de Deus não é diferente do destino da humanidade” – *fratelli tutti*. Uma Igreja sinodal é uma Igreja engajada na construção de uma sociedade fraterna e inclusiva de todos.

Em segundo lugar, em uma Igreja sinodal, a comunhão só acontece na *participação* efetiva de cada batizado na comunidade eclesial, no serviço à Igreja e ao mundo. A participação se dá sendo sujeito na comunidade eclesial e fazendo presença nos processos de discernimento comunitário e tomada de decisões. Isso implica estruturas de comunhão e participação, como são a assembleia e o conselho de pastoral nos diferentes âmbitos eclesiais – comunidade, paróquia, diocese, assim como mecanismos de coordenação, como são as equipes de coordenação dos diversos serviços de pastoral e as equipes de coordenação dos diferentes âmbitos eclesiais.

Em terceiro lugar, em uma Igreja sinodal, a comunhão e a participação são para a *missão*: a comunhão encontra suas raízes mais profundas no amor e na unidade da Trindade; a participação deriva do chamado a servir uns aos outros por meio dos dons que cada um recebeu do Espírito Santo; e a missão decorre da razão de ser da Igreja: ela existe para evangelizar; e evangelizar consiste em “tornar presente o Reino de Deus no mundo” (EG 176).

## **DESAFIOS PARA UMA IGREJA SINODAL APONTADOS PELA AMÉRICA LATINA**

A Igreja na América Latina, na Síntese das contribuições dos quatro encontros regionais (América Central, Caribe, Países Andinos e Cone Sul) da Etapa Continental, selecionou oito desafios principais para uma Igreja sinodal:

### ***1º. O protagonismo do Espírito na Igreja***

O Espírito Santo é a alma da Igreja, o protagonista da evangelização. Por isso, menos instituição e mais carisma. Menos hierarquia e mais Povo de Deus. Discernir e deixar-se interpelar pelos sinais dos tempos. Menos rigidez de estruturas e normas e mais Evangelho e espiritualidade, mas sem espiritualismos e emocionalismos.

### ***2º. Uma Igreja pautada pelo *sensus fidelium****

Superar uma Igreja configurada no binômio clero-leigos, pela corresponsabilidade de todos os batizados em tudo na Igreja: “o que diz respeito a todos deve ser discernido e decidido por todos”. O protagonismo do laicato na Igreja, em especial das mulheres e dos jovens.

### ***3º. Uma Igreja sem clericalismos e relações verticais, autoritárias***

Como o poder na Igreja não deriva do sacramento da Ordem, mas se assenta sobre o Batismo, inserir os ministros ordenados no seio de uma Igreja toda ela ministerial. Como na Trindade não há hierarquia, as relações na Igreja precisam ser horizontais e não verticais. Uma Igreja Povo de Deus e não piramidal.

### ***4º. Uma Igreja em saída às periferias e servidora dos pobres***

Superar uma Igreja autorreferencial, fechada sobre si mesma, em torno ao templo e ao culto, por uma Igreja aberta ao mundo, em saída missionária, que faça das periferias o centro da Igreja. Em lugar de uma postura apologética frente ao mundo, inserir-se nele em uma atitude de diálogo e serviço. Uma Igreja missionária na interculturalidade, no respeito à diversidade, no seio de um mundo cada vez mais pluralista e diversificado.

### ***5º. Uma Igreja com compromisso social e cuidado com a Casa Comum***

O Evangelho de Jesus contém um evangelho social, que faz dos cristãos luz do mundo e fermento na massa. A fé cristã é indissociável do compromisso social, na construção de uma sociedade justa e solidária, expressão do Reino de Deus presente a partir da imanência da história. Por sua vez, a defesa da vida abarca o cuidado com a Casa Comum, sobretudo quando uma economia de rapinagem põe em risco a vida humana e seus ecossistemas.

## **6ª. Uma Igreja com estruturas de comunhão e participação**

Grande entrave para uma Igreja sinodal é a vigência na Igreja de estruturas ultrapassadas e caducas, rígidas e discriminantes do laicato, sobretudo, das mulheres. Uma descentralização, sob o princípio da subsidiariedade, é condição para Igrejas autóctones, inculturadas e com o rosto de seus povos. Em grande medida, as estruturas da Igreja são clericalistas, que imprimem nas relações um caráter autoritário e vertical. Nenhuma comunidade eclesial sem assembleia e conselho de pastoral.

## **7ª. Em uma Igreja toda ela ministerial, repensar o perfil dos ministros ordenados**

O perfil clericalista dos ministérios ordenados é o ponto de estrangulamento da sinodalidade na Igreja hoje. Impede uma Igreja toda ela ministerial; é excludente do laicato e das mulheres. E como são ministérios reservados aos homens, imprimem na Igreja um caráter patriarcal e machista. Urge superar o perfil sacerdotalizado dos ministérios ordenados e repensar seu processo de formação. Necessidades pastorais, especialmente o acesso à Eucaristia, levantam a questão da ordenação de homens casados, assim como uma inclusão mais efetiva das mulheres coloca a questão do acesso das mulheres ao sacramento da Ordem.

## **8ª. Sinodalizar os organismos de bispos, em especial as Conferências Episcopais**

A exemplo da criação da CEAMA e da realização da Primeira Assembleia Eclesial da Igreja na América Latina e o Caribe, urge sinodalizar os organismos episcopais, particularmente as Conferências Nacionais e Continentais de Bispos. Inserir a colegialidade episcopal no seio da sinodalidade eclesial, inclusive o magistério da Igreja, para que seja uma expressão mais explícita do *sensus fidelium*.

## COM A IGREJA, EM CAMINHO SINODAL: INTERPELAÇÕES PARA A VIDA RELIGIOSA CONSGRADA E O CARISMA VICENTINO

*Ir. Raquel de Fátima Colet, fc*

A *sinodalidade* é, certamente, uma das expressões mais utilizadas no meio eclesial atualmente, acompanhando reflexões, cursos e inúmeros outros momentos formativos. De outra parte, a sociedade também olha com interesse e curiosidade para este tema, particularmente no acompanhamento do Sínodo em curso (2021-2024). Este se insere numa trajetória de eventos sinodais anteriores, mobilizados especialmente a partir do Concílio Vaticano II, e acompanhados de temáticas pertinentes para a vida eclesial.



A originalidade da atual edição está não somente em colocar como foco da reflexão a dimensão sinodal da Igreja, como também ampliar os espaços de escuta e participação a partir de uma metodologia descentralizada e ampliada. O Sínodo deixa de ser o Sínodo dos Bispos, e passa a ser assumido como o Sínodo do Povo de Deus. Assim, a Vida Religiosa Consagrada (VRC) e, dentro dela, a Companhia das Filhas da Caridade, também se sente movida ao envolvimento ativo com essa experiência espiritual e apostólica de “caminhar juntos”.

Embora o tempo forte da caminhada sinodal se coloque dentro de um tempo cronológico limitado de quatro anos, abrangendo da etapa da escuta das dioceses à assembleia da Igreja universal, a sinodalidade não é um tema pontual para ser aprofundando, mas um modo de ser Igreja que a acompanha de Pentecostes à escatologia final. Assim, o risco que corremos é de olhar para o Sínodo dentro de um “prazo de validade”, deixando de contextualizá-lo em um horizonte muito maior que envolve, em um primeiro momento, a escuta atenta do Espírito de Jesus e, em consequência, a resposta generosa e comprometida da Igreja, em fidelidade à sua vocação de sacramento do Reino no mundo. De modo especial, é preciso assumirmos o Sínodo 2021-2024 sob as lentes da proposta eclesiológica do atual pontificado. Um olhar mais apurado nos permite perceber que há um propósito evangélico muito consistente no que o Papa Francisco vem mobilizando nos últimos dez anos, o que não parte de concepções pessoais, mas do fundamento com a Tradição genuína da Igreja.

Por isso, o Sínodo sobre a Sinodalidade, como tem sido chamado, não é um tema a ser estudado, mas um estilo de vida a ser assumido por todos os sujeitos eclesiais.

A tarefa que assumimos aqui é propor uma leitura do caminho sinodal a partir das lentes da VRC e, mais diretamente, do carisma próprio que nos identifica e situa nela. A reflexão quer ser, assim, uma abordagem possível de nossa presença e envolvimento na caminhada sinodal assumindo nossas singularidades de carisma e missão como dinamismos que refletem nossa pertença e vínculo eclesial. Metodologicamente, assumimos três referências históricas que nos ajudarão a desenvolver o tema, sendo elas:

1. A herança carismática dos Fundadores nas origens da Companhia;
2. O Concílio Vaticano II, com especial enfoque ao legado espiritual e apostólico de Irmã Suzanne Guillemin;
3. As interpelações do Documento Interassembleias 2022-2027.

Como chaves de leitura em perspectiva sinodal para a abordagem desses referenciais, trazemos as três palavras-forças que acompanham o Sínodo 2021-2024 - *comunhão, participação e missão* - integradas a conceitos mobilizadores assumidos como Companhia a partir da última assembleia.

## **1. PERCURSOS SINODAIS NAS ORIGENS DA COMPANHIA:**

Dedicamo-nos a esse ponto de modo mais breve, partindo da premissa de que falar das origens implica compreender nossos Fundadores como filhos do seu tempo. Ou seja, de modo objetivo e subjetivo, Luísa e Vicente viveram as possibilidades e desafios do mundo e da Igreja do século XVII. Isso nos priva do risco de um discurso anacrônico e descontextualizado, especialmente no exigente exercício que é traduzirmos o pensamento deles para a nossa época.

Embora ele mesmo tenha buscado uma brecha para conseguir sua ordenação presbiteral antes da idade permitida, os relatos históricos nos indicam o compromisso de São Vicente na aplicação das orientações do Concílio de Trento (1545-1563), que, como bem sabemos, marcou um posicionamento de resistência e reafirmação da identidade católica diante da expansão dos eventos reformadores do início do século XVI. Conhecemos o empenho de nosso Fundador na formação do clero, cuja fragilidade percebeu de forma concreta no acompanhamento das comunidades, especialmente do povo do campo. As iniciativas por ele organizadas, entre as quais podemos citar as Conferências das Terças-feiras e a fundação de uma congregação de padres com o duplo

cuidado da missão e da formação, estão sintonizadas com os direcionamentos tridentinas.

De Luísa de Marillac, herdamos o sentido de filiação à Igreja e o compromisso de vivermos e agirmos conforme a dignidade desse vínculo filial. De outra parte, o legado das “idas e vindas” que marca o início de um novo estilo de vida consagrada na Igreja com o surgimento da Companhia, em 1633, é fruto do discernimento lúcido dos Fundadores em relação aos limites eclesiais que precisavam ser enfrentados para que a originalidade do carisma pudesse ser mantida. Isso implicou uma dupla coragem: a de esperar a hora da Providência e a de agir quando ela se apresentou.

Como fruto amadurecido dessa pertença eclesial consciente, Luísa e Vicente, e todos aqueles e aquelas que *caminham junto* com eles, nos deixaram o amor-serviço afetivo e efetivo às pessoas pobres. Essa intuição carismática originária segue sendo assumida, atualizada e testemunhada como Igreja e em nome dela.

**Inspiração para o itinerário sinodal: *consciência e pertença eclesial***  
(*sentire cum Ecclesia*)

## **2. O EMPENHO AFETIVO E EFETIVO NO AGGIONARMENTO CONCILIAR**

Como o foi para toda a Igreja, o Concílio Vaticano II foi um marco também na Companhia. Tivemos a graça de, por meio de nossa Superiora Geral da época, Irmã Suzanne Guillemin, participar ativamente desse evento eclesial, sendo ela uma das 23 mulheres que, a partir da 3ª sessão (1964), marcaram presença nas aulas conciliares. Destacamos sua contribuição singular nas reflexões sobre a renovação da Vida Religiosa, tanto nos trabalhos conciliares como nas iniciativas vinculadas ou oriundas dele. A referência particular que fazemos aqui à pessoa de Irmã Suzanne tem o sentido de agregar todos os contemporâneos seus que, com ela, “caminham juntos” nas rotas avistadas pelo Concílio.

Optamos por dar um destaque especial ao comprometimento que Irmã Guillemin suscitou na comunidade em torno do movimento conciliar, antes mesmo de ser nomeada auditora e dos desdobramentos pós-Vaticano II. É notável a diligência com que ela atualiza o pensamento dos Fundadores para os tempos modernos, com uma lúcida consciência da realidade eclesial e sociocultural.

Se fizermos uma revisita aos Ecos da Companhia de 1962, ano que foi eleita Superiora Geral, encontraremos como título de suas alocações às Irmãs: “Com

a Igreja, em estado de Concílio”. Em palavras assertivas e diretas, ela exprime o lugar e a tarefa que as Filhas da Caridade ocupam naquele tempo kairológico da vida da Igreja:

*Nesse corpo eclesial que aqui tratamos, a pequena Companhia se integra no humilde lugar que nos corresponde como Filhas da Caridade, Servas dos Pobres Enfermos. E, com os demais membros da Igreja, ela também está chamada a entregar-se por inteiro no trabalho do Concílio, a tomar parte, desde o seu lugar, nessa magna revisão da vida eclesial, nessa magistral reflexão apostólica.<sup>1</sup>*

Em conferência aos bispos da França, dada em Roma, em outubro de 1964, suas palavras foram ainda mais incisivas: “Entrar ativamente na marcha da Igreja e adaptar-se ao mundo de hoje é questão de vida ou morte para uma comunidade; e, o que é mais grave ainda, de fidelidade ou de traição à sua vocação na Igreja”<sup>2</sup>.

Um sinal eloquente do compromisso da Companhia com a renovação conciliar, particularmente em relação à nossa identidade consagrada foi a mudança de hábito. O fato de, em 20 de setembro de 1964 (dois dias antes de sua nomeação como auditora conciliar) mais que 45 mil Filhas da Caridade do mundo inteiro deporem suas distintas *cornettes* e assumirem uma vestimenta mais adequada para os novos tempos, foi um acontecimento de uma força simbólica estupenda. Mais do que a mudança de um estilo de vestir, a mudança de hábito representou uma mudança de perspectiva de presença e ação.

Merece destaque a lucidez e honestidade com que Guillemin assume as tensões que acompanharam os processos de mudança, seja no interior da Comunidade como no meio social. Por isso, o cuidado está em assumir pessoal e comunitariamente, um itinerário espiritual que envolve a partir de dentro, e permite discernir e assumir o propósito do que precisa ser mudado. Isso é perceptível nos registros dos exercícios espirituais conduzidos por Irmã Guillemin, na Casa Mãe, em preparação à mudança do hábito. No último deles, Guillemin reflete com as Irmãs:

*Nós podemos dizer: exteriormente falando é uma mudança sem importância. O que importa se está vestida dessa ou daquela forma? Não é isso que muda o valor de uma alma. Cada um de nós, no dia seguinte da mudança, seguiremos sendo diante de Deus o que somos.*

<sup>1</sup> SOR. SUZANNE GUILLEMIN, H. C. Escritos y palabras. Salamanca, 1988, p. 185. Tradução livre do espanhol.

<sup>2</sup> HERRMANN, C. Ecos da Companhia, 2007, p. 273.

*E a Comunidade seguirá sendo o que é diante de Deus, sem mais nem menos. Porém, não podemos minimizar essa mudança, tirar-lhe a importância. Exteriormente perdemos todo um patrimônio de honra, de reputação, de tudo que estava vinculado ao hábito que usamos. De certo modo, era para nós um sinal de nobreza. Há uma coisa certa e é o que temos que fazer. A Igreja pede, a Igreja quer e as circunstâncias o exigem.*<sup>3</sup>

O período pós-conciliar foi ainda mais desafiante, especialmente no que diz respeito ao discernimento e aplicação das mudanças propostas. É conhecido e, até mesmo compreensível, o clima de instabilidade e de certa crise que acompanham a Igreja e a Companhia. Guillemin chamava atenção para o risco de interpretações arbitrárias que não convirjam para a comunhão eclesial e a unidade da Comunidade. Mais uma vez, o foco a ser mantido é no sentido espiritual que sustenta e fecunda qualquer movimento de mudança: “Em toda renovação existem sempre estes dois polos: inserção profunda nos princípios que hão de se aplicar sempre, e captação, profunda também, das condições da época em que se vive. Porém, que fique claro que não pode haver renovação sem aprofundar-se espiritualmente”<sup>4</sup>.

Por fim, um legado que nos foi deixado por Guillemin e que marcou os direcionamentos da Companhia no momento pós-concílio foi a capacidade de trabalhar em colaboração com diferentes pessoas, numa postura de aprendizado conjunto. Isso exige das pessoas consagradas a disposição de assumirem uma postura de inserção no mundo e, mais do que isso, de conhecimento da realidade. A valorização do apostolado das pessoas leigas e a atenção com o desenvolvimento científico caminha de passo dado com a urgência de uma atitude que alinhe testemunho e competência por parte da VRC. “Antes de sonhar com um testemunho especificamente religioso, temos que dar testemunho cristão, na vida e na profissão; talvez, tenhamos durante muito tempo e, frequentemente, esquecido isto”<sup>5</sup>.

Se na concepção pré-conciliar, a adesão à consagração se configurava em torno de um ideal de perfeição, o *aggiornamento* representou uma ruptura com um pretense monopólio da santidade por parte dos religiosos, e o convite para o reconhecimento ativo da ação da graça santificante em todo o Povo de Deus. Nas palavras de Guillemin: “o despertar dos leigos sobre suas responsabilidades

<sup>3</sup> SOR. SUZANNE GUILLEMIN, H. C. Escritos y palabras. Salamanca, 1988, p. 605. Tradução livre do espanhol.

<sup>4</sup> Idem, p. 770.

<sup>5</sup> HERRMANN, C. Ecos da Companhia, 2007, p. 275.

apostólicas fez cair o monopólio e, em qualquer lugar onde esteja, a religiosa deve pensar numa “ação planejada”, buscar não agir sozinha; sua função consistirá muitas vezes em preparar, apoiar ou ampliar o papel dos leigos”<sup>6</sup>. Além de um novo direcionamento da missão, isso demanda uma conversão de mentalidade: “perdeu-se a possessão, e perdeu-se a autoridade; mas ganhou-se em inserção e em colaboração”<sup>7</sup>.

Entretanto, há uma singularidade evangélica na realização da ação de uma pessoa consagrada: “como todo homem de nosso tempo, a religiosa está, pois, voltada para uma perfeição profissional que o progresso exige continuamente. Em uma profissional, o ofício é o preponderante; na religiosa, ele é e deve ser o veículo do amor”<sup>8</sup>. De igual modo, esse diferencial não é um atributo particular de uma pessoa ou de uma comunidade religiosa, mas dons da Igreja de Cristo, visto que “nenhuma comunidade é um fim em si mesma; não tem sentido nem razão de ser senão por sua pertença à Igreja e por sua vocação na Igreja. E sua vida, seu desenvolvimento, seu crescimento só se justificam à luz das necessidades da Igreja”<sup>9</sup>. Isso implica que haja, da parte daqueles que exercem na Igreja um serviço de governo, especialmente no âmbito da hierarquia e condução dos processos decisórios, uma valorização sadia e justa da VRC, pois ela “não é uma realidade isolada, que se preocupa e se mantém unicamente para si. Ela só pode viver se estiver unida à Igreja e querida eficazmente por Ela”<sup>10</sup>.

**Inspiração para o itinerário sinodal: *consciência e pertença eclesial, em espírito de discernimento e compromisso com os sinais dos tempos***

### 3. O *Ephata* em chave sinodal

A mais recente Assembleia Geral da Companhia aconteceu às vésperas do início do Sínodo 2021-2024, tecida a partir das motivações de um tema que mobilizou ativamente as comunidades locais e províncias. O convite para assumir o *Ephata* numa experiência de “*sair... ir para... encontrar...*” indica um outro nome possível para o caminho sinodal. Nesse sentido, nossa inserção no itinerário sinodal está visceralmente ligada às inspirações e compromissos que decorrem do itinerário das Assembleias. Em outras palavras, nossa participação

<sup>6</sup> Idem, p. 280.

<sup>7</sup> Idem, p. 285.

<sup>8</sup> Idem, p. 279.

<sup>9</sup> Idem, p. 287.

<sup>10</sup> Idem, p. 296.

no Sínodo 2021/2024 é expressão de nossa vivência do *Ephata*, tal como está traduzido no documento Interassembleias: “A Companhia deseja continuar com dinamismo e esperança o seu compromisso de viver a sinodalidade, em união com o processo sinodal iniciado na Igreja. É um convite para melhor escutar, para dialogar a fim de discernir juntas e assim em todos os âmbitos”<sup>11</sup>.

Se nos dois pontos anteriores, nosso foco foi na consciência da pertença eclesial vislumbrada na herança histórica e carismática, o horizonte deste ponto é olharmos, a partir dessa pertença, para as experiências que têm marcado as etapas até aqui realizadas do Sínodo 2021-2024, especialmente no horizonte da *comunhão, participação e missão*. Fazemos, também, a opção por contextualizar essa reflexão para nossa realidade brasileira e latino-americana, na interlocução com os pontos principais acenados pela escuta ao Povo de Deus, presentes nas sínteses nacional e continental.

Partindo dos compromissos ou das “chaves” do *Ephata*, podemos pensar a comunhão vinculada à contemplação e à conversão. Isso nos remete à premissa presente nos documentos preparatórios do Sínodo de que, caminhar juntos é, em primeiro lugar um itinerário espiritual a ser, pessoal e comunitariamente, assumido, em escuta atenta do Espírito. Rezamos isso na oração que acompanha o Sínodo: “Eis-nos aqui, diante de vós, Espírito Santo”. A atitude sinodal é, em primeiro momento, contemplativa e se sustenta no reconhecimento agradecido de que Deus está tecendo o Reino entre nós, e, neste momento da história, essa tessitura, tem o Sínodo como veículo de Seu desígnio de amor. Isso nos ajuda no entendimento de que não será um questionário às comunidades, uma síntese continental, uma assembleia de pessoas ou um documento pós-sinodal que irá resolver nossos desafios como Igreja na atualidade, seja na dimensão *ad intra* ou *ad extra*. Nesse “tempo favorável”, o Espírito de *Abbá* está a nos lembrar de nossa identidade de peregrinos da esperança, cujo percurso fundamental se tece a partir de dentro, do encontro transformador com uma Pessoa que para nós é “o adorador do Pai, servo de Seu desígnio de amor, e evangelizador dos pobres” (cf. Constituição 8).

A comunhão também no move a promover a urgente e imprescindível reconciliação das diferenças. É fato dado e irreversível: sob muitos aspectos, vivemos em mundo plural. As sínteses sinodais indicam como um dos grandes desafios da atualidade as diversas formas de intolerâncias que afetam não somente as relações sociais, mas são visíveis no interior das comunidades de fé e, de igual forma, nas comunidades da VRC. Muitas delas são de natureza

<sup>11</sup> Documento Interassembleias 2021-2027, p. 13.

ideológica e se apoiam na instrumentalização do discurso religioso que sustenta polarizações, seja no espaço público quanto nas instâncias eclesiais. Independente do serviço apostólico que realizemos, todos os dias lidamos com os efeitos diretos e indiretos desse terreno de inimigos declarados ou velados, e que os efeitos mais lancinantes serão sentidos pelos mais vulneráveis. E, sem nos darmos conta, podemos inclusive alimentar essas disputas, inclusive batizando-as como vontade de Deus. O pluralismo cultural e religioso é uma realidade sem retorno, mas ainda à margem de uma digna acolhida eclesial.

Sabemos que na raiz de todo preconceito e resistência ao diferente existem questões de ordem subjetiva e objetiva, cuja abordagem envolve um amplo processo educativo que demanda o conhecimento mútuo e, sobretudo, a capacidade de lidar com a verdade. Um exemplo que temos do atual pontificado nesse sentido é a forma - não sem dores e resistências, inclusive de altos prelados – como tem conduzido a problemática dos abusos na Igreja. Muitas vezes, se compromete a comunhão por causa de uma diplomacia conveniente e descomprometida, um instinto de proteção que evita nomear e encarar de frente as contradições. Os resultados disso são previsíveis, seja na sociedade ou no interior de uma comunidade religiosa. O “sinal profético da unidade na diversidade”, de que fala o Documento Interassembleias, envolve a conversão diária, pessoal, comunitária e estrutural, onde as diferenças sejam acolhidas como dom, e assumidas com maturidade e discernimento evangélico.

À *participação*, que é também um compromisso assumido como Companhia pós-assembleia, podemos agregar a chave da partilha. Ambas são conceitos que reportam à consciência de interdependência e cooperação necessárias, não somente em ações e projetos pontuais, mas para a manutenção da vida no planeta, tanto do ponto de vista socioecológico quanto relacional.

Com um olhar direcionado, podemos pensar a participação também em torno da reflexão sobre nossa presença feminina na Igreja e no mundo. Como já o foi na época do Concílio, o clamor pela participação mais efetiva das mulheres na caminhada eclesial tem ecoado com força nas escutas sinodais, juntamente com a preocupação com as juventudes. Olhando para a Igreja latino-americana e caribenha, é indiscutível que são as mulheres quem dinamizam, de fato, a vida eclesial, não somente por serem a maioria da assembleia, mas pelos serviços pastorais mais elementares da comunidade. O desafio não está somente no âmbito teológico-doutrinal, em torno da possibilidade ou não de acesso a ministérios ordenados, mas no reconhecimento do potencial das mulheres

para além da execução de tarefas, de superação de discursos e estruturas que contradizem o Evangelho, e que são um contratestemunho para nossos dias.

Obviamente que este não é um terreno simples de lidar porque envolve de modo direto relações de poder e autoridade que colocam simbólica e efetivamente as mulheres em uma posição subalterna ou de subserviência aos homens e, na Igreja, especialmente ao clero. As escutas enfocam sobremaneira o clericalismo como uma situação doentia na Igreja atual, o que revela, na relação com o feminino, sua face mais opressora. Como Vida Consagrada Feminina, nossa dignidade batismal e consciência eclesial nos movem a contribuir com a superação dessa situação de autorrefencialidade, o que passa por pequenas atitudes cotidianas.

Olhamos para a *missão* entrelaçada com a presença e a abertura de espírito. Essa é uma relação interessante porque nossa tendência é pensar missão como ações, planos, projetos, o que nos mergulha no risco de busca de respostas fáceis ou de um ativismo irreflexo. Talvez para nós, Filhas da Caridade, esse risco seja ainda mais latente porque, segundo conhecemos da história, nossos Fundadores foram pessoas de ação, e assim seguimos nós, nessa ânsia de “fazer coisas”. Quem sabe a pedagogia de Deus para conosco nesse tempo de redução do número de vocações seja nos convidar para uma ressignificação das nossas presenças. Em um tempo onde as solidões ganham campo, presenças ativas são o bálsamo curador que inunda os meandros das fronteiras da humanidade com o aroma do Evangelho. Sermos presenças cuidadoras e curadoras também exige conhecer a fundo as fronteiras geográficas e existenciais do nosso tempo, assumindo-as não como uma delimitação de território e salvaguarda de uma identidade, mas como uma possibilidade de tecer encontros. A fronteira é, por excelência, o lugar do encontro, porque nelas precisamos nos despojar de nossas posses reais e simbólicas, e colocar o que sabemos, temos e somos a serviço do bem-comum.

Por fim, não há como pensar uma presença missionária hoje que ignore a ambiência digital e a influência entranhada que ela tem, tanto nas relações quanto na distribuição dos recursos. Há uma relação direta entre a virtualidade e a justiça social. Podemos nos perguntar, por exemplo, a serviço do que estão os algoritmos e os avanços auspiciosos da inteligência artificial? A indústria das *Fake News*, que move grandes somas de dinheiro, preserva os interesses de quem? Olhando para os governos latino-americanos, pensamos, por exemplo, no que a avalanche comunicacional tem representado para suas frágeis democracias. Por que há tanta resistência em estabelecer mecanismos

de controle legal do conteúdo veiculado pelas plataformas digitais, que tem sido palco de conflitos épicos? E, talvez a pergunta mais básica, e que está diretamente ligada às anteriores, o que podemos falar das propostas de evangelização midiáticas, onde a pessoa e o projeto de Deus, por vezes, ficam obscurecidos pelos *influencers* da fé que, consciente ou inconscientemente, alimentam os chamados “magistérios paralelos” e, em nome da Igreja, fazem da fé um *business* promissor? É a credibilidade da mensagem cristã e os direitos das pessoas que estão sendo comprometidos nesse processo.

**Inspiração para o itinerário sinodal:** *consciência e pertença eclesial, em espírito de discernimento e compromisso com os sinais dos tempos, e opção profética pelas fronteiras geográficas e existenciais.*

Se o cenário nos parece pouco esperançoso e por demais complexo, contamos, entretanto, com a promessa de Cristo de que estará conosco todos os dias até o fim dos tempos (cf. Mt 28,20), o que sustenta o compromisso de amor-serviço que assumimos à luz de Mt 25 – “tudo o que fizeres ao menor dos meus”. É consolador observar, no relato bíblico, que Deus inicia Sua ação criadora de Deus a partir do caos. Nós, em nosso tempo, participamos da renovação da obra criada, imprimindo beleza e sentido (*kósmos*), reordenando os desencontros e informidades que, no cotidiano da vida, acompanham nosso ser e agir eclesial. O “*Faça-se*” e o “*Ephata*” são a sonoridade do Evangelho que atravessam os barulhos e ruídos que nos envolvem, e que só são percebidos quando, “caminhando juntos”, nos dispomos à salutar e transformadora experiência da escuta e encontro. Se, por vezes, a tentação é de refugiar-se ou omitir-se, nossa vocação é por demais séria para a relegarmos à responsabilidade de outrem ou culpabilizar a realidade pela nossa falta de coragem de *sair porta a fora... ir para... encontrar...*

*“A humildade não consiste em estar ausente; a humildade consiste em estar simplesmente onde se tem que estar, e dizer e fazer o que se tem que dizer e fazer”.*

(Irmã Suzanne Guillemin, fc)

## A IGREJA

### ◆ A JMJ EM QUE UM JOVEM DEU CATEQUESE ◆ AOS BISPOS E EXPLICOU QUE NÃO HÁ CRISTÃOS SEM CONVERSÃO ECOLÓGICA

Instituto Humanitas Unisninos  
Reportagem publicada por *7 Margens*, 02/08/2023.

Teria sido uma típica manhã de verão na zona Oeste, com direito à chuva e tudo, não fossem as centenas de jovens que, pouco depois das nove, percorriam já as ruas de Torres Vedras em direção ao pavilhão da Expotorres. Ao vê-los passar, alguns locais [pessoas da cidade], curiosos, perguntavam aos voluntários que lhes indicavam a direção: “Vão para Lisboa, receber o Papa?”. “Não, vão para a catequese”, esclarecia uma das jovens de camisa amarela. Só não explicou que aquela também não seria uma típica catequese: estava prestes a começar o primeiro de três “*Rise up*”. A expressão que, em português, significa “Erguer-se”, foi a escolhida para designar o novo modelo de catequeses da Jornada Mundial da Juventude, inaugurado esta quarta-feira, 2 de agosto, em Lisboa.

Eram 9h30 e já os dois mil peregrinos italianos que estão a ser acolhidos naquela cidade, a 50 km da capital, enchiam o grande pavilhão onde habitualmente se realizam as maiores feiras e exposições da região. Pouco depois de todos terem atravessado a porta em que uma faixa gigante dizia “*Questa é la gioventú del Papa*” (“Esta é a juventude do Papa”), soavam os primeiros acordes de *Emmanuel*, o hino da JMJ Roma 2000, e cantavam em uníssonos o refrão, agitando as bandeiras do seu país e dioceses. Logo a seguir, a música dava lugar ao silêncio: iam escutar, não um bispo (como acontecia nas antigas catequeses), não um padre ou uma religiosa, mas um jovem leigo como eles.

Stefano Ghidini, 23 anos, estudante de Ciências Pedagógicas, subiu ao palco e tomou a palavra para falar aos restantes jovens leigos (e aos diversos padres e dois bispos italianos presentes) de um tema que, até há bem pouco tempo, também não era típico de uma catequese: a Ecologia Integral.

“Quase todos os que estamos aqui dizemo-nos cristãos, mas temos consciência de que isso implica que nos convertamos também ecologicamente?”, questionou o jovem peregrino vindo da diocese de Lodi. “Sim, fazer a reciclagem

é importante, fechar a torneira enquanto lavo os dentes é muito bom, mas não devemos achar que, porque já fazemos tudo isso, chegamos à meta e podemos ficar tranquilos”, alertou. “Isso, para mim, não é a conversão. Numa verdadeira conversão, estamos sempre a caminho e nunca chegamos realmente”.

Todos o escutavam atentamente, o que – sejamos honestos – não é assim tão comum nas catequeses. “Precisamos de entender que o oxigênio que respiramos ou a comida que ingerimos não aparecem por magia, são-nos dados pelo planeta e pelas pessoas que nele habitam e não são garantidos”, continuava Stefano. “O nosso objetivo, como cristãos, é que todos possam desfrutar no bem comum. E isso depende diretamente das nossas decisões, das mais pequenas do dia a dia às grandes escolhas da vida”.

## PROGRESSO E SINAL DE SINODALIDADE

Consciente da importância de dar exemplos concretos, Stefano assinalou como a escolha do local onde se vive, da profissão que se exerce, dos alimentos que se ingerem e desperdiçam ou daquilo em que se gasta o dinheiro (roupas, *gadgets*, viagens) podem fazer a diferença no cuidado da “casa comum”. E depois comparou a pegada de carbono (total de emissões causadas, calculado em toneladas de CO<sub>2</sub>) de um jovem queniano, italiano e norte-americano. Em 2021, a média do primeiro era de 0,37, a do segundo de 5,55, e a do último de 14,6. “Como podemos resolver o problema, se todos acharem que o objetivo é sermos como os americanos?”, atirou.

Lembrando que a encíclica *Laudato Si'* “foi escrita pelo Papa Francisco há oito anos, mas continua a ser atual”, Stefano citou-a: “deve-se manter claramente a consciência de que a mudança climática tem responsabilidades diversificadas e, como disseram os bispos dos Estados Unidos, é oportuno concentrar-se “especialmente sobre as necessidades dos pobres, fracos e vulneráveis, num debate muitas vezes dominado pelos interesses mais poderosos”.

Estava dado o mote das reuniões em pequenos grupos que se seguiu na meia hora seguinte. Só no final um dos bispos – o de Trento, Lauro Tisi – tomou a palavra, para agradecer a participação dos jovens e incentivá-los a serem ecológicos. “O segredo é, em vez de simplesmente ocupar espaço, criar espaço... um espaço de acolhimento em que o outro não é um inimigo, um concorrente, mas sempre uma oportunidade, e em que os problemas não são apenas de um, mas de ambos”, explicou. “E não desistam de provocar a Igreja a ser cada vez mais ecológica”, acrescentou ainda.

Foi o que Stefano fez, e, no final, disse ao 7 *MARGENS* estar feliz e grato pela oportunidade de partilhar com dois mil jovens as suas preocupações e anseios. Ele, que já tinha estado na JMJ Cracóvia 2016, viu neste novo modelo de catequeses “um progresso” e “um sinal de sinodalidade”. “É absolutamente importante esta novidade. Não há muitos anos, o normal era serem os bispos e os padres a fazerem tudo, mas os leigos têm de ser mais ativos, incluindo os jovens. Não podemos estar satisfeitos com uma Fé em que nós não somos os protagonistas”, concluiu.

Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/631091-a-jmj-em-que-um-jovem-deu-catequese-aos-bispos-e-explicou-que-nao-ha-cristaos-sem-conversao-ecologica>. Acesso em 04/09/2023.

## NOTÍCIAS

### ◆ SAVV NA ROMARIA NACIONAL DA SSVV ◆

*Ir. Sandilene Bocafoli, fc*

A Romaria Nacional da Sociedade de São Vicente de Paulo em 2023 teve como tema “Maria, renova nosso compromisso vocacional com os Pobres”.

No dia 06 de maio 2023, Ir. Vanessa Oliveira Rosa e Ir. Maria de Nazaré Araújo Pinheiro, da Província do Rio de Janeiro, representando o SAVV juntamente com as Irmãs da Província de Curitiba, participaram da 51ª Romaria Nacional dos Vicentinos ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida em Aparecida do Norte–SP.

Às 9h30, oração da Via Sacra em direção ao Cruzeiro. Foi muito bonito de ver aquela multidão de vicentinos rezando, cantando e louvando a Deus. Foi lindo sentir como o carisma vicentino continua vivo pulsando no coração de cada membro da Família Vicentina.

Às 14h, Exposição *150 anos do Carisma SSVV no Brasil* no Centro de Eventos Padre Vitor Coelho de Almeida. Às 15h, Show de talentos com músicas e com a participação dos Devotos Mirins do Santuário.

As Filhas da Caridade e os Padres da Congregação da Missão organizaram um estande vocacional com folder, Brasão da Companhia, Medalhas de Nossa Senhora das Graças, Imagem de São Vicente de Paulo e *banner*.

Foi um dia muito agradável, de alegria e de ação de graças para todos.



## ● VISITA FRATERNA DE IR. FRANÇOISE PETIT ● E IR. ANA AMÉLIA GUEDES

*Ir. Bernadete Pinho, fc*

No dia 14 de maio, às 19h35, Ir. Françoise e Ir. Ana Amélia chegaram ao Rio de Janeiro para uma visita fraterna a caminho do Encontro Interprovincial dos Conselhos do Brasil, em Curitiba.



Foi com muita alegria que Ir. Selma, as Conselheiras, a Ecônoma, o Pe. Vandeir e as Irmãs Serventes da Colina acolheram Ir. Françoise e Ir. Ana Amélia no aeroporto do Galeão.

Ao chegarmos à Colina, Irmãs da Casa Mère Blanchot, da Casa Rosalie Rendu e da Casa Provincial deram as boas-vindas às Irmãs que vinham da Casa Mãe. Também na Cúria Provincial, com uma singela oração, acolhemos Ir. Françoise e Ir. Ana Amélia.



No dia 15 de maio, segunda-feira, iniciamos o dia com a Celebração Eucarística na Capela da Cúria e prosseguimos com o Encontro com o Conselho Provincial. Foi uma manhã

de partilha sobre a realidade da Província e o trabalho de cada Comissão da Província.



À tarde, Ir. Françoise e Ir. Ana Amélia visitaram as Irmãs idosas nas Casas Mère Blanchot e Rosalie Rendu, recebendo o carinho e o reconhecimento, em espírito de fé, das Irmãs. Retribuíram com ternura, proximidade e abertura, afirmando o importante papel das Irmãs idosas no sustento das missões, pela oração perseverante.





Ao anoitecer, foi a vez de rezarem as Vésperas junto às Irmãs da Casa Provincial. Após as Vésperas, a Comunidade da Casa Provincial ofereceu um jantar saboroso, alegre e bem descontraído.

Na terça-feira, após a oração das Laudes e o café da manhã na Cúria Provincial, Ir. Françoise Petit e Ir. Ana Amélia tiveram a oportunidade de visitar o Economato e a Secretaria Provincial.







Em seguida nos dirigimos ao Cristo Redentor, onde o Pe. Vandeir celebrou a Eucaristia. Na parte da tarde, Ir. Françoise e Ir. Ana Amélia visitaram o Hospital São Vicente de Paulo. Ir. Aparecida Cirico, com a Comunidade do Hospital, apresentou brevemente o HSVP, colocando sua evolução e seus desafios atuais. Também

visitamos as obras da nova Unidade de Apoio e do setor administrativo.

O carinho de Ir. Françoise e Ir. Ana Amélia se derramou sobre as Irmãs sobre as quatro Irmãs hospitalizadas, que as receberam com espírito de fé.



Encerramos este dia com um passeio pelas areias de Copacabana e uma refrescante água de coco.

A manhã da quarta-feira foi reservada para algumas visitas: ao Museu e à cripta. E às 11h00 ocorreu a missa com a participação de várias Irmãs da Província que marcaram presença. As Afiliadas também se fizeram presentes. A missa foi



celebrada pelo Pe. Eli Chaves, Visitador da Província Brasileira da Congregação da Missão, e concelebrada pelo Pe. Vandeir e pelo Pe. Pedrinho. Após a missa, como de costume, partilhamos um saboroso almoço oferecido pela Casa Provincial.

À tarde, Ir. Françoise Petit e Ir. Ana Amélia visitaram o Centro de Acolhida aos Refugiados, em Botafogo. Foi realizada uma breve apresentação do trabalho, assim como uma visita às atividades que estavam sendo desenvolvidas naquela tarde: aulas de português, assessoria jurídica, oficina de costura, bazar, etc... Também degustamos quitutes preparados por uma senhora senegalesa.

Na quinta-feira pela manhã, Ir. Françoise e Ir. Ana Amélia tiveram a oportunidade de participar da missa no Santuário da Medalha Milagrosa. Um número expressivo de colaboradores da Associação, do Hospital, de Escolas e Creches se fizeram presentes nesta celebração.

Após o café da manhã, partimos para o Encontro Interprovincial dos Conselhos do Brasil, em Curitiba. Ficou a saudade da presença amiga, fraterna, cheia de alegria ternura e proximidade de Ir. Françoise Petit e Ir. Ana Amélia.



## MENSAGENS DE IR. FRANÇOISE PETIT

Antes de deixar a Província do Rio, Ir. Françoise Petit deixou-nos duas mensagens muito significativas. Seguem os textos das mensagens:

### Mensagem às Irmãs da Província

Bom dia a todas as Irmãs da Província do Rio. Eu estou muito feliz de estar na Província de vocês e de ter a oportunidade, hoje, de cumprimentar a todas.

É verdade que já encontrei várias Irmãs, mas não todas. Todavia, eu ouvi falar bastante de vocês. Eu vi pelo mapa onde vocês estão, desde as mais distantes em Rondônia e no Espírito Santo. Os membros do Conselho

Provincial me falaram da missão de vocês. Elas descreveram bem a realidade missionária e comunitária de vocês. Portanto, dou graças a Deus por tudo isso.

Louvo a Deus porque vocês são uma Província muito dinâmica que olha para o futuro, na Província e, assim, na Companhia. Convido vocês a prosseguirem neste elã missionário, a continuarem a ir às periferias, mesmo sendo em menor número. É a realidade da Província de vocês, é a realidade da Companhia, infelizmente a da Igreja também. Portanto, continuem, avancem e saibam que a Companhia as sustenta, reza por vocês e pela missão de vocês, reza por seus irmãos e irmãs, os pobres a que vocês servem e amam.

Obrigada a cada uma de vocês e obrigada também pela maravilhosa acolhida na Província. Eu vou guardar isso na memória e rezarei por vocês quando eu retornar à Capela da Casa Mãe. Obrigada a cada uma!

### Mensagem às Jovens acompanhadas pelo SAVV

Queridas Jovens da Província do Rio,

De passagem aqui na Casa Provincial, falaram sobre vocês comigo. Sei que vocês buscam o que o Senhor deseja para vocês. Tenho certeza que Ele deseja a felicidade de cada uma de vocês. Se for na Companhia, obrigada Senhor; se for numa outra Congregação, obrigada Senhor; se for se comprometer numa Associação, obrigada Senhor; se for no casamento, obrigada Senhor.

O que eu desejo é que cada uma encontre seu caminho e tenha certeza de que o Senhor vai mostrando a vocês sinais. E penso também que vocês podem contar com as Filhas da Caridade que estão junto com vocês e as acompanham.

Contem com minhas orações, em particular na Capela de nossa Casa Mãe, em Paris. Em frente jovens, avancem, não tenham medo! Muito obrigada!



## ENCONTRO INTERPROVINCIAL DOS CONSELHOS DO BRASIL

*Ir. Bernadete Pinho, fc*

De 19 a 24 de maio de 2023, ocorreu o *XXII Encontro Interprovincial dos Conselhos do Brasil*, na Província de Curitiba, com o tema: *Províncias do Brasil atravessando portas em direção à Sinodalidade... Reconfiguração.... Cultura do Encontro...*



O Encontro contou com a participação de nossos Superiores, Ir. Françoise Petit e Pe. Tomaž Mavrič, do Diretor Geral Bernard Schoepfer, da Conselheira Geral Ir. Ana Amélia Guedes da Cunha, das Visitadoras, Conselheiras, Secretárias, Ecônomas, Diretores Provinciais, Diretoras de Seminário e Irmãs responsáveis pelas Irmãs Jovens, perfazendo um total de 53 participantes.



Na abertura, Irmã Dirce Edi Kottwitz, visitadora da Província de Curitiba, deu as boas-vindas, aos participantes, expressando a alegria pela presença dos Superiores Gerais neste *XXII Encontro Interprovincial*. A celebração eucarística de abertura foi presidida por Dom José Carlos Chacorowski,cm, bispo de Caraguatatuba/SP e concelebrada pelos diretores províncias.



*Participantes na Missa de Abertura*

No primeiro dia, as Províncias apresentaram, dinamicamente, suas respostas às linhas de ação propostas pelo XXI *Interprovincial* ocorrido em Recife em 2020, assim como as ações realizadas para o enfrentamento da pandemia. Também apresentaram os dados estatísticos de suas províncias. Ao longo do encontro, as Províncias se revezaram na preparação da liturgia do dia.



*Missa dinamizada pela Província do Rio*

*No momento de Ação de Graças, a Província do Rio trouxe Nossa Senhora Aparecida para ser coroada*





O tema proposto foi trabalhado através de Conferências (vide seção Formação Permanente) e partilhas de grupo, que foram nos ajudando a elencar os compromissos a serem assumidos pelas Províncias do Brasil a partir deste Interprovincial.



Também tivemos a oportunidade de conhecer o Memorial da Província de Curitiba, de passear pela Feira do Largo da Ordem, de fazer um *city tour* por Curitiba, de visitar o Memorial do Colégio Vicentino São José, primeira Casa da Província de Curitiba.

Na Eucaristia de encerramento do XXII Encontro Interprovincial dos Conselhos do Brasil, Santa Luísa entregou a Ir. Françoise Petit o Documento com os compromissos assumidos no XXII Interprovincial, entregando-o a cada uma das visitadoras que, por sua vez, o entregaram às suas Conselheiras. São estes os compromissos que construímos:

Ressignificar nossa presença no Brasil, à luz do Carisma Vicentino, organizando um cronograma de ações para avançar no processo de **reconfiguração**, promovendo a revisão das estruturas, da missão e do serviço, com a participação efetiva de cada Irmã.

Dinamizar e qualificar, em perspectiva sinodal, a **formação inicial e permanente**, de modo integral e transformador, em vista de um verdadeiro enraizamento e configuração à Pessoa de Jesus Cristo, com sentido de pertença à Companhia.



Ao encerrar o XXII Interprovincial, Ir. Dirce proferiu as seguintes palavras:

*“Demos graças ao Senhor!*

*Expresso gratidão ao Bom Deus que sempre caminha conosco fazendo a história. Permitam-me expressar esta mesma gratidão e reconhecimento à Irmã Françoise Petit, nossa Superiora geral, ao Superior geral, Pe. Tomaz Mavric,*



*ao Padre Bernard Schoepfer, nosso querido e ex-diretor geral, à Irmã Ana Amelia Guedes da Cunha, Conselheira geral, pela presença amiga, simples que nos deixam testemunho de um grande vigor e amor pelo carisma e pela Companhia. Obrigada por terem vindo conviver conosco estes dias. Obrigada pelas reflexões, partilhas, orientações e ânimo que nos deixam.*

*Gratidão aos Padres Diretores das Províncias, em especial o Pe. Marcos que tão prontamente abriu as portas para acolher os Padres em sua casa. Às Irmãs Visitadoras e todas as participantes deste XXII Interprovincial dos Conselhos do Brasil.*

*Minha imensa e eterna gratidão ao Conselho Provincial de Curitiba e Irmã Neriuzza Franco que não mediram esforços para pensar e ajudar a organizar todos os momentos. Agradeço as Irmãs que trabalharam em todos os serviços necessários: Secretaria, registros fotográficos, à equipe de tradução, às Irmãs da Tecnologia, à Comunidade do Seminário, aos colaboradores, às Irmãs da Casa Provincial na pessoa da Irmã Cleonice Regina Claudino pelos serviços realizados com alegria e amor e pelo cordial acolhimento. Às Irmãs de nossas Províncias pelas orações e mensagens. Deus abençoe a todos!*

*Chegamos ao final do nosso encontro, em vésperas da solenidade de Pentecostes, que provocou em nós união de corações e comunhão, criatividade e esperança, abertura, disponibilidade, partilha e compromisso.*

*Foi o Espírito Santo que nos guiou em todos os momentos deste encontro e este mesmo Espírito nos mostra o caminho que, agora, devemos com a força Dele voltar para as nossas Províncias impelidas pela Caridade de Cristo Crucificado, dispostas a enfrentar novos caminhos com desejo de conversão pessoal rumo à Reconfiguração das Províncias, à sinodalidade e Cultura do Encontro.*

*Com a paz e alegria que vem do Espírito vamos partir, tornando mais viva, em nós, a confiança e esperança na Providência Divina, pois “os que confiam no Senhor, renovam as suas forças... correm sem se esgotar e andam sem se cansar (Isaias 40,31). Sejamos mais audaciosos e desapegados para fazermos acontecer um novo e permanente Pentecostes nas Províncias do Brasil, através dos apelos e compromissos que assumimos neste Interprovincial. Como Santa Luísa deixemo-nos transformar pelo Espírito e “sejamos testemunhas do que vivemos, do que vimos e ouvimos” (1Jo,1-3).*

*Faço uso das palavras do Papa Francisco que diz: “A gratidão é uma palavra generosa de Deus Pai que leva em consideração até os menores gestos de amor e serviços prestados aos irmãos. E a gratidão é contagiosa porque é um sinal genuíno do Reino de Deus”.*

*Agradeço a Deus, autor de tudo o que aconteceu, pelas bênçãos e graças abundantes derramadas sobre nós, desde o início dos preparativos deste encontro, até os últimos momentos. Maria, única Mãe da Companhia, dócil a Ação do Espírito Santo nos acompanhe cada dia e que proteja a Companhia, as Províncias, as Irmãs e os pobres. Deus abençoe a todos! Desejo a todos um bom retorno para as suas Províncias e uma feliz Festa de Pentecostes!*

*Muito obrigada!*

*Neste momento com muita alegria, gostaria de apresentar o próximo XXIII (vigésimo terceiro) Interprovincial dos Conselhos do Brasil que será na “Terra do Sol”, que traz como lema a força, valor e coragem, Fortaleza.”*

Ao retornarmos às Províncias, levamos na bagagem estes compromissos assumidos para partilharmos com todas as Filhas da Caridade do Brasil.

Por tudo demos graças a Deus!



*Ir. François, Pe. Bernard e Ir. Ana Amélia...  
hora de retornar à França*

## ◆ DIA DA VISITADORA ◆

*Ir. Bernadete Pinho, fc*

Como de costume, no dia 31 de maio, Festa da Visitação de Nossa Senhora à sua prima Isabel, a Província se reuniu na Capela Nossa Senhora das Graças para rezarmos pela nossa Visitadora, Ir. Selma Aparecidas dos Santos, e por todas as Visitadoras e Visitadores da dupla família.

A missa foi celebrada pelo Pe. Vandeir e concelebrada pelo Pe. Pedrinho. As Irmãs da colina se fizeram presentes, mas também Irmãs de diversas comunidades e várias afiliadas uniram-se em oração pela Visitadora e sua missão.

No momento de ação de graças, as Irmãs da Casa Rosalie Rendu e Mère Blanchot ofereceram a Ir. Selma o nosso carinho, amizade, amor, em um jogral bem preparado e cheio de emoção.

Nesta ocasião, Ir. Selma nos deixou algumas palavras:

*Queridas Irmãs e Afiliadas*

*Encerramos o mês de maio com a Festa da Visitação de Nossa Senhora – um simples gesto de Maria indo visitar sua prima Isabel. Uma visita alegre, espontânea e gratuita, porque cheia de experiência de Deus. Maria que faz Isabel sentir a alegria de uma maternidade não esperada e Isabel que faz Maria sentir as maravilhas que Deus realizou nela. Uma visita que se expressa em dois cantos de louvor e de ação de graças: “Bendita és tu que acreditaste” e “Minha alma engrandece o Senhor”.*

*Celebrando o encontro destas duas mulheres, cheias do Espírito Santo, que vivem intensamente a alegria de um novo tempo em suas vidas, agradeçamos a Deus os encontros que nutrem nossa vida. Elevemos a Ele nossa gratidão pelas pessoas significativas que nos fizeram e nos fazem provar o sabor do amor em nós e seus bons efeitos.*

*Nesta ação de graças, particularmente, eu agradeço a cada uma/um os pequenos gestos de amizade, de carinho, de escuta, de confiança e, sobretudo, de paciência para comigo no exercício desta missão que me foi confiada.*

*A vocês aqui presentes e às Irmãs que nos acompanham de suas Comunidades, agradeço as orações deste dia, a presença e participação nesta Eucaristia tão*

*bem preparada e tão bem celebrada. Muito obrigada!*

*Pedindo a intercessão de Nossa Senhora da Visitação, que este dia seja para cada uma/um de nós, repleto de bênçãos e luzes de Deus e que Ele nos faça portadores da alegria e esperança a todos aqueles que se aproximam de nós.*

*Meu abraço afetuoso e minha gratidão por tudo!*

Após a missa, pudemos nos confraternizar com um saboroso almoço servido na Casa Provincial.



## ● ENCONTRO DE IRMÃS SERVENTES ●

Ir. Lúcia Pereira dos Santos, fc

Nos dias 12 e 13 de junho realizou-se na Casa Provincial o Encontro de Irmãs Serventes. Iniciamos no dia 12 às 7h00 com a Celebração Eucarística no Santuário da Medalha Milagrosa.

Após o café, na acolhida, Ir. Selma Aparecida dos Santos nos motivou a buscar caminhos novos para continuar nossa missão onde o Senhor nos colocou. Seguimos o



encontro pedindo as luzes do Espírito Santo através do mantra: *Divino Espírito, ó desce sobre nós*. Em seguida, recebemos as orientações para elaborarmos o Projeto Comunitário de nossas comunidades locais.



Dando sequência ao encontro, Ir. Rizomar Bonfim Figueiredo deu-nos algumas orientações sobre assuntos do Economato. Informou-nos que no dia 31/05/2023 passamos a ser Organização Religiosa São Vicente de Paulo (ORSVP) e não mais ASVP. Sendo assim, será possível o gasto sem nota fiscal no valor de até R\$ 500,00 reais por comunidade local. Mas frisou que é necessário apresentar ao menos o cupom de compra. Seguindo os assuntos, orientou para que busquemos utilizar o plano Bradesco somente quando for realmente necessário e pediu que, na medida do possível, façamos as consultas e exames durante o dia e durante a semana.



Ir. Rizomar informou-nos que o Colégio Virgo Potens está em processo de negociação com os padres Agostinianos. Por fim, apresentou-nos o andamento do *Projeto 13 Casas* que está sendo realizado em Sepetiba, na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Finalizando nossa manhã, Ir. Raima Selma e Ir. Maria de Lurdes Trabach fizeram o repasse do *Encontro Interprovincial das Comunidades Inseridas* que aconteceu no ano de 2022 em Recife. Iniciamos a parte da tarde com um momento de espiritualidade e em seguida Ir. Sandilene e Ir. Aparecida Cirico apresentaram temas abordados no *XXII Interprovincial dos Conselhos do Brasil* que aconteceu no mês de maio, em Curitiba. O tema apresentado pelo nosso Superior Geral, Pe.

Tomaz Mavric teve como título: *De olhos abertos para uma Mística Vicentina*. Padre Tomaz apresentou cinco apelos para avançarmos no serviço dos Pobres no Brasil: *Reconfiguração; Novas missões Ad gentes; Colaboração no Projeto 13 Casas; Centros Vicentinos de Formação e Espiritualidade* e, por último, *Conselhos Regionais da FAMVIN*. Outro tema foi abordado pelo Pe. Jaldemir Vitório, SJ, e teve como título: *Formação na Vida Consagrada*. Padre Jaldemir trouxe a reflexão de que quanto mais que nos distanciamos dos Pobres, mais nos distanciamos de nossa essência vocacional. Disse ainda que estamos conectados com aquilo que nos dá alegria e que quem nos conecta é Deus. É preciso, pois, manter viva a chama da esperança e nos colocarmos no caminho de Jesus. O tema abordado pelo Pe. Bernard Schoepfer foi a *Internacionalidade da Companhia*. Pe. Bernard disse que internacionalidade não é sinônimo de mera expansão geográfica. Trouxe a reflexão de que tornar-se internacional é mais do que isso e não se restringe ao mero fato de sair do seu país. Escolher a internacionalidade é aceitar suas consequências, adotando virtudes e valores. Disse ainda que não somos uma filial, uma franquía, mas sim, uma grande família! Ir. Françoise Petit, nossa Superiora Geral, abordou o tema *Em direção a uma Cultura do Encontro*. Ir. Françoise disse que nosso dia-a-dia consiste em viver juntas, num mesmo ideal, pela missão, pelo serviço dos Pobres. Falou que a Igreja, a Companhia, a vida, nos lança ao encontro e que nossa vocação é seguir Cristo na sua relação com o Pai e em toda a sua humanidade. Apontou alguns sinais de que uma comunidade anda no caminho, na cultura do encontro:

- *Palavra/escuta* (falar e ouvir – caminhar juntas); - *Clima de generosidade* (cuidar umas das outras); - *A alegria* (testemunho de felicidade por se doar na missão). Finalizou dizendo que é preciso passar do virtual ao real – passar de uma vida superficial à profundidade de uma vida com Cristo. O último tema foi abordado pela Ir. Raquel Colet, fc e pelo Pe. Agenor Brighenti e teve como título: *Sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Eles afirmaram que Sinodalidade implica comunhão e participação efetiva de cada batizado. Finalizamos o dia com delicioso lanche junino.

No dia seguinte, às 7h00, participamos da Eucaristia no Santuário da Medalha Milagrosa. Após o café tivemos um momento de oração pedindo as luzes do Espírito Santo. Em seguida, Padre Hugo Barcelos, cm, trabalhou conosco o tema *A Mística do Permanecer*. Ele começou a reflexão trazendos a mística como uma virtude de tomar consciência, acolher, discernir e responder aos sinais dos tempos pelo prisma da fé, esperança e caridade. Disse que é preciso tomar consciência de si, pois o místico é aquele que consegue sorrir mesmo quando a situação é desfavorável. Depois nos trouxe a reflexão de que permanecer é um processo contínuo e permanente de integração, de desenvolvimento, aperfeiçoamento e amadurecimento do eu individual. Disse que é preciso nos questionar sempre: Como eu permaneço? Somos chamados a permanecer no fundamental e não nos meios. E frisou que o fundamental é o carisma e não suas expressões. Disse que sem a consciência de como estou, de como estamos, não se tem mística do permanecer. Finalizou dizendo que a mística do permanecer se dá no caminho para Deus. Não tem fim, se dá na história em resposta a Deus. Dando sequência ao encontro, Ir. Selma Aparecida dos Santos fez alguns comunicados e encerramos o encontro às 12h00 rezando o Ângelus e agradecendo a Nossa Senhora pela sua presença em nossa vida e em nossa missão.



## 60 ANOS DE TAPETES ORNAMENTAIS: CORPUS CHRISTI EM CASTELO/ES

Texto adaptado do Jornal Toma e Lê  
(Paróquia Nossa Senhora da Penha – Castelo/ES)

Há sessenta anos, em 1963, senhoras voluntárias lideradas por Ir. Zuleide Pereira da Silva, fc (Ir. Vicência) deram início à confecção de tapetes ornamentais para homenagear o Santíssimo Sacramento na Solenidade de Corpus Christi, na cidade Castelo/ES. O primeiro tapete foi disposto em frente à Capela da Santa Casa. A cidade já prestava homenagens ao Senhor através da decoração das fachadas e sacadas das casas das principais ruas e de passareiras confeccionadas principalmente com folhas de mangueira.



A partir dessa experiência inicial proposta por Ir. Vicência, expandindo em tamanho e variedade de material e expressões artísticas, a confecção de tapetes ornamentais fez-se característica da Solenidade de Corpus Christi em Castelo. Desde então, a união dos fiéis voluntários num trabalho que ocupa o ano inteiro entre preparação e confecção, que expressa o dom artístico de pessoas anônimas, transforma materiais diversos (palha de café, flores, pó de pedra, pó de pneu, cepilho, recicláveis, etc.) na mais bela expressão artística a céu aberto

no Estado do Espírito Santo, elevando o resultado de esforço de expressão de fé a ser reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Espírito Santo.

Neste ano, o tema central da Solenidade foi “Pão em todas das mesas”, acolhendo a proposta do 18º Congresso Eucarístico Nacional (2022). A beleza dos tapetes engrandece o real motivo da festa: a alegria de sabermos que Jesus Eucarístico está em nosso meio, todos os dias, até o fim dos tempos.

Nossas Irmãs, acolhendo o convite para a celebração dos 60 anos de Tapetes Ornamentais, se fizeram presentes neste momento de fazer memória da iniciativa de Ir. Vicência que, fiel à Companhia, cultivou a devoção ao Santíssimo Sacramento.



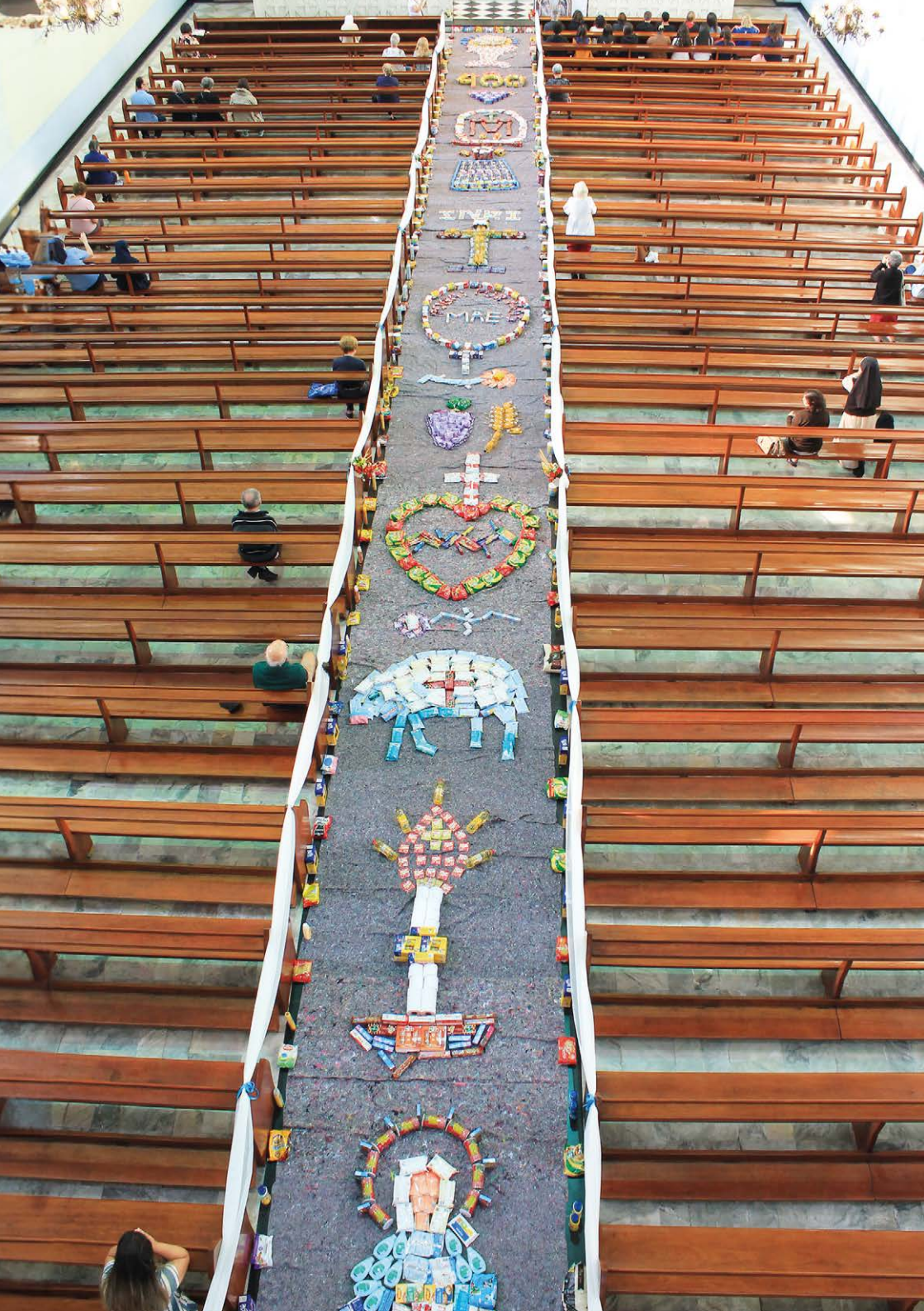
Muitas de nossas Comunidades vivem intensamente a celebração de Corpus Christi unidas às Paróquias e às obras.

A confecção dos tapetes é sempre ocasião de união de esforços, de evangelização e de alegria, podendo também ser ocasião de contribuir com um mundo mais justo, repartindo o pão...

## CORPUS CHRISTI NO SANTUÁRIO DA MEDALHA MILAGROSA

O Santuário da Medalha Milagrosa celebrou Corpus Christi de forma solidária. A confecção de tapetes foi ocasião de mobilizar os frequentadores para auxiliarem o CEIV Casa da Criança São José – São João de Meriti/RJ. Os 400 anos da Luz de Pentecostes também foram lembrados... Os tapetes ficaram lindos!





## CORPUS CHRISTI EM CHAPADÃO DO SUL/MS

A Comunidade Nossa Senhora das Graças, mobilizou as crianças e adolescentes do Centro Socioeducativo para a confecção de tapetes de Corpus Christi junto à comunidade paroquial. Os adolescentes empenharam-se no preparo da serragem e na confecção dos tapetes.



## ❖ PASTORAL E VOLUNTARIADO VICENTINO ❖

*Pamela Santos (Pastoralista do Colégio Vicentino Santa Luísa de Marillac) e Ir. Maria da Penha Andreon, fc*

Durante o feriado de Corpus Christi, estudantes do Ensino Médio, educadores e pastoralistas das Escolas Colégio Vicentino Santa Isabel, Colégio Vicentino Imaculada Conceição, Colégio Vicentino Virgem Poderosa, Colégio Vicentino Virgo Potens e Colégio Vicentino São José estiveram reunidos em um projeto de Voluntariado em Sepetiba, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Acompanharam o grupo: Ir. Vanessa Oliveira Rosa, Ir. Sandilene Bocafoli, Ir. Rizomar Bonfim Figueiredo e Ir. Maria da Penha Andreon.

O Voluntariado Vicentino dos estudantes do Ensino Médio nasceu a partir de reflexões sobre o *Projeto 13 Casas*, em que os pastoralistas sentiram-se tocados a colaborar de forma mais efetiva com as famílias que se encontravam em situação de grande vulnerabilidade, ao mesmo tempo em que desejavam proporcionar aos estudantes do Ensino Médio uma oportunidade de trabalho voluntário, intercâmbio de unidades e experiências a partir do carisma vicentino.

Com a Celebração Eucarística no Santuário da Medalha Milagrosa, os participantes puderam iniciar esse projeto com espiritualidade e união, preparando-se enquanto grupo para a chegada em Sepetiba com abertura de coração e espírito. Ao chegar ao destino do Voluntariado, todos já estavam em plena sintonia com a proposta da missão à qual foram enviados.





A sexta-feira foi um dia marcante para todos, mas em especial aos estudantes que conheceram as famílias atendidas pelo Projeto e realizaram a mudança para a residência provisória. Uma ação de muita entrega e disponibilidade, onde as diferenças de realidade serviram como inquietação e aprendizado. Ainda na sexta-feira todos puderam conhecer o local onde as casas estão sendo construídas, gerando grande sensibilização com todo o trabalho realizado naquela comunidade pelas Irmãs Filhas da Caridade. Com um momento de espiritualidade ao final do dia, o grupo trouxe para a oração os sentimentos e reflexões vindos de toda a experiência do dia.

O sábado foi marcado pela experiência em comunidade que puderam realizar com atividades com os jovens da paróquia, quando o grupo pode conhecer um pouco mais do chão de Sepetiba. Em sintonia, a juventude vicentina e a juventude local puderam aprender um pouco mais sobre a importância do amor ao próximo, da empatia e da vida em união. Irmão Joilson – Irmão Marista – contribuiu para que esse momento se tornasse significativo assessorando esse diálogo entre juventudes.

No Centro Comunitário todos puderam deixar algo para a comunidade como gesto concreto, pintando as cadeiras que o Centro Comunitário utiliza e que precisavam de reparo. Já no domingo, o dia começou com muita espiritualidade, onde todos participaram da Celebração Eucarística na paróquia que nos acolheu durante todo o encontro, finalizando esse itinerário em Sepetiba com muita gratidão, aprendizado e desejo de colocar em prática os valores vicentinos.

Diante do Cristo Redentor encerraram-se as atividades, agradecendo a Ele por todo caminho percorrido ao longo desses dias, de muitas trocas e esperança.



Tal ação mobilizou as unidades para que, em unidade, pudessem colaborar com as ações das Irmãs Filhas da Caridade. Os estudantes puderam sentir e viver na prática o que é o carisma vicentino e o que isso gera: vida para toda a vida.

Reflexões sobre o cuidado com o outro, a solidariedade, o despojar-se de si para ir ao encontro dos mais necessitados perpassaram pelo encontro.

Estudantes e educadores estiveram juntos, atualizando a mensagem de São Vicente de Paulo e de Santa Luísa de Marillac, promovendo uma educação integral à luz do ensinamento de Papa Francisco, por uma Igreja Sinodal e em saída.

Todo esse movimento foi, de certa maneira, histórico, pois permitiu que educandos e educadores colocassem em prática uma proposta pedagógica-pastoral transformadora, iniciando assim um novo tempo para nossas escolas e no nosso ser vicentino.



## ENCONTRO NACIONAL DE ASSESSORES DA JUVENTUDE MARIANA VICENTINA 30/06, 01 E 02/07/2023

*Ir. Adriana de Souza Viana, fc  
Assessora Provincial da JMV*

Nos dias 30 de junho, 01 e 02 de julho do corrente ano, nós, Assessores Provinciais e locais da Juventude Mariana Vicentina, tivemos o privilégio de participar do Encontro Nacional de Irmãs e Assessores leigos da Juventude Mariana Vicentina, na Casa Central das Irmãs Filhas da Caridade da Província de Curitiba/PR.

O Encontro iniciou-se às 17h, com a palavra da Assistente Provincial, Ir. Paula Pereira Alves, e do Visitador dos Padres da Congregação da Missão, Pe. Simão Valenga. A Visitadora, Ir. Dirce Edi Kottwitz, estava participando de um Congresso de Educação promovido pela ANEC (Associação Nacional das Escolas Católicas), na Bahia, por isso, não pôde se fazer presente, designando a Assistente Provincial para representá-la.

Após a Missa e o jantar, tivemos a oportunidade de refletir sobre a missão do Assessor, apresentada pela Ir. Geovani e Pe. Ilson, Assessores Nacionais. Nos dias que se seguiram, além das orações muito bem preparadas e das Celebrações Eucarísticas, ainda pudemos aprofundar temas como: *Análise da realidade das Juventudes*, com Carlos Eduardo Cardozo; *Saúde emocional x Papel do Assessor*, com a Psicóloga Elisa Siunek; *Captação de Recursos para as Organizações da Sociedade Civil*, com Eduardo de Oliveira Filho e Pe. Danilo Pena.

Todo o Encontro foi de grande valia, pois tivemos a oportunidade de partilhar alegrias, conquistas, sonhos e desafios, o que trouxe muitas luzes e esperança para o grupo. Revisitamos o Plano Formativo e percebemos, mais uma vez, o quanto esse instrumento pode ajudar nossos adolescentes e jovens no crescimento e amadurecimento na fé e no Carisma da Associação.

Na Eucaristia de Envio uma grata surpresa: o recebimento da imagem de Nossa Senhora com Santa Catarina, que deve peregrinar entre os grupos da Província. Por isso, cada Província recebeu a sua imagem, fruto de um projeto nascido a partir da última Assembleia Nacional.

Esse Encontro foi, para nós, Assessores adultos leigos e Irmãs Assessoras da JMV, em nível Provincial e Local, uma rica oportunidade de crescimento, de estreitamento de laços, de formação, partilha, troca de experiências,

aprendizados e de muita esperança nessa Associação que nos é tão cara! Agradecemos ao Conselho Nacional essa oportunidade, assim como a calorosa acolhida na Casa Central das Filhas da Caridade da Província de Curitiba/PR. Um agradecimento especial à Ir. Geovani e ao Pe. Ilson pela preocupação constante com a formação e crescimento dos Assessores da Juventude Mariana Vicentina, assim como à Ir. Selma Aparecida dos Santos, Visitadora do Rio, por permitir e possibilitar minha participação nesses Encontros, e por todo o apoio que oferece à Juventude Mariana Vicentina em nossa Província.

Voltamos para nossas Províncias com o coração cheio de alegria e de sonhos por tudo o que vivemos, partilhamos e aprendemos uns com os outros, na certeza de que, enquanto tivermos pessoas comprometidas em ajudar os jovens em seu crescimento pessoal, como cristãos e vicentinos, o pedido de Nossa Senhora continuará encontrando eco em nossos corações e se concretizando em nosso país, ainda que com dificuldades e/ou desafios. Nossa devoção a Maria passa por atender ao seu desejo, confiado a nós, através da pessoa de Santa Catarina Labouré, em 1830.

Que a Mãe de Deus nos ajude em nossa missão junto às Juventudes do Brasil!

## ● COLÉGIO SÃO JOSÉ: CAMPEÃO NA ● JORNADA BRASILEIRA DE FOGUETES

*Maria Auxiliadora Vieira Campos  
Diretora pedagógica*

A *Mostra Brasileira de Foguetes* (MOBFOG) é uma competição que consiste em construir e lançar foguetes a partir de uma base de lançamentos. A disputa foi desenvolvida pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, dentro da Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica – OBA. Este ano, a *23ª Mostra de Foguetes* foi realizada de 31 de julho a 3 de



agosto, no Hotel Fazenda Ribeirão, em Barra do Piraí, no Rio de Janeiro, e contou com a participação de 68 equipes formadas por alunos do Ensino Fundamental e Médio de todo o Brasil. O Colégio Vicentino São José foi o único representante da região da Grande Vitória. Os classificados para a Mostra são os medalhistas de ouro da OBA deste ano, Flávio Ximenes, Gustavo Furtado e Pedro Dornelas, todos da Primeira Série do Ensino Médio. Para conquistar esse prêmio na



competição, o foguete criado por eles alcançou a marca de lançamento de 212,7 metros de altura. O foguete foi construído de garrafa pet e ar comprimido e usa uma mistura de bicarbonato de sódio e vinagre como combustível. Foram feitos vários testes de pressão e aerodinâmica para garantir esse resultado. Para o professor de matemática e física, Eduardo Nascimento, responsável pelo projeto, “é preciso incentivar nos jovens o pensamento científico. Eles têm capacidades extraordinárias”. E completou demonstrando o orgulho que sente pela sua equipe: “Uma grande conquista para ficar na história. Esses alunos são fenomenais”. Durante o evento, os jovens ainda participaram de várias palestras sobre construções de foguetes de combustível sólidos, planetário e de Astronomia e Astronáutica.

## ◆ JORNADA MARIANA VICENTINA EM TAUBATÉ ◆

*Ir. Adriana de Souza Viana, fc*

Nos dias 18, 19 e 20 aconteceu, no Colégio Vicentino Luísa de Marillac, em Taubaté/SP, a Jornada Mariana Vicentina, promovida pela Juventude Mariana Vicentina provincial. Estiveram presentes 5 núcleos, a saber: Corrêas, Nogueira e Araras (todos de Petrópolis/RJ), Campo Grande - Rio de Janeiro/RJ e Taubaté/SP.



Para a realização da Jornada, a JMV Provincial recebeu muita ajuda da Província das Filhas da Caridade do Rio de Janeiro. Graças a Deus foi um tempo muito importante de formação, entrosamento e “reaferovramento” no sentido de pertença e no Carisma mariano e vicentino.

Éramos 68 pessoas, entre adolescentes, jovens, Irmãs, e leigos, sem contar com a Equipe da Cozinha, arrumada pelo Valcir Alves Rangel, Assessor de Taubaté. A programação contou com palestras sobre “O amor de Deus”, dada por Ir. Geovani de Fátima Rodrigues (Assessora Nacional); “Ser jovem autêntico em Cristo”, Ir. Rizomar Bonfim Figueiredo; “Vocação, Graça e Missão, como pessoa e na JMV”, Ir. Sandilene Sousa Bocafoli; e “Ide e pregai o Evangelho”, dada por Ir. Adriana de Souza Viana.

Não foi fácil a concretização da Jornada, mas, graças a Deus e às inúmeras ajudas recebidas, ela aconteceu. Por tudo demos graças, e deixemos registrado o nosso “muito obrigada” a todos os que tão solícitamente nos ajudaram.



## ❖ V ENCONTRO DAS AFILIADAS ❖

*Maria Auxiliadora Vieira Campos  
Afiada*



Nos dias 25 a 27 de agosto, aconteceu em Paraibuna/SP, o *V Encontro de Formação das Afiadas* conduzido pelas Irmãs Selma e Cristina e pelo padre Vandeir.

Após a fraterna acolhida pela comunidade de Paraibuna, o encontro teve início com uma Hora Santa que trouxe como tema o *3º Ano Vocacional do Brasil - Vocação: Graça e Missão*. Diante de Jesus Eucarístico, Ir. Selma e Ir. Cristina conduziram o grupo a viver um momento de intimidade com Deus (“...não estava ardendo nosso coração quando Ele nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?”) e a refletir sobre as situações do mundo, da comunidade e da família nas quais a presença amorosa de Deus precisa chegar por meio de nós.

No dia 26, iniciamos com a oração da manhã rezando com Catarina Labouré - as alegrias do Encontro com a Virgem Maria. Esse momento de oração provocou uma reflexão: O que nos diria hoje, a Santíssima Virgem? O que devemos deixar para ir ao encontro dos mais pobres? Dedicamos “tempo” para o “vinde ao pé deste altar” e viver o Encontro Eucarístico com Jesus? Temos consciência da missão que temos na Igreja e na Companhia?

Logo após a oração, Pe. Vandeir conduziu sua fala sobre *A Evolução da Companhia das Filhas da Caridade e a participação do leigo*. Suas reflexões foram muito profundas e provocativas convocando, cada afiliada, a examinar a sua contribuição na Igreja e na evolução do Carisma Vicentino.

No domingo, dia 27, iniciamos com a Celebração Eucarística, firmando nosso compromisso como Afiliadas à Companhia. Em seguida, vivemos um momento muito especial de partilha. Com muita naturalidade, cada afiliada, expressou sua gratidão, suas dificuldades e sua caminhada de fé. Este momento teve culminância ao som da música da banda *Roupa Nova*.

\*“A vida tem sons que pra gente ouvir\*

\*Precisa aprender a começar de novo\*

\*É como tocar o mesmo violão\*

\*E nele compor uma nova canção\*

\*Ah, coração\*

\*Se apronta pra recomeçar\*

\*Ah, coração\*

\*Esquece esse medo de amar de novo”\*

Encerramos o encontro com um delicioso almoço em um clima alegre e fraterno. Vivemos três dias intensos de estudo, aprofundamento, oração e de crescimento na pertença ao Carisma Vicentino.

## ◆ HSVP - INAUGURAÇÃO DA UNIDADE INTERNAÇÃO SANTA LUÍSA DE MARILLAC, NOVA UNIDADE DE “APOIO” PARA O CUIDADO DE NOSSAS IRMÃS DOENTES

*Ir. Maria Aparecida Cirico Maciel, fc*



No dia 18 de julho, festa da primeira aparição de Nossa Senhora a Santa Catarina Labouré, foi realizada a inauguração e a bênção da Unidade de Internação Santa Luísa de Marillac. Pe. Vandeir Barbosa, Diretor provincial, celebrou a Eucaristia e no final da celebração abençoou todos os espaços da Unidade. Ir. Selma Aparecida dos Santos, nossa Visitadora, falou-nos da alegria deste sonho realizado, pois devemos considerar nossas Irmãs, de modo especial, as Irmãs idosas e doentes, o tesouro da Província. Esclareceu que o novo espaço tem como objetivo ser um lugar de cuidado mais humanizado e mais próximo ao estilo de vida de uma Comunidade.

Ir. Maria Leopoldina Monteiro Franco e Ir. Ercília de Jesus Bendine foram convidadas a cortar a fita que deu abertura oficial da inauguração do novo espaço de Internação Santa Luísa de Marillac.





No dia 28 de agosto, reunimos todos os colaboradores, médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem e equipe multidisciplinar que atuarão na Unidade de Internação Santa Luísa de Marillac para apresentar o espaço e falar do seu propósito.

Iniciamos este momento com uma espiritualidade falando sobre a escolha do nome do novo espaço. O nome não foi uma escolha aleatória, sem sentido, mas foi uma oportunidade de marcar o 4º centenário da Luz de Pentecostes e, para isto, fizemos, então, memória de quem foi Santa Luísa de Marillac. O que sabemos sobre Santa Luísa? Após esta pequena reflexão sobre Santa Luísa e principalmente sobre o acontecimento de 4 de junho de 1623, todo grupo participou de uma pequena procissão com a imagem de Santa Luísa de Marillac, pedindo sua intercessão e proteção para todas Irmãs que necessitarão dos serviços desta nova Unidade de Internação.

Ir. Maria Aparecida Cirico Maciel recordou a todos a origem do Hospital São Vicente de Paulo. Foi no silêncio, no serviço gratuito e na doação que algumas Irmãs Filhas da Caridade da área da saúde começaram esta obra por meio do atendimento às Irmãs Filhas da Caridade que necessitavam de cuidados hospitalares. Esta ação fez com que o HSVP lançasse em “terra fértil” as primeiras sementes em direção ao seu futuro. Outra iniciativa importante que nasceu junto ao cuidado das Irmãs, foi a oportunidade de preparar e treinar novas Irmãs para o cuidado dos doentes. Estas iniciativas que estão no “DNA” do nascimento da Instituição deixam claro que o conhecimento, o ensino e a prática fundamentada no carisma vicentino sempre foram e sempre serão a base forte, sólida e segura para pensarmos no presente e futuro do HSVP.

Por que fazer menção ao passado e a história desta Instituição?



Quando valorizamos a nossa história pessoal, nossa história de vida, conseguimos entender melhor quem somos e o que queremos para nós, para nossa família, para nossos amigos. Nossa história é a nossa identidade. Nenhum ser humano é capaz de encontrar sentido fora do seu interior, pois é a partir dele que construímos a nossa história e o que queremos ser. “A história é um olhar para dentro” que fundamenta nossa existência, o que somos e o que queremos ser.

Ter uma Unidade de Internação com este objetivo, de cuidar das Irmãs, é manter viva a história deste hospital. É dizer a todos que por mais projetos e planos futuros que tenhamos para o HSVP, sua essência consiste em cuidar bem da vida, em cuidar bem das pessoas, de modo especial daquelas, que doaram suas vidas para o crescimento desta Obra Vicentina que é o nosso Hospital. Daqui desta Unidade de Internação Santa Luísa de Marillac, as bênçãos de Deus, se multiplicarão para todos os colaboradores, médicos, pacientes internados em nosso hospital.

Simbolizando a participação e o compromisso de todos com esta Obra, cada um recebeu uma semente de girassol para semear e plantar, expressando em uma palavra o que deseja cultivar na vivência do dia a dia da nossa missão vicentina hospitalar. Com a semente em nossas mãos, pensamos: O que queremos semear e cultivar em nós e em nosso espaço de trabalho?



Terminamos este momento de oração rezando todos juntos a oração do Pai Nosso. Depois tivemos a oportunidade de visitar todos os espaços e participar de um delicioso *coffee break*.

Com as bênçãos da Virgem Guardiã e a proteção de Santa Luísa de Marillac, a Unidade de Internação iniciou seus trabalhos no dia 04 de setembro de 2023 com a acolhida da Ir. Maria do Socorro Andrade Miranda (Ir. Suzana) e da Ir. Ignez Ferrer Augusto Lima.

Agradecemos a Visitadora Ir. Selma, que com seu Conselho, projetou este sonho e confiou ao HSVP a missão de concretizá-lo.



*Irmãs da Comunidade do Hospital São Vicente de Paulo*

## NOSSAS IRMÃS NA CASA DO PAI

### Ir. Vera Maria Lobo

Ir. Vera Maria Lobo nasceu a 16 de abril de 1941 em Petrópolis/RJ. Seus pais, Felipe Lobo e Angelina Antoun Lobo, levaram-na à pia batismal no dia 15 de junho daquele mesmo ano.

Desde criança Ir. Vera desejou dar-se inteiramente a Nosso Senhor, atraída pelo Serviço dos Pobres, contando com apoio de seus pais. Em outubro de 1962, escreveu a Ir. Blanchot solicitando sua entrada no Postulado. Assim, iniciou o Postulado em janeiro de 1963, no Colégio Santa Isabel, onde havia sido aluna. A 05 de julho de 1963, foi admitida ao Seminário da Companhia das Filhas da Caridade. Emitiu os Votos pela primeira vez a 19 de julho de 1968.

Ir. Vera era uma Irmã de espiritualidade profundamente encarnada. Missionária por natureza, dedicou sua vida, sem reservas, ao serviço do povo de Deus. Comprometida com o carisma e com a missão, aprofundou-se na espiritualidade mística bíblica e vicentina, na ótica feminina de Deus. Considerava a leitura orante da Bíblia e a Eucaristia seus alimentos para a caminhada. Engajou-se em atividades pastorais, catequese, círculos bíblicos. Dedicou-se à Pastoral Popular, trabalhou pela promoção dos direitos humanos, econômicos, sociais e culturais dos Pobres, especialmente dos trabalhadores rurais. Quanto mais se dedicava aos Pobres, mais necessidade sentia de intimidade com Deus.

Ir. Vera era simples, fraterna, disponível, alegre. Participava ativamente da vida comunitária oferecendo às Irmãs seu companheirismo, seu amor afetivo e efetivo, sua alegria e ternura, valorizando a corresponsabilidade.

Ir. Vera serviu Jesus Cristo nas seguintes Comunidades:

- Colégio da Imaculada Conceição - Rio de Janeiro/RJ
- Colégio Santa Isabel - Petrópolis/RJ
- Seminário - Diretora
- Casa São Vicente de Paulo - Acorizal/MT
- Casa Rosalie Rendu - Rio de Janeiro/RJ.

Ir. Vera voltou para os braços do Pai aos 82 anos de idade e 59 anos de Vocação. Com certeza os Pobres já a receberam nos Céus e ela de lá intercede por todas nós, pelos Pobres e por seus familiares.



Ir. Vera recebeu muitas homenagens em vida, mas também por ocasião de sua morte. Compartilhamos algumas delas:

## IR. VERA MARIA LOBO

*Na glória do Ressuscitado...*

*A palavra do dia é **GRATIDÃO**. Pela vida que defendia a vida...  
Pelo amor em pessoa que exalava o amor... Pela presença acolhedora, cuidadora, motivadora e inspiradora...*

*Nós das Comunidades Eclesiais de Base do Regional Oeste 2 da CNBB, ao tempo que externamos nossa imensa dor pela Páscoa definitiva de nossa querida Ir. Vera Lobo, manifestamos que a semente da Esperança (do verbo Esperançar), da alegria de estar e confiar na companhia diária de Jesus de Nazaré, de testemunhar com a vida doada a vivência do Evangelho, plantada nos nossos corações, permanecerá sendo regada com muito amor e dedicação... Seu abraço amigo e a mão sempre estendida continuarão a nos impulsionar na missão junto às nossas CEBs...*

Que o Ressuscitado a acolha em sua Glória até o momento de nos encontrarmos e sorrirmos de novo...

“Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá.”

Rinaldo Cardoso Meira



*Homenagem do Grupo da Agroecologia*

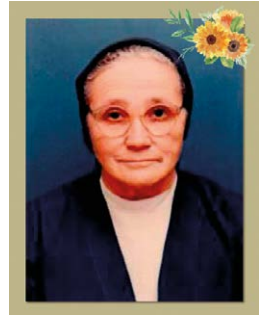


*Homenagens no Encontro Intereclesial das Comunidades de Base -2023*



## Ir. Josina de Paula

Ir. Josina nasceu no dia 18.10.1932 na cidade de São Sebastião do Paraíso, em Minas Gerais. Filha de Ana Maria de Jesus e José Joaquim de Paula, recebeu o sacramento do Batismo no dia 08 de dezembro de daquele mesmo ano.



Sentindo o chamado do Senhor, iniciou o Postulado na Casa dos Pobres São Vicente de Paulo, em Nova Friburgo/RJ. Ingressou na Companhia a 27.05.1955, sendo enviada em Missão no dia 14.09.1956. Emitiu seus Votos pela primeira vez no dia 31.05.1960.

Ir. Josina procurou sempre caminhar no espírito da Companhia. Irmã humilde, simples, piedosa, fiel aos momentos de oração. Era alegre, respeitosa e disponível. Buscava viver a fraternidade com as Irmãs e cuidava com carinho das Irmãs idosas. Muito dedicada aos Pobres, sentia-se muito feliz por servir os idosos e doentes, sempre atenta às suas necessidades.

Ir. Josina serviu Jesus Cristo presente nos Pobres nas seguintes Comunidades:

- Santa Casa de Misericórdia – Vitória/ES
- Sanatório Dr. Pedro Fontes – Itanhenga/ES
- Santa Casa de Misericórdia – Rio de Janeiro/RJ
- Comunidade Irmã Gomes (Santa Casa de Misericórdia) - Paraguaçu Paulista/SP
- Comunidade São João Gabriel Perboyre (Santa Casa de Misericórdia) Cruzeiro/SP
- Hospital Nossa Senhora das Dores (Cascadura) – Rio de Janeiro/RJ
- Cidade dos Velhinhos Luiza de Marillac (Itaquera) – São Paulo/SP
- Cidade dos Velhinhos (Jacarepaguá) – Rio de Janeiro/RJ
- Dispensário São Vicente de Paulo – Niterói/RJ
- Centro Social Nossa Senhora das Graças – Nova Iguaçu/RJ
- Cidade dos Velhinhos Luiza de Marillac (Itaquera) – São Paulo/SP
- Casa Rosalie Rendu – Rio de Janeiro/RJ
- Cidade dos Velhinhos Luiza de Marillac (Itaquera) – São Paulo/SP
- Casa Rosalie Rendu – Rio de Janeiro/RJ

Cumprindo sua missão aqui na terra, partiu para casa do Pai no dia 10.07.2023 com 90 anos idade e 68 de vocação.

Descanse em Paz e interceda a Deus por mais vocações para a Companhia.

## Ir. Thereza Akamatsu

Ir. Thereza Akamatsu nasceu a 25 de novembro de 1937, em Botucatu, São Paulo. Filha do casal Luiz Akamatsu e Anna Akamatsu. A 10 de novembro de 1966, em resposta ao chamado de Deus, ingressou na Companhia das Filhas da Caridade para dar início à sua formação.



Ir. Thereza tinha um grande senso de responsabilidade e retidão e assumia com grande esmero e amor a missão a ela confiada. Muito disponível, alegre, fraterna, sensata, coerente e discreta. Com humildade reconhecia as suas limitações. Assumia com retidão tudo aquilo que fazia.

Por longo tempo, auxiliou no Economato Provincial e foi também Irmã Servente na Casa Provincial.

Era uma pessoa de grande riqueza interior, suas partilhas de oração e de vida ajudavam as Irmãs de sua Comunidade a valorizarem a vocação e a assumirem o compromisso com Deus e com os Pobres.

Ir. Thereza serviu a Deus na pessoa dos Pobres nas seguintes Comunidades por onde passou:

1969 - Assis/SP

1972 - Colégio da Providência no Rio de Janeiro/RJ

1983 - Colégio de Alegre/ES

Desde 1988 – Casa Provincial

Retornou à Casa Paterna, no dia de ontem, contando com 85 anos de idade e 56 anos de vocação.

Que a fecundidade do seu testemunho de vida nos inspire a sermos sempre obedientes à vontade do Pai, quer na saúde, quer na doença.

Senhor, dai-lhe o descanso eterno e que a Luz perpétua a ilumine.

## SOLIDARIZANDO-NOS COM AS NOSSAS IRMÃS NA DOR



- **Ir. Maria Penha Coissi e Ir. Josefa Coissi - irmão**
- **Ir. Otília Barbosa de Souza - irmão**



Rua Dr. Satamini, 333 - Tijuca  
Rio de Janeiro  
CEP 20.270-233  
Telefone: (21) 2563 9450  
[filhasdacaridaderj.org.br](http://filhasdacaridaderj.org.br)